

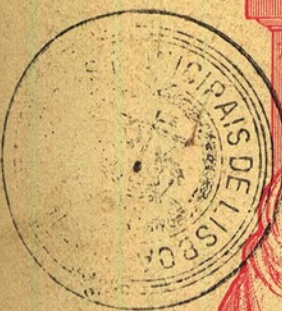
R. 24

COMPRA
ABR. 1940

SERÕES



REVISTA MENSAL
ILLUSTRADA



SUMMARIO

SUA EXCELLENCIA — VINTE DIAS NA RUSSIA — OS INUTEIS REMORSOS — LENDA KANAKA — BONS AMIGOS — AS ESTRADAS DO MUNDO — PROLOQUIOS GLOSADOS — EÇA DE QUEIROZ — A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL — RECUERDO — MODAS — VARIEDADES.

VOL. IV

FEVEREIRO — 1904

NUM. 23

Administração: 7, Calçada do Cabra, Lisboa

Preço 200 réis

SUMMARIO

| | Pag. |
|---|------|
| BELLE FERRONNIÈRE — <i>Quadro de LEONARDO DE VINCI (1483)</i> | 250 |
| SUA EXCELLENCIA. — <i>Por D. JÓAO DA CAMARA — Com 6 illustrações</i> | 251 |
| VINTE DIAS NA RUSSIA. — <i>Por Z. CONSIGLIERI PEDROZO—Com 4 illustrações</i> | 255 |
| OS INUTEIS REMORSOS — <i>Versos.</i> — <i>Por MARTINHO DE BREDERODE</i> | 264 |
| LENDA KANAKA — <i>Por ANTONIO FERREIRA DE SERPA.</i> — <i>Com 3 illustrações</i> | 265 |
| BONS AMIGOS. — <i>Quadro de SWAIN</i> | 270 |
| AS ESTRADAS DO MUNDO. — Do mar Egeu ao golpho Persico — <i>Por</i> <i>SILVA TELLES.</i> — <i>Com 2 illustrações</i> | 271 |
| PROLOQUIOS GLOSADOS. — <i>Por COSME</i> | 283 |
| EÇA DE QUEIROZ — <i>Por ABEL BOTELHO.</i> — <i>Com 5 — illustrações</i> | 285 |
| A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL. — <i>(Continuação)</i> — <i>Por ALBRECHT HAUPT.</i> — <i>Com 14 illustrações</i> | 289 |
| RECUERDO — VALSA — <i>Por G. S.</i> | 202 |
| MODAS. — <i>Com 2 illustrações</i> | 205 |
| VARIEDADES — MEMENTO ENCYCLOPEDICO. — NECROLOGIA. — THEATROS. — PHOTOGRAPHIA PRATICA. — PACIENCIAS. — PROBLEMAS. — DAMAS E XADREZ. | 33 |

38 GRAVURAS

AVISO. — N'esta administração vendem-se pelo preço de 400 réis, cada uma, capas em percalina, propriedade dos SERÕES, segundo a lei, destinadas ao I, ao II e ao III volumes da Revista. Por cada encadernação, de que também se encarrega, acresce mais 100 réis, e nas remessas de volumes pelo correio acresce ainda 100 réis de porte.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Os senhores assignantes de **Lisboa** e do **Porto** podem satisfazer o preço do numero no acto da entrega ou pagar adiantadamente **uma serie de 12 numeros**, tendo n'este caso a redução do preço a **2\$200 réis**, o que equivale a receber *gratuitamente* um numero da serie.

Os senhores assignantes de qualquer outra **terra do paiz, ilhas e possessões portuguezas** poderão inscrever-se (pagamento adiantado) por :

| | | |
|--------------------|-------------------------|---------------|
| Series de { | 3 numeros | 600 |
| | 6 numeros | 1\$200 |
| | 12 numeros | 2\$200 |

Para os paizes da **União Postal**, por **serie de 12 numeros** (pagamento adiantado), **3\$000 réis**, moeda portugueza. Para o **Brazil** (moeda brazileira), **18\$000 réis** por serie de 12 numeros, pagamento adiantado.—Numero avulso **1\$500 réis** (moeda brazileira).

Assigna-se em todas as livrarias do paiz, e em todas as estações postaes; vende-se avulso em todos os lugares do costume e na

Administração dos SERÕES, em Lisbôa, Calçada do Cabra, 7

LOPES, LOURENÇO & C.^{TA}

Proprietarios da CASA AMIEIRO

Confecções
para
homem
e
senhoras



Sortimento
completo
de
tecidos
de
novidade

45, Rua Ivens, 47, 1.^o

ESPARTILHOS

Novos modelos

Exclusivo da CASA DE MODAS

LOPES DE SEQUEIRA

ANTONIO JOSÉ CORREIA

Retratos em todos os tamanhos

PHOTOGRAPHIA UNIÃO

Toma-se conta de todos os trabalhos photographicos

Rua do Limoeiro, 10 e 10-A, LISBOA

Os **SERÕES** tem publicado os seguintes

MYSTERIOS DA HISTORIA

Narrativas dramaticas de casos, incompletamente sabidos, que deixam entrever enigmas crueis do coração humano, motivos de psychologia complexa que desenham caprichosos entrelaçamentos de paixões e de interesses.

Tragedia em Napoles (Joanna, rainha de Jerusalem e da Sicilia). — **Num. 2.**

O collar da Rainha (Maria Antonietta e o cardeal de Rohan). — **Num. 3.**

Tragicos destinos (Maria Stuart e David Rizzio). — **Num. 4.**

Predicção historica (Assassinio de Henrique IV). — **Num. 5.**

O cabaz de pecegos (Morte do papa Alexandre VI). — **Num. 6.**

Vingança de Rival (Filippe II de Hespanha e a morte de Escovedo). — **Num. 7.**

A torre de Londres (Jayme I de Inglaterra, e o conde de Somerset) **Num. 8.**

Tragica historia d'um csar (O aventureiro Demetrio). — **Num. 9.**

Romance d'um principe (Filippe II de Hespanha, e seu filho D. Carlos). — **Num. 10.**

Curiosa confissão d'um rei (Carlos IX e o assassinio de Coiigny). — **Num. 11.**

Fatal entrevista (A morte de Francisco Borgia, duque de Gandia). — **Num. 12.**

O serralheiro do rei (Luiz XVI e Gamain). — **Num. 14.**

Carlos Corrêa da Silva

RUA SERPA PINTO, 24 = LISBOA

DEPOSITO DE MACHINAS INDUSTRIAES

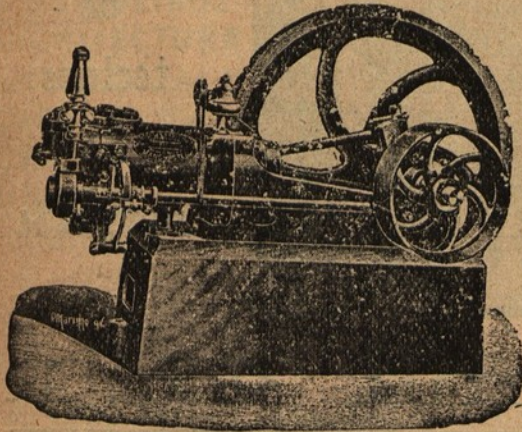
MOTORES A GAZ

CROSSLEY

TINTAS DE IMPRENSA

DE

CH. LORILLEUX & C.^a



Materiaes para typographia e lithographia

Le Tricot Russe

ELASTICO

Hygienico

E

Elegante



—Quem falla?...
—.....

—Se estou satisfeita com o **TRICOT Russe?**
Estou maravilhada e não usarei d'outro, fique certo.

REMY, BAULEY & C.^{ie}, Troyes

Representante em Lisboa, *Alfredo Ramos*, Rua da Coñeição (vulgo dos Retrozeiros), 70, 2.^o
A' venda em todas as casas de novidades.

PASTILHAS PERFUMADAS

MARCA «SANO»

FABRÍCOIA PERFEIÇOADO

Réis 180, cada caixa de seis pastilhas

A VENDA SÓ NA

ANTIGA DROGARIA BARREIRA

105, RUA DE S. ROQUE, 107

LISBOA

MOBILIAS Vendem-se de salas, quartos e casas de jantar.

PREÇO BARATO

82, Rua Nova da Trindade, 82

TYPOGRAPHIA ↗

EDUARDO ROZA

29, Rua da Magdalena, 31 (Em frente da Rua dos Bacalhoeiros)

Impressos para o commercio, bancos, companhias e associações. Preços os mais resumidos de Lisboa. Execução rápida é nitida.

Colchoaria e moveis de ferro

10, Largo do Rato, 11
ESTEVÃO DA SILVA

LOPES DE SEQUEIRA

CASA DE MODAS
Rua Ouro, 285 a 293, Lisboa

João Nunes de Carvalho

COLCHOARIA

E MOVEIS DE FERRO

62, Rua do Loreto, 64 — Lisboa
(Esquina da Rua da Atalaya)

SATURIO PAIVA Cirurgião dentista, pela Escola de Paris. Doenças da bocca. Collocação de dentes.

Rua de Santa Justa, 60, 2.^o
(Esquina da rua Augusta)

ASPHALTO NACIONAL

DE

MARQUES & DOMINGUES

Encarrega-se de trabalhos em Lisboa e provincias

TRABALHOS GARANTIDOS

33, POÇO DO BORRATÉM, LISBOA

M. A. BRANCO & C.^a

PAPELARIA PROGRESSO

LISBOA — 151, RUA DO OURO, 155

OFFICINAS A VAPOR: Rua do Crucifixo, 60 a 66

Gravura heraldica e commercial — Carimbos de borra-
cha — Typographia e lithographia — Bilhetes de visita.

Medalha de ouro, Paris, 1900.

Diploma de honra, Exposição de pomologia,
Lisboa, 1900

CASA FUNDADA EM 1792

JERONIMO MARTINS & FILHO

FORNECEDORES DA CASA REAL

LOJA DE CHÁ

CHIADO, 17 E 19

ARMAZEM DE VIVERES

CHIADO, 13 E 15

Fornecedores de mantimentos para navios

Deposito de latas, caixas com fructas para exportação

Numero telephonico 221

Endereço telegraphico Viveres LISBOA

Ó Gato

Unica casa
creada em
Lisboa para
a venda de
Louça das
Caldas.

Premiada nas
principaes expo-
sições da Euro-
pa e da America.
Rua da Victoria
LISBOA

Preto



SELLAS

De todas as colonias, antigos e modernos, pagam-se por altos preços na antiga casa de Faustino A. Martins, Praça Luiz de Camões, 35, Lisboa.

N'esta mesma casa ha a collecção mais importante de bilhetes postaes illustrados, de Portugal, ao preço de 200 réis a duzia ou 1\$500 réis o cento.

Livraria do Telegrapho

Unica no districto da Horta

Recebe publicações á consignação. Faz propaganda de livros offerecidos, pois é editora do unico jornal diario do districto com larga circulação.

Dão-se referencias

MOBILIAS E ESTOFOS

MENDES & .^a

221 a 227, RUA DA PRATA, loja e 1.^o andar

LISBOA

Mobílias em diferentes generos.—Papeis pintados.—Estofos, cortinas, stores, galerias, espelhos, tapetes, oleados e todos os artigos para adornar casas.

Os **SERÕES** teem publicado as seguintes


MUSICAS PARA PIANO

Gavota, por AUGUSTO MACHADO. — **Numero 1.**
A Resurreição de Christo, *Oratoria*, por D. LORENZO PEROSI. — **Num. 2.**
Rachel, *Valsa*, por LAURA ESCRICH. — **Num. 3.**
Folha d'Album, por OSCAR DA SILVA. — **Num. 4.**
Feiticeira, *Valsa*, por EDUARDO BOEYÉ DE PASCAL. — **Num. 5.**
O que dizem as ondas, *Valsa*, por IZABEL DE CAMPOS PIDWELL. — **Num. 6.**
Meditação, *Mazurka*, por VISCONDESSA DE FARIA PINHO. — **Num. 7.**
Romanza, por A. BRINITA, (*D. Maria Bravo*). — **Num. 8.**
O Tição Negro, *Serenada do 1.º acto*, por AUGUSTO MACHADO. — **Num. 10.**
Dansons! *Pas-de-quatre*, por M. JULIA LOUREIRO DE MACEDO. — **Num. 11.**

Rapsodia d'Agueda, (*Musica popular*). — **Num. 12.**
Le Ballet du Roy, *Gavota*, por LULLY. — **Num. 13.**
Gipsy, *Valsa*, por C. L. — **Num. 14.**
Maria da Gloria, *Valsa*, por CARLOS PINTO COELHO. — **Num. 15.**
Minuete, por J. P. RAMEAU — **Num. 16.**
Luisette, *Valsa*, por F. DE BORJA ARAUJO. — **Num. 17.**
Minuete, por J. B. LOLLY — **Num. 18.**
Descantes, por AUGUSTO MACHADO. — *Versos de J. de Souza Monteiro.* — **Num. 19**
Absorta, versos por JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO, musica de M. GRISALDE. — **Num. 20.**
Ballada Portugueza por JOSÉ D'AGUEDA. — Composta para piano e canto, por D. Franco. — **Num. 21.**

NUNES & NUNES
 CAMBIO E PAPEIS DE CREDITO
 95, Rua do Ouro, 97

«A MODA»
 João José Martins
 MODAS E CONFECÇÕES
 172, Rua do Ouro, 174
 LISBOA



Acaba de apparecer:

CARTA CHOROGRAPHICA DE PORTUGAL

CONTENDO A
 DIVISÃO ADMINISTRATIVA POR CONCELHOS
 E
 O ESTADO DA REDE FERRO-VIARIA
 E DAS ESTRADAS ORDINARIAS NO FIM DO ANNO DE 1901
 COORDENADA POR
JOSÉ A. F. DE MADUREIRA BEÇA
Engenheiro civil, chefe do serviço do recenseamento geral da população de Portugal
 NA ESCALA DE 1 × 500.000

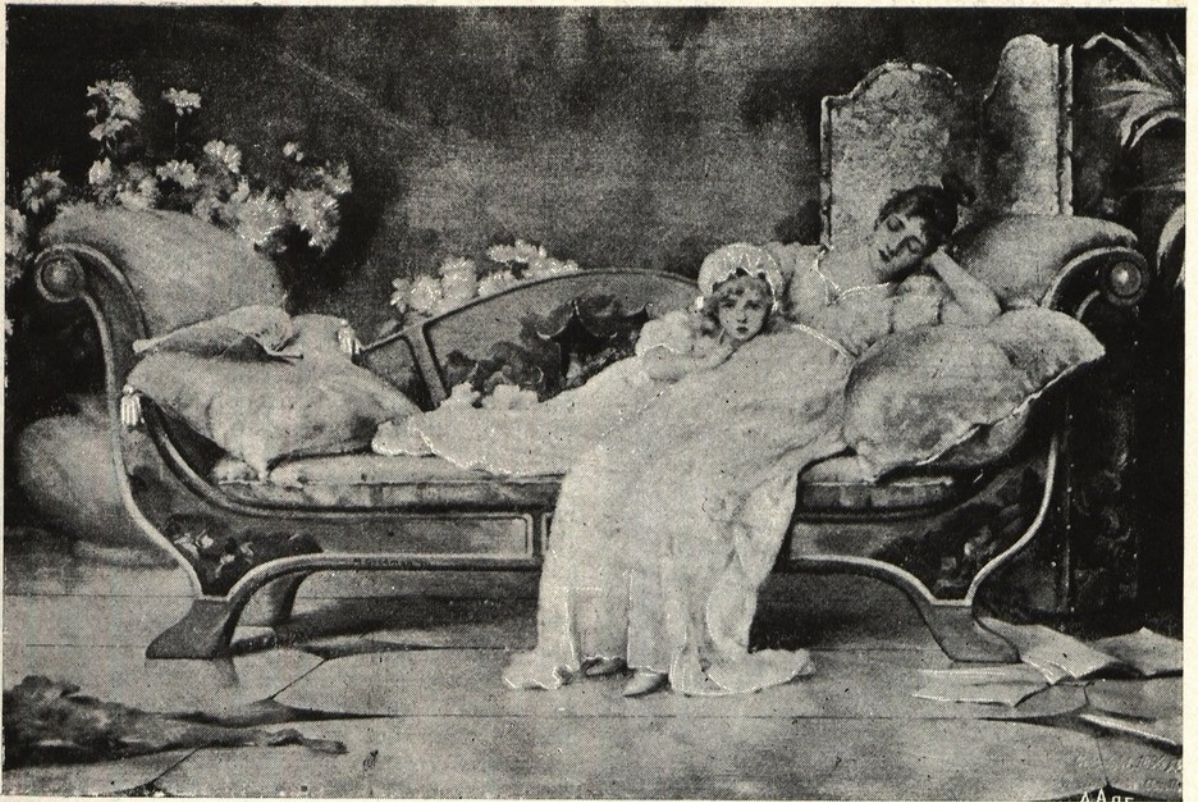
1 folha medindo 1^m,30 × 0^m,90, impressa a 12 cores em magnifico papel velino Réis 1:000
 Collada em tella, envernizada e reguas, para pendurar » 2:000
 » » » e dobrada, em pasta de 0,19 × 0,14. » 1:800

Este mappa mural o mais **perfeito, nitido, exacto e completo** que se tem publicado, vem preencher uma lacuna que de ha muito se sentia já nas **Escolas**, já nos **Escriptorios e Repartições publicas**, já na **habitação** de cada um.
 A's indicações inherentes ás melhores cartas, como *Limites dos concelhos, districtos e provincias, serras, rios, bispados e arcebispados, fortificações, sede das divisões militares, etc., etc.* juntou-se ainda:
O traçado das estradas em 31 de dezembro de 1901 — indicação utilissima que pela primeira vez se publica n'esta escala d'uma forma tão completa.
Um quadro chorographico e detalhado da Metropole portuguesa.
A lista dos concelhos por districtos e provincias indicando o numero de freguezias e de habitantes que as constituem, referido a 1 de dezembro de 1900 (resultado do ultimo censo).
TODOS OS PEDIDOS SÃO IMMEDIATAMENTE SATISFEITOS DIRIGINDO-SE A
MANUEL GOMES, LIVREIRO EDITOR
 RUA GARRETT (CHIADO), 61 — LISBOA

COOPER
L. D. M.
DE



BELLE FERRONNIÈRE — QUADRO DE LEONARDO DE VINCI (1483)
Suppõe-se ser o retrato de Lucrezia Crivelli, amante de Ludovic Sforza



SCHUT! SILENCIO! A MAMÃ DORME — Quadro de Goodman

Sua Excellencia

SE um dia eu tiver um neto, quem manda é elle. Tão certo...

Parece-me que já o estou vendo: uma deliciosa esculpturasinha toda feita de folhas de rosa, por mãos de fadas. Rosas na bocca, rosas nos pésinhos. E joias espalhadas: as unhitas, como opalas, o primeiro dente uma perola!

E nós todos, os paes, os avós, as tias, de volta d'elle, a admirar-lhe perfeições, sem illusões, conscienciosamente embasbacados, com exclamações de orgulho! Refêgos, covinhas, signaes, parecências, havemos de cantar o repertorio todo e de espantar com o nosso canto os tentilhões e os melros.

S. Ex.^a logo de pequenino, ha de começar a ter historia, muito apontada, muito commentada. Quando, pela primeira vez, elle entreabrir os labiositos n'um sorriso, mostrando as gengives desdentadas, vai ser um dia de festa.

E a do primeiro dente? Essa então ha de ser falada! Parabens á mãe, parabens ao pae, e festas na barba ao pequeno, e «deixa ver» que até S. Ex.^a ha de fazer beicinho!

Então, com grande surpresa, uma vez, no rolar das syllabas hão de algumas apparecer formando sentido. É certo, e parece que toda a casa se illumina com aquelle primeiro raiosinho de intelligencia! E todos a rirem!... Vêm depois as grandes e solemnes coleras, as lagrimas nos olhos, os punhositos cerrados. E

todos de cabeça vergada, á espera que passe o temporal!

Será um neto?... Será uma neta?

Uma pequenina...! Que ternura tamanha a primeira vez que ella descerrar os labios n'um beijo mal dado, bulhento, desgeitoso! O primeiro beijo d'uma neta!...

Como, enternecidos, lhe havemos de ir, a pouco e pouco, adivinhando instinctos a florescerem, pequeninos como miosotis, mas já perfumados como violetas! O amor á boneca, primeira luz n'um coração que ha de ser de mãe, e de avó, se Deus quizer! Que lindas coisas lhe diz em tatibitati, emquanto não a esfarrapa! Depois, que importa? Se não tiver boneca, para que lhe servê a mãe? Chama-lhe sua filha, velará por ella, e, vendo-a a dormir, sentar-se-ha muito devagarinho, com o dedito na bocca:

—Schut! Não façam bulha; a minha filhinha dorme!

*

Mas, ai de nós, que a mulher com seus defeitos não tardará a apparecer, defeitos muito grandes para que é preciso franzir auctoritariamente o sobr'olho e fazer uma cara muito feia. E, entretanto, como a pequenita será bonita com suas vaidadesinhas fingindo de mulher grande! Como se abaixará para que o vestido toque nos degrãos quando descer a



PRIMEIRO MINUETE — QUADRO DE S. MUSCHAMP

escada, como saberá imitar os ademanos das visitas, abrir e fechar o leque e dizer disparates! Hão de os avós esconder-se para rirem e a própria mãe criará remorsos, ensinando-lhe o minuete.

*

Decididamente, prefiro um neto. Dá outro orgulho á gente.

— Rapaz ou menina?

— Um rapaz.

Responde-se com a bocca cheia, e passa-se a mão pelo bigode, a disfarçar um sorriso de contentamento.

Um rapaz!

Deante d'elle, todos param na rua. Os cocheiros susteem

os cavallos. E' um murmurio de admiração. Elle, todo embrulhado em rendas, segue tranquillo. Ha de ser um homem!

*

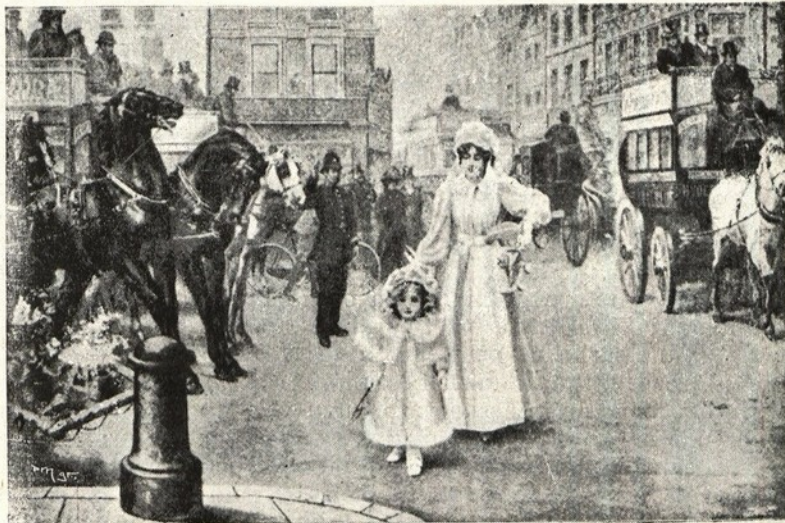
E toda a graça d'elle afinal é isto: ha de ser um homem! Faz pena que, um dia, n'aquellas faces macias e coradas, perfumadas como um fructo, uma ligeira sombra appareça, que ha de ser barba, talvez umas grandes barbas. Um dia, numero um para major, aquelle que ali vai encantando os olhares, ha de falar cheio de importancia, limpando a garganta do pigarro, atirando o monoculo ás damas que passam.

Deixal-o. Defeitos, que hão de ser, agora são qualidades. Gostamos de vel-o orgulhoso do seu desembaraço, firme nas pernitias, sonhando cavallarias.

Neto ou neta, que me importa? Quero a criancinha em casa, desde manhã alvorçando agente, desafiando os passaros com seus gorgeios. Ainda a luz do dia não entrou no quarto e já ella palra a adivinhar o dia. A musica traz á vida dos velhos um ar de festa. Mais quente o coração aquece a velhice. De quando em quando, uma traquinade, um susto... E a criancinha impavida no meio dos cacos! Como a seiva trepa nas crianças!

Vão crescendo, vão-se-lhe os gostos revelando. Ha as de todos os generos, impulsivas e concentradas, poetas e philosophos, uma pacientes e acauteladas, outras de cabeça no ar, estoirando ao primeiro embate.

Aquella deu-lhe para ser artista; com um lapis na mão, agarrado como um punhal, poz-se, d'olho attento, lingua de fóra, riscando no papel traços que se enmaranham e em que ella vé, maravilhada, senhoras na sala de visitas, regimentos levando a banda á frente, com os clarins sonoros, os tambores, os pratos, quanto faça dulha. Se um dia apanha a palheta d'um pintor, temos coloridas e estragadas as gravuras d'um bom livro.



SUA MAGESTADE, O BABY — QUADRO DE ARTHUR DRUMMOND

*

Aquelle, mais crescidote, é artista n'outro genero: cultiva a arte Marialva. Desde que um dia foi aos toiros, sonha ovações na grande praça. E elle, a meio galope, todo ufano, erguendo alto o chapéo emplumado, saudando o publico!

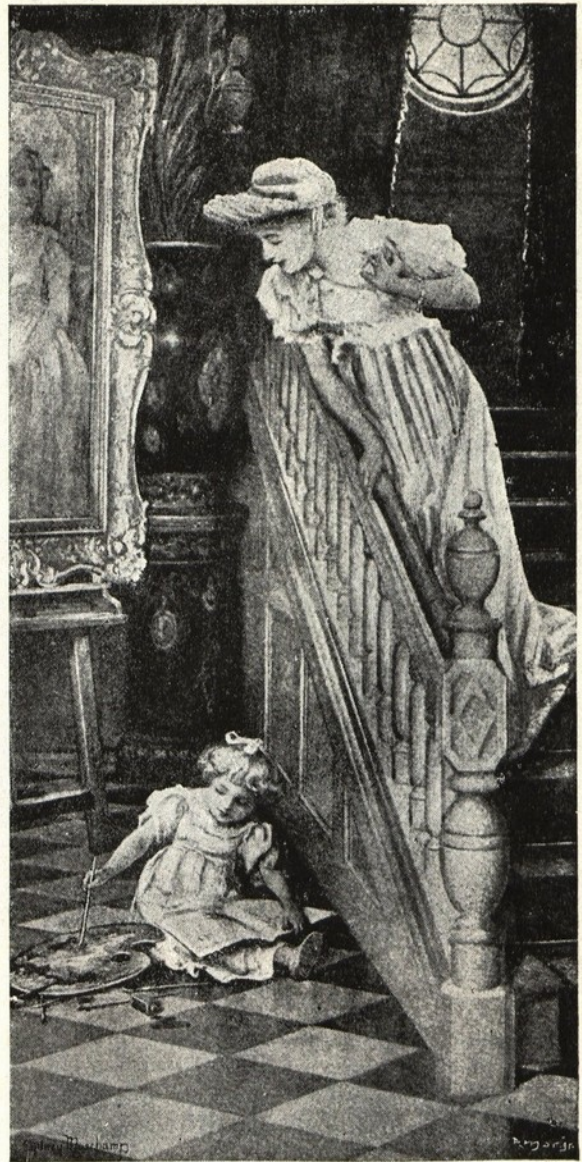
O peor é que tudo lhe falta; mas a fantasie tudo supre. O ultimo meio tostão que lhe resta do passeio... Medita... Se ha de galta-o no aluger d'um burro? Dito e feito. E, montando no gerico, dá largas á imaginação. O burro encosta-se ás paredes, rasga-lhe os calções nas silvas dos vallados, e elle julga que ladeia. São as cortesias; até já lhe parece ouvir o ecco dos applausos. Depois o sonho sobe, sobe mais alto: o burro ruço é um cavallo branco! Eil-o general; a mandar uma batalha; commanda a carga os inimigos fogem derrotados! Como elle volta glorioso, n'um choutinho prudente!

E, á noite, em casa, conta façanhas. O burro era levado do diabo, dava coices nas estrelas! As criadas velhas teem calafrios.

Que lindos sonhos á noite! E' um cavallo a galope pela alameda das olaias.

Se Deus me conceder uma neta, ha de a casa offerecer maior socego. Até o sol, no quarto de côres muito claras, entrará mais discreto. Ha de o berço ter cortinas muito espessas, para que a pequenina possa mais tempo sonhar com o céu d'onde veio, do qual o olhar mansinho ha de conservar, ainda por uns annos, um reflexo muito suave. E na voz tambem ha de haver eccos do que ella ouviu para além do azul, trechos de melodia que ainda traga no coração, como n'um buzio se encontram, applicando-lhe o ouvido. canções do mar onde nasceu. Quando ella dormir, o respirar sereno ha de ser como o adejo fresco das azas angelicas que a trouxeram á terra. Tão bonita, tão bonita, que até nos fará devoção!

Uma neta!...



UMA ARTISTA — QUADRO DE S. MUSCHAMP



O ULTIMO TOSTÃO. — QUADRO DE WEEKES

Mas se fôr um neto, a alegria será a mesma; talvez o sonho seja maior, de maior esplendor.

Um neto!... É que um olhar mais firme, um gesto de mais definido vigor, abre caminhos mais vastos, rasga futuros mais gloriosos. A aurora é mais viva, mais ardente em côres; tem mais oiro, mais esmeraldas, saphiras mais intensas, carbunculos de maior fogo. Cresceu, susteve-se mais cedonas pernas; ao primeiro acto de energia que lhe revelou o musculo, ergueu altivo a cabecita. Ha de ser um homem!... Aquillo é que ha de ser rir, a primeira

vez que elle vestir calções e metter as mãos nas algibeiras, e o que todos disserem d'elle, e elle a pensar : — «Hei de ser um homem!»

Nem sabe a gente o que mais deve desejar,

forte d'homem que ha de ser energico Duvida a gente, que para um e outro se lhe vai o coração inteiro.

Em sonhos os vêmos, em sonhos que nos encham de luz os primeiros cabellos brancos,



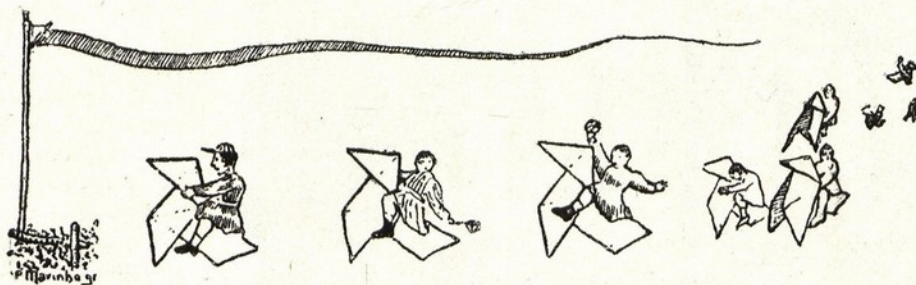
AS PRIMEIRAS CALÇOTAS — QUADRO DE FRED MORGAN

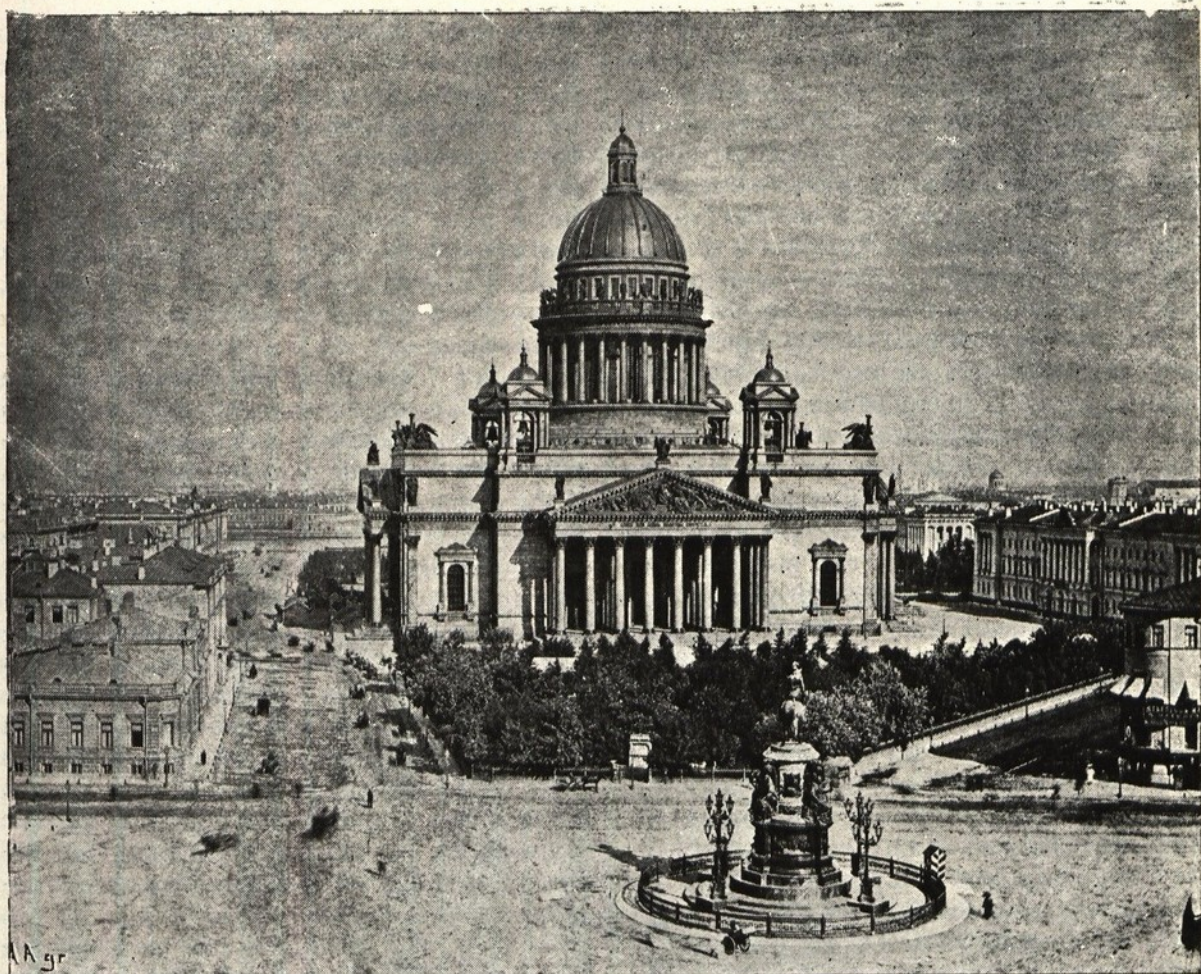
se a pequenina toda meiguice, toda ella ainda a rescender perfumes, que das azas dos anjos lhe ficaram n'um pollen doirado, se o garoto d'olho vivo, a brilhar por entre os canudos cahidos sobre a testa, como uma estrella em céo negro, boquita entre seria e ironica, pulso

em sonhos cujas imagens se movem, ora ao som d'umas harpas como não as ha na terra, ora aos hymnos festivos d'uma fanfarra doidamente alegre.

Não sabe a gente; mas decide : Quero um neto e quero uma neta!

D. JOÃO DA CAMARA.





S. PETERSBURGO — A CATHEDRAL DE SANTO ISAAC

Vinte dias na **Russia**

(IMPRESSÕES DE UMA PRIMEIRA VIAGEM)

POR Z. CONSIGLIERI PEDROZO

CAPITULO IV

A CAPITAL.

Primeiras impressões da cidade. — Os «Izvochtchiks». — As ruas. — As praças e os jardins. — A architectura. — A perspectiva Nevsky.

PARA o portuguez, especialmente para o lisboeta, que chega á capital da Russia, tendo feito a viagem por terra, é motivo de verdadeira alegria o encontrar depois de tão longa separação dois antigos conhecidos, de que nunca mais tornou a ter noticias emquanto andou pela Europa central.

Esses dois conhecidos que eu saudei com o alvoroço de quem já começa a soffrer da nostalgia de alguma cousa, que desde a infancia lhe era familiar, foram: o rio e a côr.

Pela primeira vez, com effeito, depois da minha saída de Portugal via eu um rio a valer, que me fazia lembrar o meu Tejo. Não que a Nevá possa precisamente comparar-se em largura, em volume d'agua e em magestade com o nosso bello estuario em frente de Lisboa. Mas com a sua vasta superficie, com a sua profundidade, com as suas aguas azues, limpidas, e com a linha de construcções grandiosas, que pela duas margens a fecham, é certo que a Nevá deixa uma impressão tanto mais duradoira quanto é unica para quem só conhece os pseudo-rios

da Europa. A' noite sobretudo, olhar de cima da ponte Troitsky ou da Dvortsoy para a iluminação da cidade, extendendo-se a perder de vista junto á flôr d'agua pelos differentes caes, de um e outro lado, é espectáculo que não se esquece facilmente. Póde mesmo dizer-se que, entre o Palacio d'Inverno e a fortaleza de S. Pedro e S. Paulo na margem opposta, a Nevá assume as proporções de um grande e bello rio.

Foi a primeira nota, que em S. Petersburgo me impressionou e me predispoz favoravelmente. Já podia matar saudades á vontade, sem necessitar recorrer a artificios de imaginação para converter em rios *por hypothese* essas ridículas convenções de gabinete, verdadeiras ironias geographicas, que pomposamente se denominam nos mappas e nos compendios — Manzanares, Sena, Spree e *tutti e quanti*.

A segunda nota que me feriu, mal tinha percorrido pequena parte da cidade, foi a abundancia de côr, talvez mesmo abundancia de mais, o que dá por vezes nos differentes edificios, n'algumas ruas sobretudo, a apparencia de construcções de bazar. Não importa! Talvez effectivamente em S. Petersburgo se abuse um pouco d'este recurso decorativo, prejudicando em certos casos o character monumental das edificações. Mas para mim nascido na cidade da Europa onde a côr, realçada pelo brilho de um sol incomparavel, é o principal attractivo e a feição mais original, essa variedade de tons — em que predomina o verde, o branco e não raro o encarnado, — produzia-me gratas impressões.

Ao menos já não tinha constantemente diante da vista, a pesar-me sobre o espirito, o aspecto sombrio, escuro e soturno das casas de Paris, e de Berlim, as quaes não obstante toda a grandeza architectonica que as enriquece, infundem no meridional, filho dos paizes da côr, inexprimivel sensação de tristeza.

S. Petersburgo é, além d'isso, a terra por excellencia das taboletas vistosas e das decorações berrantes. Em capital alguma das que conheço, o luxo do reclame graphico assume taes proporções. As taboletas das lojas, dos armazens, dos escriptorios, dos hoteis, das redacções, enchem litteralmente as frontarias dos predios. Ha-as de todos os tamanhos e feitios. Ricas, pobres e simplesmente modestas. Laconicas como telegrammas, e longas como inscrições de pharaós. Os caracteres russos contribuem de mais a mais para as adornar com fórmulas calligraphicas de extraordinarios recursos, e como se isto não bastasse vem o desenho illustral-as com sug-

gestivas vinhetas: pães, ramos d'espigas de trigo, de cevada nas dos padeiros; uvas, pecegos, ameixas, nas dos fructeiros; bois, carneiros, vitellas, nas dos açougues; arbustos, flores, ramalhetes nas das floristas; livros, mappas, jornaes e folhetos, nas dos livreiros, etc., etc. De modo que esta pittoresca promiscuidade de phonetismo e idiographismo na escripta dá a sensação optica, e como reflexo, a impressão artistica mais singular que imaginar se póde.

Ainda S. Petersburgo apresenta á primeira inspecção outros pontos de contacto com Lisboa, não obstante as differenças de physionomia que separam as duas capitaes.

Por exemplo: o ruido — não o confuso, o anónimo, seja-nos relevada a expressão, resultante do arfar gigante de um grande agglomeração humana, como em Paris; mas o produzido pelo vozear distincto de pessoas gritando, como acontece em Lisboa com as peixeiras, lavadeiras, cocheiros, etc., encontra-se exactamente nas margens da Nevá como nas do Tejo. Foi mesmo o episodio mais característico da minha chegada a S. Petersburgo, o que logo á sahida da gare de Varsovia se passou com o grupo de *izvóchtchiks* (cocheiros) que aguardavam os passageiros do comboio.

Apenas, com effeito, eu e os meus companheiros de viagem nos dirigimos á pequena praça em frente da estação, vimo-nos immediatamente cercados por um bando de cocheiros, gritando, gesticulando, atropelando-se, agarrando-se a nós para que os attendessemos, embargando-nos o passo se pretendiamos libertar-nos d'esta inesperada recepção, e tudo isto acompanhado pelo mais rico e movimentado vocabulario de pragas e juras, que creio lingua alguma do mundo como o russo possui em tão vasta proporção.

Por isso, esquecendo-me da fadiga de uma viagem de quarenta horas; não prestando sequer attenção ás admoestações mais do que repetidas do meu estomago, que imperiosamente, depois de um dos mais prolongados jejuns a que fôra submettido, exigia e com razão, seja dito de passagem, entrar na plena posse dos seus direitos e vêr satisfeitas as suas reclamações, fiquei-me por momentos a contemplar aquelle espectáculo tão caracterisadamente russo, mas tão essencialmente humano, póde bem afirmar-se; porque o cocheiro silencioso, ordeiro, macambusio, temente da policia, e angariando tranquillamente os freguezes dentro do *canon* dos regulamentos municipaes, é um producto hybridado da civilização occidental, sem individualidade propria, sem

animação, sem vida, um verdadeiro eunucho da classe, ao qual o estúpido formalismo burocrático privou dos prazeres masculos e sadios... de nos ensurdecer os ouvidos!

Muito embora! é o caso de repetir com o tribuno, que mais vale a liberdade com todas as suas tempestades...

E vale. Que nota pittoresca não imprime o *izvóchtchik*, com effeito, á vida de S. Petersburgo e de Moscou! E tudo n'elle concorre para o constituir um dos typos mais originaes d'estas duas cidades. Primeiramente a desenvoltura, a loquacidade, a viveza; depois o traje, — longa bata de panno azul escuro ou preto, apertada por uma correia ou por uma facha de côr ordinariamente vermelha na cintura, e chegando

como uma saia de mulher até aos pés, e na cabeça o bonné nacional cossaco; a physionomia, uniformemente emmoldurada por bastas e compridas barbas patriarchaes, e longos cabellos pendentes sobre os hombros, conjuncto que em verdade destoa pela apparente gravidade do tom factto, sem-ceremonioso e folgazão dos seus possuidores; a conformação obtida como mais tarde soube por um enchumado proprio, tão singular, tão extraordinaria mesmo que para o que ignorasse esta circumstancia pareceria ter sido obtida de proposito,

por algum desconhecido processo de orthopedia especial, pois nunca mais em parte alguma tornei a vêr homens de semelhante feitio, absolutamente sem cinturas todos elles, e com tal desenvolvimento de tecido adiposo nos quadris, que a parte inferior do corpo parece, quando sentados sobre a almofada, uma especie de base ou pedestal, de onde se levanta o resto do tronco; finalmente o modo de guiar, com os braços abertos e uma redea em cada mão, tornando por tal motivo impossivel o uso do chicote, o que de resto não impede que a velocidade dos trens em S. Petersburgo seja superior á das demais capitaes da Europa.

Tudo, tudo contribue para fazer do *izvóchtchik* o typo popular mais original das cidades russas, e ao mesmo tempo a sua nota mais animada.

Visite-se, por exemplo, Varsovia onde o *izvóchtchik* é já o cocheiro allemão, com o uniforme da civilização occidental, e ver-se-ha que não obstante a vida e o movimento das ruas da rainha do Vistula, falta-lhes a nota alegre e desenvolta, que imprime feição unica ás cidades moscovitas.

Em S. Petersburgo o numero de trens de aluguer (tambem denominados *izvóchtchik* por causa dos cocheiros que os guiam) é de vinte e cinco mil, conforme a estatística official, quer dizer, muito superior sobretudo relativamente á população ao de qualquer das capitaes europeias, sem excluir Londres ou Paris. Por isso, e como em S. Petersburgo as distancias são muito grandes tornando-se portanto impossivel percorrel-as a pé, toda a

gente póde dizer-se anda de trem, apesar da desenvolvida rede dos *tramways* da capital. elegante avenida de S. Petersburgo, é vulgaris-Assim, na propria Perspectiva Nevsky a principal arteria e a mais simo encontrar ao lado do *izvóchtchik*, onde se recosta um general de vistoso uniforme ou uma *bárinia* vestida de elegante *toilette*, um trem conduzindo *nassylchtchiks* (moços de recados, de fretes) descalços, no desempenho de alguma commissão do seu modesto mister.

Tambem, diga-se desde já, em parte alguma as tarifas são tão



UM COCHEIRO RUSSO

convidativas como na Russia; não as tarifas de direito estabelecidas pelo municipio, porque essas não existem, mas as tarifas de facto que se obtem sem grande difficuldade, graças á exuberancia da offerta, sendo necessario apenas dispender alguns minutos no ajuste, o qual quasi constantemente se fecha com o *bólchie ne dam* da praxe, phrase que litteralmente significa *não dou mais*. E assim que uma corrida na cidade (e ás vezes a distancia percorrida é de tres e quatro kilometros) custa de ordinario entre 20 e 30 *kopéikas*, pouco mais ou menos 120 ou 180 réis da nossa moeda! Não admira, pois, que com preços assim até os moços de recados andem de caruagem.

A tarifa de 20 *kopéikas* é no entanto apenas para os trens de um cavallo só, *drójk* e *izvóchtchik*, que conduzem duas pessoas, qua-

si sempre mesmo uma, podendo apenas por excepção admittir tres. N'este caso a terceira vae no collo das outras duas. Chama-se a este modo de andar, não lá muito commo- do como por experiencia propria pude reco- nhecer, sobretudo se a pessoa a que temos de fornecer assento é de razoaveis propor- ções: *iéchat v troióm* (ir a tres).

Verdade seja, que por vezes o andar d'esta maneira tem as suas compensações agrada- veis. Quando vae uma senhora, e esta even- tualidade não é rara, porque assim vimos al- gumas pertencentes ás melhores familias, é ella quem se senta no collo dos companhei- ros.

Além do *izvóchtchik* e do *drójk* ha a *ka- réta*, tirada por dois cavallos, e a *tróika* pu- chada por tres. Claro está que para estas a tarifa é mais elevada. Existe ainda a *likhátch*, trem elegante tirado por dois cavallos tam- bem, mas que já se considera como carrua- gem de luxo, pagando-se o aluguer em con- formidade.

A *tróika* nacional, porém, guiada por um *iámchtchik*, assim se denomina o cocheiro d'esse vehiculo, é de todos os trens o mais original e curioso. Pucham-n'a tres cavallos mas atrelados differentemente. O cavallo do meio, mais vigoroso do que os outros de or- dinario, vae a trote largo. É elle além d'isso o unico collocado de baixo da *dugá* (arco), em cuja parte superior tilinta a campainha, característica das equipagens russas.

O cavallo da mão e o da sella teem os mo- vimentos mais livres, galopando á direita e á esquerda, fóra do caminho seguido pelo que chamaremos tronco. É verdadeiramente pit- toresca semelhante carruagem, e quer em S. Petersburgo e Moscow, quer no campo onde tive tambem occasião de a encontrar, embora com algumas variantes, sempre o seu sabor indigena me produziu a mesma impres- são de encantadora originalidade.

Mas é tempo, depois de pago o merecido tributo ao mais bello typo popular de S. Petersburgo, de nos encaminharmos para o ho- tel a reparar os estragos que a viagem fizera nas nossas *toilettes* e a refazer as forças um tanto mingoadas pela abstinencia forçada, que o regimen ferro-viario a que estiveramos submettidos durante quarenta horas nos impozera.

Arrumada que foi a bagagem e installado que me achei no carro, afinal alugado por um terço do preço primitivamente exigido, graças á influencia do peremptorio *bólchie ne dam*, especie de magico talisman de proprie- dades infalliveis para os *izvóchtchiks* da capi- tal da Russia, pozemo-nos a caminho.

É como, apesar de serem mais de oito ho-

ras da *noite*, ainda era *dia* perfeitamente cla- ro, preparei-me para não perder nem uma unica das impressões da minha primeira en- trada.

Estas impressões, confesso-o, não foram as que eu esperava sentir. Verdade seja que quasi sempre assim acontece, quando chega o momento de vêr convertido em realidade tangivel o ideal, que durante muito tempo a nossa imaginação foi engrandecendo a capri- cho.

Ora eu, em verdade, no paiz encantado dos meus sonhos tinha desde muito construido uma capital da Russia tão cheia de riquezas e maravilhas, de grandezas e deslumbramen- tos, que foi com o sentimento mal disfarçado de uma penosa desillusão, que comecei a ver desfilar diante de mim as ruas, as praças e os edificios da rainha da Nevá, rainha que logo á primeira visita despiu na minha presença o manto que a fantasia de um meridional lhe constellára de mil esplendores, para me appa- recer nos trajas vulgares e caseiros das outras cidades que eu visitára.

Não podia conformar-me com a ruina do meu sonho! A capital da Santa Russia de- via ser alguma coisa mais, persistia eu em pensar, não obstante a sua vastidão, que é enorme, como depois tive occasião de veri- ficar, e a sua riqueza, que é grande, como pude observar tambem.

Não ha duvida que nos dias subsequen- tes, e depois de uma visita circunstanciada, esta primeira impressão se modificou bastan- te. Não se desfez, porém, completamente. Apesar do muito que S. Petersburgo tem que admirar, e que a torna uma das mais bellas capitaes da Europa, senão a mais bella de todas, eu continuava a achal-a abaixo do papel, que o destino lhe confiára ao sagral-a cabeça do maior imperio do mundo. Esta minha impressão era um presentimento, co- mo comprehendí mais tarde ao entrar em Moscou, essa sim, a verdadeira capital da Russia, sob todos os aspectos. Mas não an- ticipemos, continuando por agora o nosso caminho para o hotel.

As ruas de S. Petersburgo são das mais largas que conheço, largas de mais me pa- receram mesmo para o movimento de muitas d'ellas. Extensissimas, não raro medindo ki- lometros de comprimento, são todas sem excepção tiradas a cordel, chegando a fatigar a constante regularidade que em todas se observa. E isto, quer se trate das *prospéki* (ruas de primeira ordem), quer das *úlitzy* (ruas de segunda ordem), quer das simples *pereúlki* (travessas). Se fossem melhor calça- das, e se nellas os passeios correspondessem á largueza das dimensões do pavimen-

to, não haveria em parte alguma ruas superiores. Infelizmente não existe medalha sem reverso, e o d'esta é quasi sempre o piso infernal que martyrisa os pés dos caminhantes e revolve n'um permanente sobresalto o estomago dos que teem de as atravessar de trem. Em Moscou, sobretudo, e nas cidades de segunda ordem, como Tver, torna-se tal martyrio por vezes incomportavel. Apesar, porém, de mais attenuado, em S. Petersburgo

Depois das ruas, o que mais impressiona o estrangeiro que visita S. Petersburgo, são os jardins e sobretudo as praças. Não ha cidade que possua tantas e tão vastas. O *Marsóvoepóle* (Campo de Marte) antigamente denominado *Tsaritsyn Lug* (Prado da Imperatriz) que se estende do palacio de Marmore até á Moïka, é tão espaçoso que nelle poderiam caber á vontade, conforme atraz dissemos, tres ou quatro praças como o Terreiro do Paço.



S. PETERSBURGO — O SENADO E O CAES DOS INGLEZES

não deixa elle em todo o caso de representar uma das feições caracteristicas das ruas da capital.

De resto, e pondo de parte este senão, o aspecto das ruas de S. Petersburgo é deveras majestoso. Espaçosas, alegres, cheias de luz, cortadas de numerosas praças e jardins, atravessadas por pontes as que vão dar ao rio ou a algum dos seus numerosos braços, formam um vasto systema de communicações, completado pelos magnificos caes de granito que orlam a Nevá e que são verdadeiramente grandiosos alguns d'elles, como a *Anglyskaia Naberejnaia* (Caes dos Inglezes).

Mas não é simplesmente o Campo de Marte, que ostenta semelhantes proporções. Embora mais modestas (para S. Petersburgo, entende-se), existem muitas outras praças, as quaes pela sua grandeza, se nem sempre pela sua elegancia, são notabilissimas. Entram n'este numero por exemplo: a magnifica praça do Almirantado, uma das mais bellas da capital, que com a praça do Senado e a praça Rasvodny forma, seja-nos rel-vauia a metaphora, uma admiravel trilogia de sumptuosos edificios; a praça Alexandra ou antes square, onde se eleva o monumento de Catharina II, mandado construir em 1873

por Alexandre II; a praça Soloviev, onde está o obelisco Rumiantsov; a praça Semenov, immenso campo de manobras, etc. etc., porque seria bem difficil o pretender dar a enumeração mesmo das principaes. Bastará dizer, e com esta noticia deve ficar edificado a tal respeito o leitor, que S. Peterburgo tem 64 praças publicas em muitas das quaes pôdem caber de 60:000 a 100:000 pessoas, e isto sem contar os jardins que são tambem numerosos e vastissimos, como o Jardim Zoologico, o Jardim Botanico, o parque Alexandre, o Jardim de Verão, onde se admiram ainda as bellas tilias e os magnificos carvalhos mandados plantar por Pedro o Grande, o Jardim Demidov, o Yusupov, etc.

Não é pois o espaço que falta a S. Peterburgo, como bem pôde comprehender-se. Pelo contrario. O que ainda lhe falta é, apesar do seu milhão e meio de habitantes, a população correspondente a semelhante area. Por isso muitas das ruas da cidade parecem-nos desertas, e a não ser nas principaes, ao menos na estação em que a visitei, isto é, primeiros dias de agosto, o movimento affigurou-se-me relativamente insignificante. E no entretanto S. Petersburgo é a capital de um imperio já hoje de 120 milhões de almas. Tres ou quatro milhões por consequencia que contasse a sua população não eram de mais para tão grande riqueza em gente. Espaço para a conter, já vimos tambem que não faltava. Qual será então o motivo d'esta singular e á primeira vista inexplicavel desproporção? O motivo deve procurar-se exclusivamente na constituição social e economica do paiz. Na Russia, nação agricola por excellencia, a regra geral é o «campo». A «cidade» constitue apenas uma excepção. O phenomeno essencialmente occidental da despovoação dos campos em proveito das cidades, ainda não começou na Russia a fazer sentir muito os seus perniciosos effeitos. Seria incomprehensivel n'esta metade da Europa, o que se passa na outra metade do Occidente, em que por exemplo uma capital, como Paris, vê em todos os recenseamentos augmentar por centenas de milhares o numero dos seus habitantes, emquanto que a população da França decresce ou fica estacionaria!

Na Russia o centro de attracção até agora não está em S. Petersburgo, em Moscou, em Odessa ou em Kiev. Está nas vastas planicies e nas immensas florestas, onde vive, trabalha e se multiplica com espantosa prolificidade um povo inteiro, preso á terra pelos unicos interesses que lhe são caros e pelas unicas tradições que venera, como culto piedoso prestado ás gerações, que n'aquelle

solo dormem o eterno somno. Não ha pois ainda o «absenteismo,» que torna o campo um tributario da cidade, fazendo-o definhar pelo depauperamento da sua melhor população, que na maior parte dos paizes da Europa vae transformar em plethora, prenhe dos mais tremendos problemas sociaes, a vida urbana das cidades.

Por isso tambem a capital do vasto imperio russionão exerce sobre as provincias a poderosa acção absorvente que, por exemplo, Paris exerce sobre a França, sendo a percentagem da sua população insignificantissima, quando comparada com a população rural do resto do paiz, pouco mais de um por cento, emquanto que a percentagem da capital franceza é de perto de oito por cento!

E aqui está a explicação, porque S. Petersburgo tem hoje um numero de habitantes inferior ao de Paris, Londres, Berlin, Vienna ou Constantinopla, apesar de ser cabeça de uma nação que em aréa é do tamanho da Europa inteira e em gente é superior a tres ou quatro das mais populosas nações occidentaes.

Um dia virá, sem duvida, em que a Russia passará tambem pela evolução, que tem transformado a economia das demais nações, e em que as suas cidades, invadidas pela onda de uma população rural que os campos já não poderão alimentar, hão-de vir engrossar em grandiosas proporções o vasto exercito do proletariado universal.

Esse dia, porém, está ainda tão afastado que mal se lhe podem por ora delinear os contornos vagos no longinquo horizonte do futuro da raça slava.

.....

Continuemos a notar as impressões que o primeiro aspecto de S. Petersburgo em nós deixou. Já vimos a extensão das suas ruas e a vastidão das suas praças. Olhemos agora para a architectura dos seus edificios.

Tambem com relação a este ponto a sensação que de principio tive, foi a de uma decepção. Não que S. Petersburgo não tenha edificios grandiosos, soberbos, superiores mesmo aos que se encontram em qualquer outra capital da Europa. Pelo contrario. As construcções monumentaes abundam, e a apparencia das decorações é por vezes magnifica. Mas na maior parte das ruas o tom da architectura é apesar d'isso monotono. Chamar-lhe-ia mesmo incaracteristico, se aqui e acolá o estylo genuinamente russo não viesse introduzir uma nota original e curiosa na insipidez do conjuncto. Isto, bem entendido, soffre numerosas excepções nas principaes arterias da cidade. Mas nas ruas secundarias, nas *újitsy* e nas *pereúlki*, o aspecto das casas

nada tem de artistico. São estas casas em geral baixas, sobretudo para a largura das ruas, quasi sempre de dois andares apenas, e á primeira vista assemelham-se a quartéis, tão simples são as suas linhas e tão geometricas as suas proporções. Architectura de quartel é ao que, com effeito, esta architectura se assemelha, uma especie da architectura pombalina da nossa *baixa*, mas com menor majestade, porque os predios não teem tão grande altura como os dos arruamentos centraes de Lisboa. E depois o material de que são construidos contribue tambem para a má impressão, que em nós causar muitos dos edificios da capital. Dá-se isto principalmente com os edificios monumentaes, como palacios, theatros, templos, bazares, etc.

Do mesmo modo que Berlim, e a maior parte das cidades allemãs, S. Petersburgo quasi que não emprega a cantaria e a pedra na decoração exterior dos edificios. O material que constitue a riqueza das construcções portuguezas, sobretudo de Lisboa, riqueza que ás vezes pela abundancia desmesurada chega a ser de máu gosto e a produzir verdadeiras monstruosidades architectonicas, é totalmente desconhecido na maioria das cidades do norte, ou porque a materia prima ali falta, ou porque o custo da extracção e depois da mão d'obra seja muito elevado. Deve ser mesmo esta ultima a razão, porque em S. Petersburgo a pedra na decoração é quasi sempre substituída pelo gesso ou pelo barro caiado. Carencia de material não nos parece que seja, visto que bem proximo está a Finlandia com os seus bellos marmores e os seus opulentos granitos.

Não se póde por isso fazer ideia da desagradavel sensação que em nós produz a vista d'esses *rifaccimenti* de altos relevos, de estatuas, de balaustradas, adornos postiços de uma falsa sumptuosidade a imprimirem nos monumentos, de proporções embora as mais grandiosas, uma nota de pretenciosa pobreza e de magnificencia barata, em completa discordancia de resto com a riqueza e a grandiosidade, que por toda a parte se ostentam.

E', não ha duvida, espectaculo bem proprio para desapontar a expectativa do mais complacente visitante assistir á caiadella a branco ou a côr de oca (côr muito em voga em S. Petersburgo) das sumptuosas columnas, das arcarias e dos palacios, que abundam por toda a parte. Presenciei mais de uma vez tão prosaica quanto ridicula operação, que substitue na ornamentação da cidade pela brocha do caiador o escopro do artista, e nunca pude perceber a causa de semelhante preversão do sentimento esthetico n'um povo

aliás tão brilhantemente dotado para todas as manifestações do bello. Não sabem acaso os russos trabalhar o marmore, o granito e o calcareo? A cathedral de Santo Isaac o Dalma-ta em S. Petersburgo mesmo, e a igreja do Salvador em Moscou, respondem eloquentemente a esta pergunta. Rasão de mais para que não possamos comprehender a inexplicavel hegemonia do brochante. E' uma questão de economia, que obriga a empregar o barro e o gesso como material de decoração?

Não nos parece. O russo não é avaro das suas riquezas e em S. Petersburgo estão reunidas fortunas collossaes. Para mim e depois de mais tarde meditar no caso, julgo ter encontrado a explicação da singular anomalia na propria origem da cidade. S. Petersburgo é uma capital moderna, sem tradições historicas ou nacionaes, fundada unicamente por um acto de vontade individual, de autocracia. Um dia Pedro o Grande quiz abrir no seu imperio, conforme a pittoresca expressão do chronista, uma janella para a Europa, e fundou S. Petersburgo. Mas fundou-a, como? Pelos modelos do Occidente, que foi para elle a medida de todas as reformas, que executou. De cá trouxe pois essa architectura postiça, feita á fôrma e assente aos metros que ficou dominando na capital, que não obstante ser o principal centro politico é ainda hoje a menos russa de todas as cidades do imperio. E a prova de que esta explicação parece ser a verdadeira, é que em Moscou o barro e o gesso são muito menos empregados, tendo baixado ao mesmo tempo muito em importancia e.. naturalmente em proventos o brochante e o caiador. Já se veem edificios como os magnificos *Nový riády* (Novo bazar), com as frontarias todas de pedra lavrada. Em S. Petersburgo o edificio correspondente—o *Gostinnoi dvor*—é caiado apenas, apesar de ser uma das mais importantes e monumentaes construcções da *Perspectiva Nevsky*. E já que fallámos d'esta celebre avenida, verdadeiro coração de S. Petersburgo, aproveitemos a occasião para fazer travar com ella conhecimento o leitor.

A *Névsky prospékt* (perspectiva Nevsky) é a mais extensa, a mais larga e a mais animada de todas as grandes artérias da capital. Vae da praça do Almirantado na *Bolcháia Nevá* (Grande Nevá) á praça Znamensky, em linha recta. N'este sitio volta um pouco para o sul, na direcção do convento de Santo Alexandre Nevsky, indo terminar n'outro ponto da Nevá, junto da *Kalachnikovskaia Pristan* (caes Kalachnikov). Este enorme percurso mede perto de 5 kilometros. A largura regula por trinta e cinco metros.

A Perspectiva Nevsky atravessa os bairros mais aristocraticos e n'ella ou nas suas proximidades se vêem os edificios mais grandiosos de S. Petersburgo. Palacios, templos, bazares, museos, lojas de modas, hotéis, livrarias, tudo n'ella se encontra, produzindo este conjuncto, sobretudo á noite quando a luz electrica a illumina, um effeito surpreendente, que deve chegar a ser phantastico, quando de inverno a neve atapeitando o solo viér juntar as suas mil reverberações á luz directamente projectada das lampadas Jablokov.

Uma das particularidades mais curiosas da Perspectiva Nevsky é constituida pelas *marquises* ou alpendres, que se levantam ás portas das casas e á entrada das lojas. São em geral estas *marquises* de ferro fundido e cristal, ou só de ferro, de fórmãs elegantes, leves. Servem cumulativamente para abrigo e para *réclame* dos respectivos estabelecimentos, e por isso quasi sempre estão literalmente cobertas de taboletas, letreiros, disticos, etc., de tudo emfim que possa atrahir a attenção dos transeuntes ou os possa informar do genero de negocio das lojas a que ellas pertencem. Isto pelo que respeita ao aspecto material da celebre avenida. O seu aspecto, como diremos? moral, social, releve-se-nos a expressão, é porém o mais interessante e o que mais impressiona o estrangeiro.

Com effeito, por muito bella, muito extensa e muito rica, que seja a Perspectiva Nevsky, tem ella rivaes em outras cidades da Europa, que sob mais de um ponto de vista lhe pódem disputar a palma. A *Avenida dos Campos Elysios*, a *Unter den Linden*, a *Ringstrasse*, e a nossa *Avenida da Liberdade* não são, como passeios, inferiores á Perspectiva Nevsky.

Haverá até quem a esta ultima prefira alguma das primeiras.

No que, porém, a Perspectiva Nevsky a todas as demais se avantajã, não permitindo mesmo com ellas o mais ligeiro confronto, é na originalidade do seu aspecto, e no caracter especial da sua animação, que em cousa alguma se parece com o movimento, por exemplo, dos *boulevards* de Paris, maior não ha duvida, por vezes até demasiado, mas no fim de contas monotono, sem a variedade de tons e a diversidade de cambiantes que caracteriza a vida das ruas na capital russa.

Imagine-se uma população composta de elementos sociaes os mais variados e conservando ainda hoje o cunho d'essa differença d'origem desde as physionomias, onde cada cada typo ethnico tem a sua representação,

até aos trajes, em que o pittoresco da ornamentação e das côres percorre toda a gamma das mais phantasiosas combinações; população expansiva, alegre, communicativa como se a illuminasse e a aquecesse o bello sol do Meio dia.

Esta população apinha-se, acotovela-se, caminha e crusa-se em todos os sentidos, a pé, a cavallo, de trem, de trenó, nos *omnibus*, nos *drójks* rapidos como flechas e nas *troikas* vistosas como carroagens de gala.

Demoremo-nos um pouco, que vale a pena, a contemplar este espectáculo unico.

Pelo centro da rua, especialmente destinado aos vehiculos e cavalleiros, desfilam as equipagens da aristocracia e da alta finança, bem conhecidas pelo fardamento dos lacaios, pelo aprumo dos cocheiros, e pela qualidade *hors ligne* dos cavallos; passam a trote largo os simples trens de aluguer, conduzindo desde o quasi andrajoso *possylnyi*¹ até á desdenhosa *bárinia* envolvida em opulenta *chiúba*², cujo custo sustentaria durante um anno inteiro umas poucas de familias; deslisam sobre os *rails* os *Konku* (carros americanos) apinhados de gente de de todas as condições e onde as imperiaes pela variedade de physionomias, que as povoam, se assemelham a pequenos muscus ethnographicos ambulantes; passam finalmente em vagarosa andadura as *telégas*,³ que dos arredores vêm trazer combustivel e artigos de alimentação á cidade, e que parecem na sua humildade modesta envergonhar-se da luzida camaradagem dos companheiros de occasião.

Depois, são os cavalleiros, sobretudo os militares, que, a galope desfechado quaes figuras de quadros dissolventes, deixam como impressão no espectador o rasto deslumbrante dos seus luxuosos uniformes,—as couraças reluzentes dos dragões e as fardas orientaes, pittorescamente matisadas dos cossacos.

Se nos voltamos para os passeios, não é menos caracteristica a scena que ali se nos depara, e que mal póde ser imaginada por quem só tenha vivido em paizes de população homogenea, como os do Occidente. Por toda a parte apparições novas e distinctas; trajes differentes e variados; figuras que se destacam da multidão, trazendo-nos á lembrança outros climas, outras regiões. Finezes do norte, tartaros do meio dia, armenios da Asia Menor, georgianos do Caucaso, musulmanos de Kazan, kalmucos das esteppas, kirguizes da Asia Central, persas da fronteira sul-oriental do imperio, tudo ali se vê misturado, confundido em cosmopolita promiscui-

¹ Moço de recados — ² Peliissa. — ³ Carretas

dade, com o russo de Moscou ou de Kiev e com o polaco de Varsovia ou de Vilna. Em seguida são os typos propriamente nacionaes moscovitas, não menos originaes e caracteristicos do que estes: o *raznochichik* (moço de recados) estacionado nas proximidades do *Gostinny Dvor* á espera de que o chame algum dos numerosos visitantes que áquelle local vão fazer as compras; os vendedores ambulantes de chá e de *sbiten*, bebida quente em que entra o hydromel, e que elles apregoam *Kipiát! Kipiát!* (*está a ferver! está a ferver!*) os distribuidores de *Kvass*, agradável refresco fermentado, feito de mel ou de fructas, e por isso apparecendo amarello como ambar ou côr de rosa como a framboeza nos jarros de vidro que elles levam á cabeça, a gritar *Kvass miedovói! Kvass malinovói!*; os cosinheiros de pasteis offerecendo as suas *bliny*, com o pregão consagrado: *goriátchia! goriátchia!* (*a escaldar! a escaldar!*) exactamente como o das nossas assadeiras de castanhas; as vendedeiras de

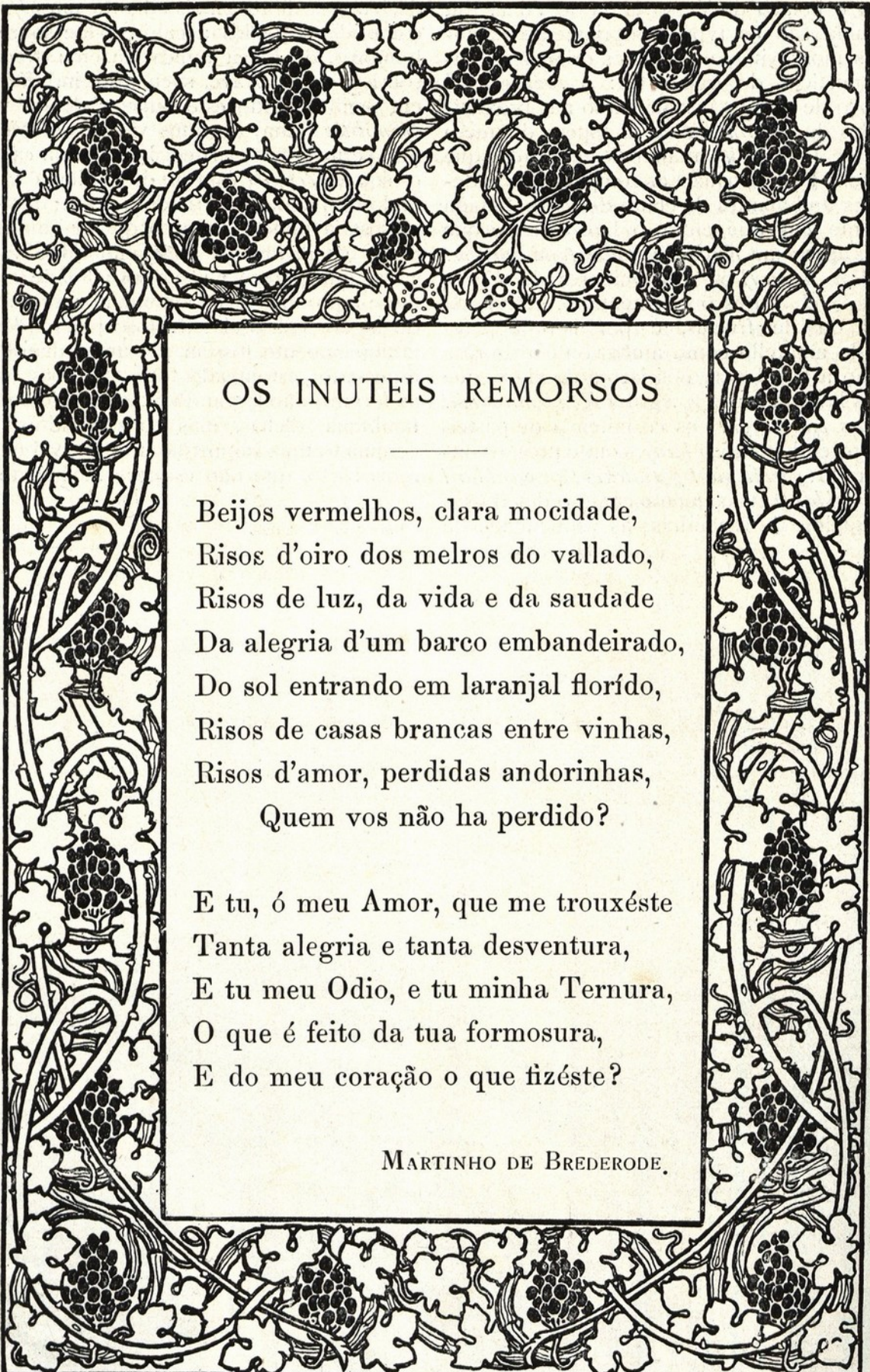
pão, de phosphoros, de *icónes*,¹ de hortaliças, de leite, de flôres; mais adiante um *pópe* de compridos cabellos a cahirem-lhe sobre os hombros, de longa tunica cinzenta traçada sobre o peito, grave, silencioso, indifferente em meio de todo este bulício; depois uma *kormilitsa* (ama) de fatos vistosos e enfeitados, vermelhos ou azues, levando na cabeça o seu *kokóchnik*, especie de diadema adornado de perolas e bordado a prata; depois... mas seria nunca acabar o querer enumerar todos os incidentes d'esta multidão variada, que parece na sua mobilidade constante reproduzir a cada momento a projecção de algum collossal kaleidoscopio, onde simultaneamente fossem passando diante do espectador estonteado todas as côres, todas as fórmas, não logrando fixar-se nitidamente nenhuma d'ellas, mas conservando-se do conjuncto uma impressão intraduzivel e uma recordação, que não esquece facilmente...

¹ Imagens de santos.

(Continúa.)



S. PETERSBURGO — A PERSPECTIVA NEVSKY



OS INUTEIS REMORSOS

Beijos vermelhos, clara mocidade,
Risos d'ouro dos melros do vallado,
Risos de luz, da vida e da saudade
Da alegria d'um barco embandeirado,
Do sol entrando em laranjal florido,
Risos de casas brancas entre vinhas,
Risos d'amor, perdidas andorinhas,
Quem vos não ha perdido?

E tu, ó meu Amor, que me trouxéste
Tanta alegria e tanta desventura,
E tu meu Odio, e tu minha Ternura,
O que é feito da tua formosura,
E do meu coração o que fizéste?

MARTINHO DE BREDERODE.



RAPARIGAS HAWAIANAS

LENDA KANAKA

LANAI, Lanai, terra sagrada, venerada dos antigos, das ilhas a primeira nascida, filha de Pahulu, a deusa do mar!

Chegou o Rei das oito ilhas. Conquistou esta terra, como fez ás outras.

Veio com as suas pirogas de guerra, com os seus chefes e com os seus sacerdotes.

É o vencedor, o valente filho de Umi, aquelle que governa em Kohala.

É quando appareceu, os habitantes da ilha desceram até á praia. Diante da palhota real, construida de *pili*, depozeram os *taros* e os inhames, os *ohelos* e as batatas. Tambem traziam cães selvagens, cachorros de carne tenra, engordados com *poi*.

As mulheres conduziã grinaldas de *nauu*, o fresco jasmim de Lanai e as lançãram ao pescoço dos guerreiros agrupados em torno do chefe. E na cabeça do Rei collocãram uma corõa, uma odorifera corõa de *maile*.

É de todas as mulheres, a mais bella era Kaala, a flôr perfumada da manhã.

Quinze sóes tinham illuminado o seu rosto.

Tudo o que o *lai*, cheio de folhas, deixava vêr do seu jovem corpo, brilhava com clarão igual ao da lua, quando nasce.

É a sua mocidade tinha aromas como os das flôres.

E o vento, afastando as folhas, que pendiam em volta do seu corpo, como settas verdes — as raparigas kanakas enfeitam-se profusamente de flôres e folhas — a sua belleza fascina os olhos e captiva o coração de um dos mais bravos, o coração de Kaaialu, um guerreiro novo como ella, aquelle cujo braço descarregãra formidãndos golpes nos homens de Lanai, no dia da conquista.

Brandindo a lança, terrivel nas suas mãos, impellira-os até á beira de um *pali* profundo. E elles, transidos de medo, gritavam e supplicavam. Mas despresava esses gritos e supplicas. Ameaçador, impellia-os cada vez mais, e caíram no abysmo, como rebanho espavorido. Lá em baixo os corpos despedaçados juncãram as pedras, e houve ali uma massa sanguinolenta de carne e ossos.

É aqui está o que fez Kaaialu. E elle é bello. Encãra a donzella e dirigindo-se ao grande chefe, diz: «Ó Rei de todas as ilhas, consentes que esta meiga flôr seja minha, no valle que me destes, como dominio?»

É respondendo, o Rei disse: «Plantarãs o jasmim de Lanai no valle que te dei em Kohala. Mas outro tambem reclama essa donzella, e esse é *Quebra-ossos*, Mailu, o do gilvaz. Vai, meu rapaz, luctar com elle, e Kaala

pertencerá ao que ficar vencedor. Que então a leve para a sua cabana, aonde uma mesma *tappa* a ambos cubra.»

Mas Kaala treme e assusta-se. Ouvio fallar de *Quebra-ossos*, de Mailu, o do gilvaz, cujas caricias dão a morte.

Tem suffocado com seus beijos mais de uma virgem como ella. Aspirou o seu ultimo alento e, mortas, atirou-as aos vorazes tubarões.

E a joven filha de Lanai amou o guerreiro da Grande Terra, Hawaii, aquelle que vencera o seu povo, e cujos olhos brilhantes a offuscáram. Voltando-se para elle, diz-lhe: «Ó chefe, possa o teu braço ser o mais forte, e victoriosa a tua coragem. Salva-me do que bebe o sangue das virgens, e tanto quanto viver, Kaala fará coser o *poi* e tecerá o *tappa* para ti.»

A lucta vai começar. Os guerreiros dirigem-se um para o outro. O Rei das oito ilhas assenta-se sobre uma manta de *hala*. No areal, semeado de conchas, os dois bravos estão de pé, nus, os rins cingidos de *malo*. Pinta-se-lhes nos olhos o odio e estendem os braços prestes á aggressão.

De pé, observam-se: avançam um contra o outro, approximam os rostos, ameaçam-se e desafiam-se.

E *Quebra-ossos*, Mailu, o do gilvaz, diz: «Kaaialu, ousado diante das mulheres, bravo diante dos covardes! A tua lança perfurou as costas de um inimigo que fugia. Mas eu partirei as tuas sob o meu joelho: o teu corpo ainda quente e palpitante de vida, lançal-o-hei a um porco esfomeado. E em quanto elle dilatar as tuas feridas e refocilar no teu ventre, acariciarei aquella que tu amas, deante de ti, antes que teus olhos sejam mortos.»

Mas o jovem chefe sorrio e respondeo: «Tu, assassino de virgens, vás sentir na garganta a mão de um homem. Expulsarei o sopro da vida do teu vil peito: os proprios porcos não quererão a tua carne. O tubarão da bahia tem fome e espera-te.»

E agora que arremettem um contra o outro, braço levantado, procurando sitio onde deem o golpe mortal. De subito, a mão de Mailu cái sobre o rival. Mas este, mais rápido ainda, agarra-lhe o braço, torce-o como um cipó brando, e desloca-lhe o hombro e o braço. Furioso e ferido, Mailu lucta ainda. Mas duas mãos crispadas pela raiva, apoderam-se do outro braço e ouve-se o ruido de um ramo secco que se parte. E a féra vencida, os braços pendentes e despedaçados, volta-se de costas para fugir. Mas já o porta-lança de Hawaii segura-a, prostra-a e a tem sob o joelho deitada no areal.

E Kaaialu, carrega, cada vez mais, sobre o

espinhaço, até que os ossos estalam e partem-se. O terrivel estrangulador de virgens está estendido na areia, e da sua bocca o ultimo alento escapa-se com golfadas de sangue.

Então o Rei das ilhas diz: «Bem! Nosso filho tem a força do deus Kanchoa. Que a donzella se approxime e o friccione de hervas odoríferas. Haverá grande festim e *hulahula* e canções. Depois uma mesma *tappa* abrigará a ambos.

Assentadas, formando circulo, as raparigas cantam, agitando cabaças cheias de pedrinhas. Depois erguem-se, dando as mãos, dançam e cantam.

O vento afasta as suas vestes constituidas por folhas: brilham os olhos dos guerreiros e o heróe do dia dá um passo á frente. Toma Kaala pela mão, leva-a comsigo dizendo: «Agora dançarás na minha cabana de Kohala, comigo, unicamente.»

Ouve-se, porém, um grito. É um homem que corre, que chega junto dos chefes e que se lamenta: «Kaala, minha filha, desapareceu. Quem cuidará de minha velhice? Que poderei responder ao joven chefe d'Olowahu, quando me perguntar onde está ella?»

É necessario que eu fuja d'elle ou então mato-me.» E aquelle que d'esta sorte se queixa é Opanui, o pae de Kaala.

Tambem combatera nos penhascos de Maunalei; vira os seus precipitados no *pali* profundo e conservára a vida, entregando-se ao vencedor. Mas comsigo pensára: «Vingar-me-hei; arrebatarei minha filha ao assassino do meu povo. Para longe, para muito longe, hei de conduzil-a, e occulta no mar, ninguem saberá do seu esconderijo, ninguem, a não ser os deuses-peixes e eu.



É de manhã. Kaala está assentada á porta da casa do seu senhor.

O seu rosto brilha, como o deus do dia, quando sai da morada de Maui. E eis que de repente, Opanui, seu pae, apparece e lhe diz: «Minha filha, tua mãe está moribunda em Mahana. Pede a teu senhor que te permitta ir vê-la ainda uma vez, antes que a sua piroga te conduza á Grande Terra.»

«Ah!... Ha quanto tempo minha mãe Kalandi está doente?... Irei vel-a e depressa, beijarei os seus membros doloridos. Passará melhor depois que a sua filha a beijar. Kaaialu meu senhor é bom: deixar-me-ha partir, e regressarei antes que a lua se tenha espelhado duas vezes nas aguas da bahia.»

E o mancebo disse: «Vai.» Elle ficou triste. Tambem tem uma mãe, no valle de Kohala, e disse: «Vai. Kaaialu é um chefe: não deve fallar como uma mulher.»

E ella partiu. De vez em quando olha para traz e vê o seu senhor, de pé, sobre o rochedo, que domina o mar. Immoel ella o vê, quando pára e se volta. E chegada ao alto da collina, como vai descer para o outro lado do valle, uma ultima vez ainda o distingue, immoel, seguindo-a com a vista.

O pae e a filha caminháram bastante. Passáram o valle verde de Palawai, os bosques de Kalulu, atravessáram a ribeira, subiram a montanha.

O velho agora abandona o caminho que o conduziria a Mahana. Dirige-se de novo para a costa. E Kaala lhe diz: «O' pae, extraviámo-nos. Não é por aqui que iremos encontrar minha mãe.»

«Tua mãe está na bahia de Kaula. Disse que estava moribunda para melhor enganar o teu senhor. Não está doente e espera-nos. Preparou para ti o *taro* de Palawai e d'elle encheu as cabaças. Juntou para ti, para os teus collares, pequenas conchas brilhantes. Esta noite dormirás junto d'ella.»

E silencioso continua a descer para a bahia. E na bahia não ha nada, apenas rochas, apenas o mar. E Kaala pergunta: «O' pae para onde vamos? E' aqui o esconderijo do tubarão e da serpente Puli. Queres então entregar-me a elles! Não verei mais o meu senhor?!»

Escuta, diz Opanui. Ouve a verdade. O Oceano será a tua morada, o tubarão o teu companheiro e o teu carcereiro. Não te ha de fazer mal. Levo-te para onde vivem os

deuses do mar e o teu execravel chefe não lhes roubará mais uma filha de Lanai. Quando Kaaialu regressar na piroga a Kohala, então o chefe de Olowahu virá e tu voltarás para terra.»



PESCADOR D'HAWAI

E' assim que elle fallou.

Toma da mão de Kaala, e condul-a ao longo da praia, do lado da bahia fronteira ao nascente. Ali o mar remoinha, e no refice de coral ha uma caverna alta e grande cuja entrada está abaixo das aguas.

Pega pela cintura na fraca rapariga, com

um dos seus possantes braços, e, d'um salto, lança-se no turbilhão d'espuma. Náda como um golfinho. Abre caminho por entre as aguas, com o outro braço livre, attinge o leito do Oceano, chega a uma brecha estreita entre as rochas, náda ainda, e eil-o em uma praia aonde não se vê nunca a luz do claro sol. Põe-se em pé e respira, respira o ar frio da cavidade, cuja entrada está abaixo das aguas.

Ali estende-se espaço respeitado pelas vagas, aonde a luz pallida do dia penetra através do mar transparente. Os caranguejos fugiram para debaixo das pedras humidas e Puihi, a medonha serpente com lentidão saio do seu buraco. E o terrível deus olha para quem veio perturbar o seu somno.

Kaala abraça o pae pelos joelhos: «O' pae, ó meu pae, despedaça-me a cabeça contra estas rochas, antes que a serpente se se enrosque no meu pescoço.»

«Ouve, diz Opanui. Comigo voltarás a gosar a quente luz do sol. Trilharás de novo os atalhos de Palawai, o valle florido e perfumado, ainda has de tecer leis de jasmim, se consentires a acompanhar-me á casa do chefe de Olowahu, e a esquecer junto d'elle o teu senhor, o vencedor coberto do sangue da nossa gente.»

Mas baixinho a mulher de Kaaialu murmura, de joelhos sobre o rochedo: «não quero outras carícias que não sejam as do meu senhor: se não devo mais reclinar a minha cabeça sobre o seu peito, sobre estas pedras frias me deitarei até que venha a morte. Se não deve mais estreitar-me nos seus braços, que então Puihi venha e me estrangule. Que rasteje á roda de mim e me arranque o coração, e acabe com a minha existencia, para que outrem que não seja o meu senhor me oscule.»

«Que elle te proteja», diz Opanui. E rudemente empurra-a.

«Que te proteja até que o chefe de Olowahu tome conta de ti e te leve para a sua casa nas collinas de Maui. Não tentes fugir. E' inutil. A vaga é forte, são fracos os teus braços e ficarias desfeita de encontro ás rochas, levada pela corrente veloz. Espera pois aquelle que enviarei para junto de ti e vive.»

Atira-se á agua, desaparece no turbilhão, e, nadador vigoroso, torna a ver, ao ar livre, a luz diurna.



Kaaialu ficou de pé, sobre o penhasco a olhar para o flanco da collina aonde está o caminho que seguiu Kaala.

Muito tempo ali esteve, depois d'ella desaparecer do valle. Deitou-se na sua esteira mas o somno abandonou-o. Então poz-se a

percorrer a praia, andou toda a noite e ao despontar da aurora tornou a subir para o penhasco, alto, esguio, dominador, prescrutador.

E enquanto espreitava, appareceu-lhe uma rapariga junto d'elle, a saltar como uma cabrita sobre as pedras e as moitas. E elle correu para ella. Mas pára. Não é quem espera. E' a pequena Ua, a sua amiga e no seu rosto pintam-se más noticias. E o chefe pergunta-lhe: «Porque se demora tanto Kaala? Acontecer-lhe-ia algum percalço?»

Talvez o melancolico cantico de *Anaana* tenha despedaçado o seu coração. Talvez esteja estendida fria no prado de Mahana.

«Chefe! responde a rapariga de olhos tristes. Quem tu amas não se encontra no valle. Não chegou á cabana da mãe Kalani. Mas do alto das collinas de Kalulu viram-n'a seu pae leval-a para a floresta. E depois não houve mais noticias d'ella.»

E o chefe não quiz ouvir mais. Corre, desce a encosta, penetra no valle, e depois no bosque, atravessa a ribeira, sóbe a montanha, e no pó do atalho vê pégadas e segue-as. Reconhece os seus pequenos pés.

Ao chegar á planicie, a uma chã, apercebe Opanui, o pai de Kaala. Opanui está só. O homem de cabellos grisalhos é ainda vigoroso.

Mas reconhece o jovem chefe e vio o claro sinistro dos seus olhos. Fuzilavam vingança. Hesita um instante; em seguida foge para a planicie. Foge, mas Kaaialu salta em sua perseguição, Kaaialu a quem ninguem excede na carreira como no combate. Vão pelo caminho de Kealia. O velho procura o asylo da cidade santa, a cidade de refugio. Mas fica extenuado. O seu inimigo vai alcançal-o e estende os braços. Ah! velho, que elle agarra-te pelo pescoço. Não. A mão escoregou sobre a pelle coberta de abundantes suores. O fugitivo toca o muro sagrado, entra no recinto. Está sob a protecção dos deuses.

O chefe então cái no sólo. Amaldiçoa os deuses e o inviolavel *Tábu*. Vieram os seus amigos e o conduzem para a cabana, e ali fica sem movimento, com os olhos fechados. Quando volta a abril-os, vê a pequena Ua de cabellos annelados. Junto de si collocou uma cabaça de *poi* e peixe secco. E quando acabou de comer, eil-o forte e robusto como d'antes.

E erguendo-se, surdo á voz dos seus, sem um olhar para Ua, que o ama, diz: «Partirei, hei-de procural-a por toda a parte. E se não a encontro, quero morrer.»

E vai por collinas e valles, pelo bosque de Kalulu, pelos balseiros de Kaa, pelos barrancos

de Maunalei, chamando sempre por Kaala. E vai ás terras de Paomai, nos vallesinhos de Kaiholene, aonde canta a fonte sagrada. E está ali um sacerdote de Kaunolu bebendo agua d'uma cabaça.

E o velho offerece-lh'a e diz-lhe: «Homem fatigado, bebe a agua santa, a agua que reanima os mortos.»

Mas elle exclama: «Padre, não tenho sede nem fome. Dize-me apenas aonde poderei encontrar aquella que perdi e trazer-te-hei numerosas victimas, cães e homens para os teus deuses.»

E risonho o padre respondeu-lhe: «Filho, sei que procuras a bella flôr de Palawai, mas só o pai póde dizer onde se encontra. Mas sei tambem que a procurarás em vão nos bosques, nas barrocas e n'esta montanha. Opai é nadador ousado: tem no mar esconderijos que só elle conhece. Quando ninguem ousa segui-lo, quando o vento sopra furioso, quando a noite sobrevem, desaparece e anda com os deuses-peixes, sob a agua verde. Acharás aquella que amas em uma caverna da costa.»

O chefe retomou a sua marcha para o mar. Nas planicies de Palawai, as aldeias estão desertas, o fumo não se eleva acima das cabanas. O povo todo está com o Rei nas pescarias, sobre a praia. Mas Kaaialu não está só. A pequena Ua desce depois d'elle para o atalho. Nos bosques, entre os silvedos, offegante, acompanha-o de longe, e aproxima-se quando elle chega ao areal.

Mas não ouve senão o murmúrio da onda, não vê senão o banco alvo da espuma. «Kaala! Kaala! Onde estás?» E julga ouvir. Ella responde. Está ali. É ella que grita no vento, que solta queixumes sob a vaga. Atira-se á agua, dizendo: «Eis-me aqui.» E a pequena Ua lamenta-se e chama-o: «Ó chefe! volta para trás, vem para terra, vem para

mim. Cuidado com os deuses do abysmo que guardam a caverna de coral. Volta pois. Para ti tecerei coroas, fallarei de Kaala, tua e minha amiga, enxugarei tuas lagrimas com meus beijos. Volta. Os guerreiros vão partir; a tua piroga espera-te e o Rei em Kohala reúne os mancebos.

E como elle não regressa, ella vai depressa, depressa a Kealia a procurar o Rei de todas as ilhas, e o Rei affligio-se, ouvindo-a. E mandou armar as pirogas e dirigio-se com os chefes para a praia de Kaumalapau.

E sobre a areia, Kaaialu tem entre seus braços a filha de Lanai, a meiga flôr da manhã, que vai morrer. Moribunda, achou-a na caverna cuja entrada está abaixo das aguas. E ella lhedisse: «Ó meu chefe, meu senhor; quiz ir ter contigo, e os deuses do mar deixaram-me ferida de encontro ás rochas, ás pedras aguçadas; a onda levou-me e pensava nunca mais vêr-te. Mas vies-te; o meu coração está em contacto com o teu e agora posso morrer.»

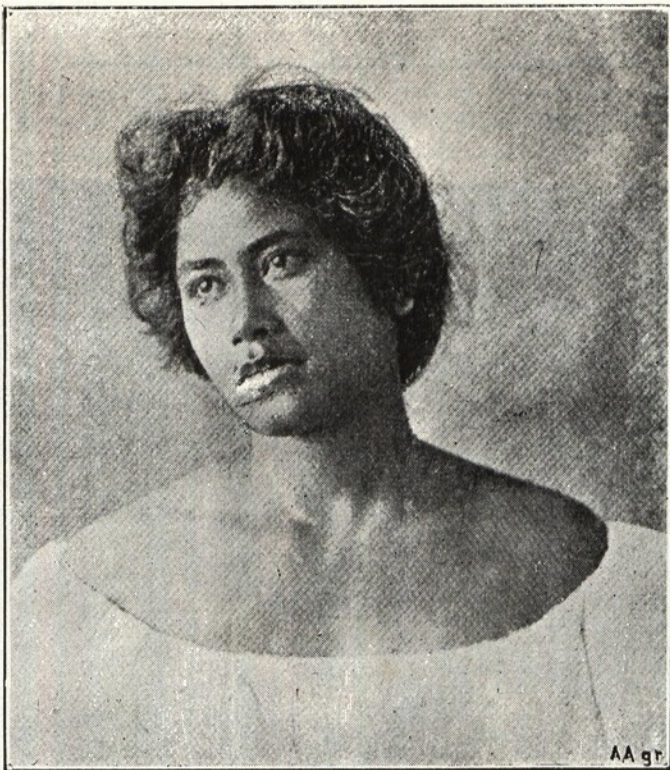
E o chefe responde: «Viverás. Não temas mais cousa nenhuma. Estou aqui. Amote. Voltarás a ver

o valle fresco, a tua cabana á borda do regato, e tecerás leis para o teu senhor.»

— «Não, ó chefe! Kaala não fará mais grinaldas, mas sómente e pela ultima vez, apertará entre os seus braços o teu pescoço. Aloha!»

E quando chegaram o Rei e os guerreiros, Kaaialu, exclamou: Ó Rei de todos os mares, perdi a flôr que me destes está desfeita, está morta, e a vida para nada me serve.»

Mas o chefe dos chefes disse: «Pois que! não és um guerreiro e morres por causa de uma rapariga? Aqui está Ua que te ama. É nova e bella como Kaala. Dou-t'a e mais o que tu queiras. Terás alem da terra de Kohala, todas as que pedires em Lanai. O grande valle de Palawai será teu. Terás



RAPARIGA HAWAIANA

tambem as minhas pescarias de Kaunolu e serás o senhor d'esta ilha.»

— «Ouve, chefe dos chefes, diz Kaaialu. Ella era para mim mais que a minha vida, mais que os deuses, mais que tu proprio, ó Rei! Desde o primeiro dia que a vi, os meus olhos não podéram mais separar-se d'ella. Mais bella ainda a vejo quando os fecho. Deixa-me então fechal-os para sempre. E de repente, rapidamente, trepa de rocha em rocha, até o cimo do penhasco. Ainda se volta de frente: precipita-se e cae despedaçado entre os rochedos.

Onde estás, ó bravo chefe! Onde estás, ó formosa rapariga! Pae, que fizeste de tua

filha? Mãe, que foi d'essa filha? As terras de Kohala ficarão silenciosas e lamentar-se-hão os valles de Lanai. A lança do chefe caio de suas mãos, a rapariga deixou a esteira apenas começada. Amavam-se como o sol ama a flôr, como o peixe ama a vaga. E agora dormem um ao lado do outro e o marulho do mar não os accorda.

Estão deitados na praia. O Rei fel-os cobrir de finas *tappas* e de bambús entrelaçados. E assim estão bem. E d'elles se fallará muito e a seu respeito haverá quixumes e canticos, tanto quanto se ouvir, no oceano, o ruído das vagas e, na terra, a voz dos homens.

ANTONIO FERREIRA DE SERPA



BONS AMIGOS. — QUADRO DE SWAIN



As Estradas do Mundo

DO MAR EGEU AO GOLFO PERSICO

Summario.—MIGRAÇÕES DOS POVOS DA EURASIA.—ANTIGAS RELAÇÕES DA EUROPA COM A ASIA PELA MESOPOTAMIA E O CHATEL-ARAB.—IMPERIALISMO PORTUGUEZ NO ORIENTE.—IMPERIALISMO INGLEZ.—ESTUDO SUMMARIO DAS CONDIÇÕES GEOGRAPHICAS E ETHNICAS DA REGIÃO ENTRE O GOLFO PERSICO E O MAR LEVANTINO.—DECADENCIA DA TURQUIA E AS AMBIÇÕES ECONOMICAS E POLITICAS DAS GRANDES POTENCIAS.—INTERVENÇÃO DO IMPERIALISMO GERMANICO.

DESDE os tempos os mais remotos e até onde alcançam as investigações da pre-historia e da archeologia, as communições entre a Europa e a Asia fizeram-se sempre através de tres zonas principaes. Como a actual separação politica dos dois continentes não traduz uma conformação geographica indicando limites naturaes, comprehende-se que essas tres zonas significam apenas estradas mais faceis de passagem. São caminhos de menor resistencia ás migrações lentas dos povos, e onde estes, desde as primeiras edades, se encontraram e se cruzaram.

A faixa septentrional, — a *planicie uralo-caspia*, — a mais antigamente percorrida, — representa, em todas as ondulações do seu solo, o centro principal da osmose primitiva dos povos euro-asiaticos. Sulcaram-na, em correntes successivas, todas as hordas da imensa planicie estavel do norte da Asia e as populações nomadas da Slavia septentrional europêa, e foi por ella, tambem, que a pre-historia verifica ter-se realizado a mais remota invasão dos autochtones superiores da Europa na bacia hydrographica fechada do Aral. Ainda hoje, nas margens do Jaxartes, nas planuras da Turania, nos desfiladeiros occidentaes do Pamir, até o Indus, vestigios não muito esparsos se observam d'essas emigrações europêas para além do Ural. A Slavia moderna, tão confusa nos seus caracteres ethnicos, tão emmaranhada de typos e collectividades aparentemente estranhos entre si, é o exemplo que confirma as hypo-

theses da archeologia e da prehistoria sobre este ponto das primitivas emigrações euro-asiaticas.

A faixa meridional, — o *golfo Arabico*, — cuja importancia, na explicação ethnica das invasões soffridas pela região nilotica do continente africano, é incontestavel, traduz, na osmose commercial e anthropo-social entre as duas partes da Eurasia, uma época relativamente moderna. Os povos que habitaram, nos tempos remotos, a Arabia e a Syria, separados do Chatel-Arab por extensissimos desertos, e da Europa por um mar então inabordavel, espalharam-se pelas regiões proximas do continente fronteiro, onde encontraram condições de vida analogas ás do seu paiz d'origem. Foi só mais tarde, quando a civilização se revelou florescente em varias regiões da Asia e da Africa, que o Mar Vermelho se offereceu como um caminho seguro de passagem entre o oriente europeu e os estados mais avançados da Asia.

A zona central das migrações — o *valle do Chatel-Arab*, — é, sem duvida, na ordem chronologica das mutuas relações entre as populações euro-asiaticas, a que liga as épocas quasi mythicas das primeiras trocas de populações entre as duas partes principaes do velho continente e o periodo mais recente em que as communições começaram a fazer-se por mar. Do norte ao sul, são, portanto, a *planicie uralo-caspia*, o *golfo Arabico* e o *valle do Chatel-Arab* as tres grandes estradas de passagem entre os povos da Eurasia, revelando cada uma d'ellas caracteres espe-

ciaes e significando phases diversas da civilização dos povos euro-asiaticos.

O Chatel-Arab teve em todos os tempos, desde a mais remota civilização indiana, uma notavel importancia, que as transformações politicas, a hegemonia conquistada por diferentes nações e o desenvolvimento gradualmente progressivo da riqueza universal teem tornado ainda mais consideravel. Testemunha das mais brilhantes civilizações da antiguidade, foi por elle que as ligações entre a Europa e a Asia se fizeram com mais vigor economico e por elle tambem passaram, atravez dos seus maravilhosos canaes e dos seus jardins sempre em flôr, as maiores ambições humanas.



As relações entre o Oriente e a Europa estavam já tradicionalmente estabelecidas e o commercio entre o golfo Persico e os portos syriacos do Mediterraneo eram immensamente lucrativos, quando os portuguezes descobriram o caminho maritimo para a India. O genio aventureiro e audaz dos nossos antepassados reconheceu immediatamente que a estrada maritima, nas nossas mãos, não bastava para podermos monopolizar todo o commercio oriental. Tornava-se indispensavel que o golfo Persico, por onde sulcavam os navios que transportavam as mercadorias da India e recebiam na foz do Chatel-Arab os productos trazidos da Europa, estivesse tambem sob o dominio portuguez. Nos portos da Syria, os venezianos, os florentinos e os genovezes eram os intermediarios entre os centros commerciaes do sul europeu e os negociantes da Mesopotamia, da Chaldea e da India. Toda a planicie do Irak-Arab, toda Anatolia, a Armenia e a Persia enviavam para esses portos as suas maiores riquezas, tudo quanto de mais valor possuiam. E foi d'esta maneira que os antigos estados italianos e a Catalunha conseguiram enriquecer-se, distribuindo pelos diferentes paizes as mercadorias que os seus agentes compravam em Damas, em Aleppo, em Jaffa, e nas outras cidades da Syria e da Anatolia. O monopolio commercial pertencia quasi inteiramente aos italianos, e Veneza era então na Europa o mercado das riquezas de Bagdad, da Bassora, de Teheran, e de outros centros mais productores do occidente asiatico.

Foi justamente durante esse periodo aureo do commercio italiano no Levante, quando os aventureiros e traficantes de Florença, Pisa, Genova e Veneza percorriam o imperio asiatico da Turquia, de Smyrna, do Tigre, de Aleppo e Jaffa até o Eufrates, que

appareceu no Oriente a figura gloriosa de Affonso d'Albuquerque.

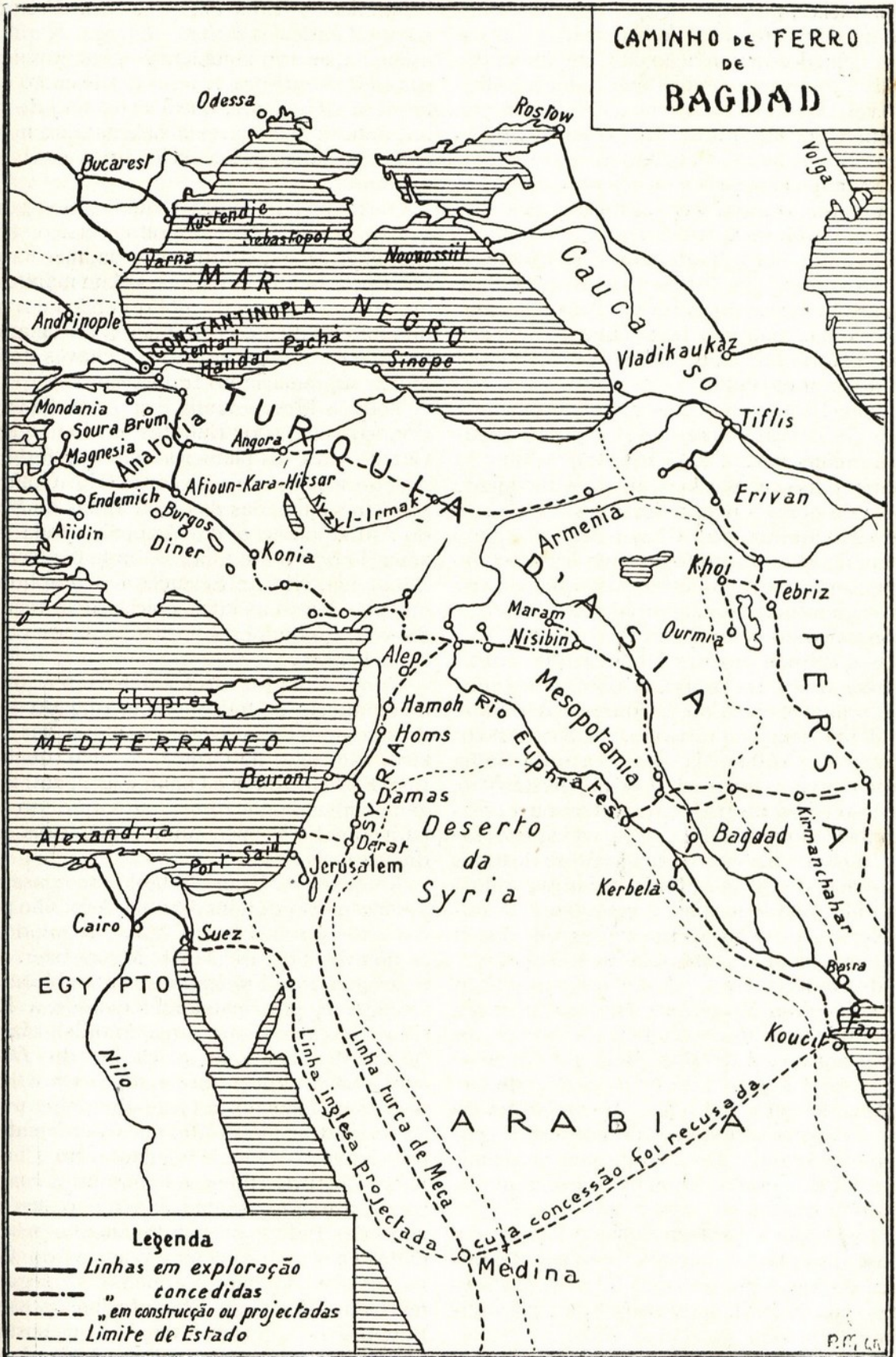
Dizem os commentadores da historia do mais heroico e mais habil dos nossos antigos politicos, que a elle se deve o plano do imperialismo que a Gran-Bretanha seguiu mais tarde na Asia e em todo o oriente. Tinhamos descoberto, havia pouco, o caminho maritimo para a India, e já em 1510 Affonso d'Albuquerque, comprehendendo a importancia dos estreitos de Ormuz, de Babel-Mandeb e de Malaca, apressa-se em se apoderar d'essas estradas do commercio, para, em proveito de Portugal, estabelecer um monopolio de tal ordem, que transformasse, como conseguiu, Lisboa em primeiro mercado do mundo.

Foi rude a empresa no golfo Persico. Os reis de Oman eram senhores da navegação havia muitos seculos. O commercio do oriente com a Europa fazia-se quasi todo pelo mar de Oman até á foz do Chatel-Arab. Mas Albuquerque não hesitou. Em 1515 Mascate e Sohar na costa oriental da Arabia e a ilha de Ormuz, no fundo do estreito, cáem em nosso poder. Pouco depois, quasi todas as ilhas do golfo Persico, que mais tarde haviam de soffrer a dominação britannica, passaram successivamente para o dominio portuguez. Em quasi todo o litoral levantamos fortalezas, e durante um certo periodo, apesar dos frequentes combates que tinhamos de dar aos turcos, o golfo Persico foi um mar lusitano. Tinhamos fortificações no El-Katif, na costa do Hassa, nas ilhas do Bahrein, e a costa da Persia era policiada pelas esquadras portuguezas.

Narrar esse capitulo sublime da nossa historia no Oriente, comprehender o vasto plano imperialista que ditou a Affonso d'Albuquerque a sua politica no mar das Indias, seria lembrar o periodo da grandeza de Portugal, durante o qual ninguem no mundo dominou com tanta energia, com tanto valor e com tão poucos recursos!

Mas uma vista retrospectiva da politica imperialista de Affonso de Albuquerque ensina-nos tambem que seria indispensavel, n'esse tempo, uma intellectualidade genial para abranger n'um plano de dominação uma tão larga superficie do globo. E se o grande portuguez traçou, com uma clareza de vistas que faz a admiração dos historiadores modernos, um projecto tão gigantesco, é porque reconheceu que a dominação nos caminhos que ligam a Asia á Europa representava a hegemonia commercial e maritima no velho continente.

Era nossa, então, a estrada do Cabo da Boa Esperança; nossos tinha feito Albuquer-



que os estreitos que ligam o oceano Indico aos mares da China, ao golfo Persico e ao mar Vermelho! Foi um grande sonho, de que mal pudemos ver a realidade, quando surgiu

o periodo da decadencia, que os politicos portugueses, na Europa, tinham preparado criminosamente! Mas a Inglaterra que, logo em seguida aos

hollandezes, nos succedeu na India, aproveitou-se dos caminhos já percorridos e a sua conducta, desde a criação da Companhia das Indias, foi exactamente a que tinha sido traçada pela politica de Affonso d'Albuquerque. E quem consultar a historia colonial britannica no occidente asiatico, não pode deixar de reconhecer que o vice-rei portuguez foi, no Oriente, o mestre da politica previdente e habil da Gran-Bretanha.

Nenhum heroe portuguez do Oriente é, para os escriptores inglezes, de mais forte envergadura; nenhum revelou, no seu conceito, vistas mais geniaes; nenhum concebeu um plano politico mais gigantesco e melhor o procurou executar, como Affonso d'Albuquerque! Não se pode escrever a historia da Asia occidental sem que o seu nome appareça muitas vezes! Não se estuda a politica contemporanea, n'essa estrada actualmente cheia de perigos para as grandes nações, — a do Mediterraneo ao Chatel-Arab, — que o nome do glorioso portuguez não surja como o primeiro, entre os europeus, que viu, na sua maior grandeza, o problema politico e economico do golfo Persico!

Ao imperialismo de Albuquerque substituiu-se o da Inglaterra. A politica colonial d'esta nação, cheia de ensinamentos, sempre prudente, sempre precavida, foi marcando os pontos da Arabia, da Ethiopia e da India onde convinha fixar-se. E assim, desde 1599, quando Isabel de Inglaterra autorizou a criação da Companhia das Indias, os inglezes foram a pouco e pouco tomando posse de todos os portos, de todas as ilhas que lhes garantia uma absoluta segurança e um completo dominio nas estradas commerciaes que ligam as duas partes do antigo continente. E d'este modo, todo o Oman, desde o Katar até ás ilhas Kouryan-Mouryan, o Hadramaut, a ilha de Perim no estreito de Bab-el-Mandeb, os territorios ao sul de Moka, a ilha de Socotra, Berbera no golfo de Aden, a ilha de Ormuz, as ilhas de Bahrein, — unico jardim do golfo Persico, — todos os pontos estrategicos mais importantes dos dois principaes caminhos da Europa passaram para o dominio da Gran-Bretanha.

Hoje, com o protectorado de Koweit e a quasi absoluta hegemonia economica e politica da Inglaterra no golfo Persico, ella realiza o seu programma imperialista, que difficilmente poderá ser abalado.

Mas não foram livres de difficuldades todas as empresas que a Gran-Bretanha se viu forçada a supportar. Houve um momento, no começo do seculo XIX, quando Napoleão desembarcou no Egypto e projectou apossar-se do golfo Persico para derrubar o poder

britannico na India, em que a Gran-Bretanha comprehendeu o perigo eminente a que se expunha, se não completasse com rapidez a sua rede estrategica. E fê-lo desde então com tão rara sagacidade, que seculos hão de correr, antes que a supremacia britannica no occidente asiatico possa oscillar nos seus fundamentos.

O exame da politica seguida pelos portuguezes em relação ao golfo Persico e ao Chatel-Arab e a continuação da mesma politica pela Gran Bretanha revelam manifestamente que a posse do golfo Persico e o predominio politico e economico n'este mar darão á nação que conservar as chaves de Ormuz a supremacia no Irak-Arab.

Toda a Mesopotamia e a Anatolia superior, os valles do Eufrates e do Tigre, o Chatel-Arab, as planicies outr'ora fertilissimas do valle que se prolonga do Golfo ás primeiras cumiadas das montanhas da Syria, do Anti-Taurus e da Armenia, toda essa zona do occidente asiatico, onde floresceram Babylonia, Ninive, Seleucia e Ctesiphon e onde se deram as lutas epicas dos reis da Assyria, é, commercialmente, subsidiaria do golfo Persico.

Dominar na foz do Chatel-Arab é dirigir o commercio de todo o valle irrigado pelos dois grandes rios historicos; guardar com força o estreito de Ormuz, as ilhas de Bahrein, Koweit, Ratar e Oman é assegurar a hegemonia economica nos paizes que drenam para o golfo Persico muitos dos seus productos mais ricos.

Emquanto a Gran-Bretanha se conservou a unica nação dominadora na Asia, não poucas vezes o seu governo ouviu, seguindo-as, as doutrinas da escola de Manchester. Porém, quando a França mostrou ambições no Oriente, e, principalmente, quando a Russia se foi expandindo até a Mandchuria e a Allemanha fez soar o clarim do *Drang nach Osten*, phrase que traduz o novo imperialismo allemão, a Gran-Bretanha tratou de se mostrar mais forte, mais persistente e, principalmente, mais vigilante no Chatel-Arab. Comprehendeu, e bem, que a sua hegemonia no Occidente asiatico e o seu imperio das Indias estão intimamente relacionados com os problemas politicos do Chatel-Arab e do mar Vermelho. O segundo resolveu-o já a Gran-Bretanha, pela posse do Egypto e pela guarda intangivel que sustenta á entrada do Estreito de Bab-el-Mandeb. O caminho do Mediterraneo está hoje á mercê da Gran-Bretanha; o canal de Suez pertence-lhe exclusivamente, no caso de um conflicto internacional, e Aden guarda com toda a segurança as portas do mar Vermelho.



Enunciado, de um modo summario, o que desde os tempos antigos representa, politica e economicamente, o valle do Irak e da Mesopotamia, por onde correm o Eufrates e o Tigre, para melhor comprehendermos as modernas ambições das grandes potencias sobre toda essa região, torna-se indispensavel uma rapida descripção do que são, geographica e ethnicamente, os territorios irrigados por essas arterias, cuja historia é ainda hoje o assombro dos investigadores e dos homens da sciencia.

É, no dizer de Suess, uma zona absolutamente instavel a que é drenada pelo Chatel-Arab. A tradição do diluvio universal, desbastada das suas maravilhas mythicas, encontrou talvez um serio fundamento em uma grande convulsão geologica, que, em uma idade primitiva, o extremo septentrional do golfo Persico tivesse experimentado. O mar entraria mais fundamente pelo Irak, e talvez em edades geologicas, antes da vida humana se ter manifestado, a communicação entre o mar Levantino e o golfo Persico se faria pelo valle que hoje é lavado pelo Eufrates.

Em quasi toda a sua metade meridional, tanto o Eufrates como o Tigre, são pobrissimos de afluentes. Ao norte e a leste levantam-se formidaveis barreiras orographicas, de uma aspereza sem igual e que, em turbilhão revoltó, impedem a descida facil das aguas até o Irak. São montanhas primitivas, sem vegetação chamando a humidade, flanquedadas por pequenos desertos, que se juntam, que se confluem, até constituirem o Grande Deserto Salgado no topo do plató do Iran. Ao sul estende-se o vasto deserto arabico de Nedjd e do Nefond, solo completamente morto, eternamente improductivo.

Entre desertos e montanhas quasi nuas se formou, por successivos sedimentos trazidos pelo oceano Indico e impellidos pelas suas ondas até o fundo do primitivo golfo Persico, um terreno alluvial, capaz de sustentar e fazer progredir collectividades humanas. Do extremo norte occidental do grande valle, as montanhas deixaram escapar para o oriente as aguas accumuladas no Anti-Taurus, nas cordilheiras do Kurdistan e da Armenia. A passagem d'essas aguas sobre uma zona de estratificação sedimentar produziu, entre um immenso deserto inteiramente crestado pelo sol e uma faixa orographica vulcanica que vae do Iran ao mar Archipelago, uma estreita planicie gradualmente ascendente do extremo açoriado do Golfo Persico até os contrafortes meridionaes dos planaltos do Kurdistan.

Toda a descripção phisica da Mesopota-

mia e do Irak-Arab se reduz ao que dissemos: immensas e asperas montanhas ao norte e leste, um vastissimo deserto ao sul, e entre estes limites, uma zona de extractos accumulados por sedimentações successivas e irrigada pelas aguas que descem do Kurdistan e do Erzerum.

O valle do Chatel-Arab e a sua bifurcação no Eufrates e no Tigre, prolongando-se para o noroeste, chega de um lado ás visinhanças do Libano e do outro vae, em curvas caprichosas, perder-se no amontoado orographico que caracteriza o extremo oriental da Asia Menor. E' um caminho de facil passagem, é um valle de fertilidade incontestavel, é a estrada natural entre o oriente, servido pelo golfo Persico, e o occidente, banhado pelo Archipelago e pelo mar Levantino.

As raças que habitam todo o *Nearer East*, segundo a opinião de Eogarth, pertencem, com poucas excepções, a grupos ethnicos superiores. Semitas, hamitas, hamito-semitas, populações pelasgio-hellenicas, thibetanos e outros typos mongoloides emaranham-se com designações politicas as mais diversas. A historia da Mesopotamia, da Assyria, da Chaldaea é, provavelmente, o resultado das successivas invasões e extractificações ethnicas que, em periodos diversos, tiveram a hegemonia em todo o valle do Irak-Arab e da Mesopotamia.

A historia aponta as causas da decadencia das civilizações que floriram em Babylonia, em Ninive, em Ctesiphon, em Seleucia e mais tarde em Bagdad. Os documentos recolhidos pelos orientalistas e pelos anthropologistas revelam a existencia d'essas sobreposições successivas das raças no extremo occidental da Asia. Hoje, nas planicies quasi desertas que bordam o Eufrates e o Tigre, os mesmos typos se vêem, as mesmas collectividades se encontram, denunciando essas migrações primitivas, cuja historia, perfeitamente documentada, está por ser feita pelos competentes. E no emtanto pode-se dizer que essa grande região natural, que fórma o bloco orographico avançando pelo Mediterraneo e pelos seus dois ramos, o Archipelago e o Mar Negro, possui uma individualidade ethnica que muitos seculos de fanatismo, auxiliado pelas condições do solo, teem tornado mais persistente. Não ha certamente uma homogeneidade anthropologica nas diferentes populações que se estendem da foz do Chatel-Arab ao extremo occidental da Asia Menor e da Syria, mas constituem, na historia, agrupamentos que representaram um ou mais estadios na evolução da humanidade e são hoje susceptiveis de um largo desenvolvimento. São raças progressivas, evidente-

mente, que um dia poderão, pela valorização e aproveitamento do solo que habitam, tornar a ganhar um lugar distincto entre os povos superiores.



Julgamos desnecessario fazer a resenha das vicissitudes politicas por que tem passado a região que se estende do mar Egeu ao golfo Persico. Depois das velhas civilizações, da dominação grega, da absorção romana, do aniquilamento do imperio de Roma e a invasão turca, todo o valle de Mesopotamia continuou, sem interrupção, na decadencia, que vinha já de muitas dezenas de annos, até que toda a vida politica d'essas regiões como que de concentrou em Bagdad e no seu entreposto commercial, em Bassora.

Eram fracos os laços que ligavam todo este paiz ao imperador da Turquia. E, por isso, a pouco e pouco, como na Arabia, — graças ao sultão de Oman, — como em quasi todas as restantes zonas onde o Islam se estabeleceu, a centralisação politica e administrativa foi-se tornando gradualmente mais fraca, accentuando pelo mesmo motivo a decadencia economica do paiz inteiro.

Com a ruina do imperio da Turquia, com a independencia dos Estados Balkans e a provavel expulsão de Constantinopla do sultão turco, as provincias do imperio começaram a desligar-se, sem que o poder central conseguisse oppôr quaesquer resistencias a esse desmoronamento. Saíram-lhe das mãos a Tunisia e o Egypto. Quasi todo o litoral da Arabia oriental e meridional encontra-se sob o protectorado da Gran-Bretanha. O Hassa, no golfo Persico, tem tribus independentes. Koweit pertence economica e politicamente aos inglezes. Raras são hoje as regiões ao sul da Mesopotamia e do Irak-Arab onde a auctoridade do Sultão da Turquia seja respeitada ou temida.

O antigo imperio romano do oriente, invadido pelos turcos, está na phase da liquidação final. Nos Balkans organizam-se nacionalidades e, apesar de se encontrarem ainda no periodo da instabilidade politica, ainda sem architectura social bem definida, a sua organização far-se-ha provavelmente no decorrer do seculo em que estamos.

Na Africa, a Inglaterra, por uma politica habilissima, guarda para si o Egypto e todo o *hinterland* ao sul; a França conquista Tunis; a Italia lança vistas ambiciosas sobre a Tripolitana, que considera como o seu natural prolongamento para o sul. Emquanto o imperio turco se aniquila em Africa e na Europa, na Asia a Russia pretende apossar-se da Armenia e, atravessando todo o Kur-

distan, intenta chegar á bahia de Alexandre e no mar Levantino. A Inglaterra, com direitos já historicos, lança mão de todas as ilhas do golfo Persico, e de todos os portos principaes da Arabia, e vae collocar-se mesmo á entrada de Chatel-Arab.

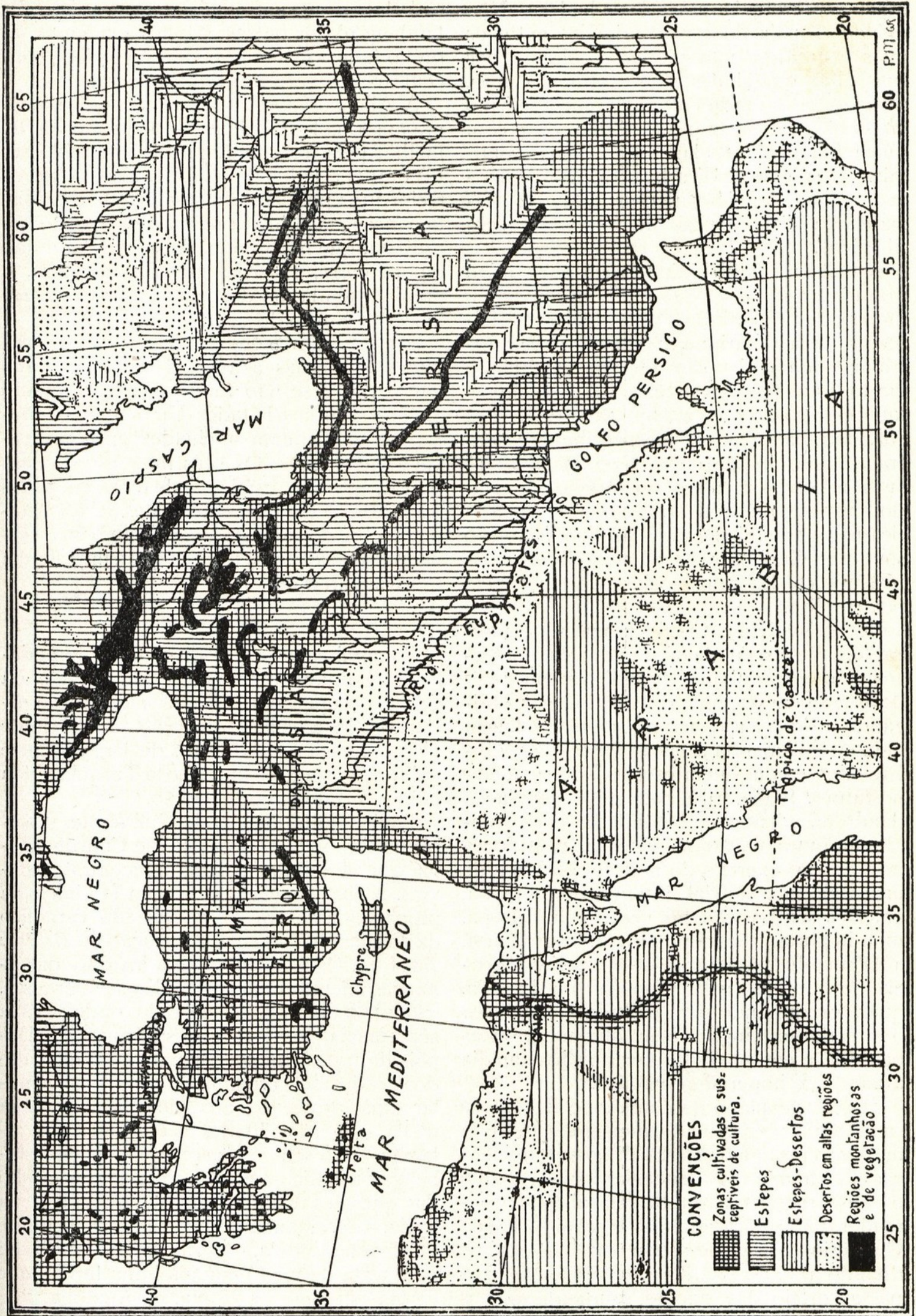
E' n'este esphacelar do imperio turco que as grandes nações da Europa procuram, á porfia, obter predominio e larga participacão na herança. Crescem as ambições, e quanto mais estas se enredam, dificultando a sua realizacão, maior parece ser a protecção que o sultão da Turquia recebe d'essas mesmas potencias.



Ainda não ha muitos annos, Bismarck ligava tão pouca attenção aos negocios e ás questões da Turquia que não poucas vezes julgou desnecessario abrir a correspondencia do oriente. A Allemanha desinteressava-se dos problemas politicos que se iam desenrolando nos Balkans e na Asia Menor. Deixára livre campo á Russia e á Austria, creando d'este modo, entre estes dois paizes, uma rivalidade permanente.

Durante muito tempo a politica prussiana resumia-se a transformar a Prussia em *primeiro estado germanico*. Depois da guerra da Austria e da França, Bismarck trabalhou por fazer da Allemanha a *primeira nação da Europa*. O grande chanceller despresava os assumptos coloniaes, não procurando estender o raio da acção germanica senão dentro dos limites do continente europeu. A sua educação politica tinha sido inteiramente feita na estreita comprehensão de que o mundo se resume aos estados da Europa. Mas o desaparecimento de Bismarck coincidiu com o inicio da larga expansão industrial e maritima do imperio. As ambições allemãs, personificadas no imperador Guilherme, tentam hoje fazer, da *Maior Germania*, a *primeira potencia do mundo*. Da politica exclusivamente *allemã*, passou-se gradualmente para a politica *europêa*, e hoje o *Drang nach Osten* indica quaes as tendencias de todo o imperio e a direcção principal do seu movimento economico. Essas ambições pretendem o predominio *mundial*, inscripto no programma *pan-germanico*!

Emquanto a Allemanha foi unicamente um paiz de sabios e de sonhadores e não de financeiros e homens praticos e de negocio, a nação conservou-se tranquilla e os seus projectos de expansão eram cantados em romances e estudados em livros pelos seus homens de sciencia. Havia n'essas ambições, vagamente escutadas pelo povo, qualquer coisa de mystico, de nebuloso. Pareciam dormen-



tes as energias de uma grande nação e como á espera que novos estímulos despertassem novas tendencias e vontades.

A formação do imperio e o seu rapido desenvolvimento industrial transformaram completamente as condições em que se encon-

trava a Germania sabia e sonhadora. Não deixou o paiz de ser o primeiro entre os mais instruidos, não perdeu nenhuma das suas altas qualidades de pensamento, mas, a par da sua grande cultura, o industrialismo creou uma immensa riqueza e o *élan* com que a Allemanha se lançou nas lutas economicas do mundo indica bem quaes e quantas eram as energias que esse forte paiz trazia desde seculos quasi inteiramente desconhecidas.

A politica colonial iniciada em 1885 foi o primeiro resultado d'essa plethora em que o imperio se ía sentindo. O grande desenvolvimento da sua marinha mercante, a larga distribuição da emigração allemã constituindo em todas as partes da terra centros importantes e ricos, o crescimento progressivo da sua marinha de guerra e especialmente o extraordinario impulso que tiveram todas as suas industrias crearam no imperio um estado d'espírito collectivo que se revela na politica pan-germanica, mundial, que é hoje o sonho de Guilherme II, sustentado pelos sabios, pelos litteratos, pelos artistas e pelo povo inteiro.

O desenvolvimento da sua marinha mercante, hoje a segunda do mundo; os progressos da sua marinha de guerra, que em 1917 deve tambem occupar o segundo lugar, obrigando a França a recuar do seu posto, fazem hoje da Allemanha a nação rival da Gran-Bretanha e com quem esta terá de se medir no futuro. Sábia, rica, com uma população dando excedentes de natalidade como nenhuma outra nação na Europa, possuidora do primeiro exercito do mundo, senhora de uma rede commercial interna que lhe dá, graças á sua posição no centro da Europa, uma importancia economica extraordinaria, a Allemanha, para tornar-se a primeira potencia do mundo, quer dominar na Europa, quer, caminhando para o Oriente, combater o imperialismo inglez, bem solidamente estabelecido e em seu logar fazer brilhar um dia a bandeira imperial germanica.

Ha, n'este plano de Guilherme II, que se suppõe um predestinado, uma ambição ainda mais vasta que a de Carlos Magno. É a sciencia allemã creando a audacia do imperio; é o pan-germanismo, ditado por sabios, a pretender, na politica mundial, o primeiro logar! Guilherme II revê-se n'esse carro triumphal, ditando a lei ao mundo e passando-lhe aos pés o cortejo das nações, saudando os seus sabios, o seu exercito, a sua marinha, as suas industrias e toda a sua opulencia scientifica e economica e toda a sua grandeza politica!

Mas se n'estas ambições megalomaniacas ha signaes de um mysticismo nebuloso que

embalou sempre o espirito germanico, ha tambem n'ellas outros signaes evidentes de que o imperialismo allemão não pode já concentrar-se dentro dos limites da Europa.

A Allemanha entrou tarde na politica da expansão colonial, quando o que havia de melhor pela terra tinha já sido adquirido pelos outros estados da Europa. Mas, os acontecimentos politicos são sujeitos a tantas contingencias, cuja logica nem sempre pode ser prevista, que ella espera ainda, no caminho que percorre, fazer-se grande, immensa, e dominar ainda um dia sem rival nos paizes longe da Europa!

São estas ambições que levam os seus capitães para todas as regiões da terra. A sua emigração já se não funde com o elemento anglo-saxon nos Estados-Unidos. Na America do Sul formam-se cidades quasi exclusivamente allemãs. Os seus financeiros criam portos, arsenaes, caminhos de ferro, em todos os estados e em todos as regiões. E' a verdadeira febre do triumpho, mas é tambem a verdadeira consciencia da força que a impelle em todas as direcções.



Compreende-se agora como o imperialismo germanico procurou na questão da China occupar um logar proeminente e esclareceu-se a sua intervenção, actualmente só economica e, no futuro, de largo alcance politico, em todo o imperio da Turquia ainda hoje sob o dominio do sultão.

Pouco tempo depois de Guilherme II subir ao throno, é ao despota de Constantinopla que elle dirige as mais affectuosas palavras. A sua viagem a Jerusalem é o inicio da propaganda contra o protectorado catholico da França no Levante. A criação do *Deutsch Bank* em Constantinopla é a invasão das finanças allemãs em quasi todas as empresas, caminhos de ferro e em tudo onde a sua supremacia economica possa firmar-se. Depois de transformar a Rumania em mercado dos productos germanicos; depois de simular uma protecção ao sultão e, á sombra d'ella, colher facilidades ás empresas dos allemães e do seu commercio; depois de estabelecer a intriga contra a França a proposito das questões do protectorado catholico na Syria, a Allemanha obteve, mesmo defronte de Constantinopla, o porto de Haidar-Pacha para testa de uma pequena linha ferrea que ligaria este ponto a Konia, na Anatolia.

Estava d'este modo lançado o fundamento das suas futuras ambições. O sultão seria o protegido da Allemanha. Esta defendel-o-ia contra a Russia e a França; oppôr-se-ia ao desmembramento completo da Turquia eu-

ropêa, e d'este modo ser-lhe-ia facil obter concessões no *caminho da India*, o caminho mais curto, que vae do Mediterraneo ao golfo Persico.

O problema do Irak-Arab e da Mesopotamia só interessava, ha poucos annos, ás duas grandes potencias europêas dominando na Asia: a Russia e a Inglaterra. Embora contrarios os seus interesses commerciaes, eram só remotamente antagonicos os seus fins propriamente politicos. Os destinos da Gran Bretanha e da Russia poderiam um dia, talvez, correr parallelamente; as ambições da Allemanha é que não deixarão no futuro de se pôrem em conflicto com as da Gran-Bretanha. Por isso, a entrada do imperialismo germanico nas questões politicas do golfo Persico torna o problema do Irak-Arab e da Mesopotamia muito mais grave e perigoso.

No historico valle que viu as mais bellas civilizações da antiguidade, nas planiceis onde floriram jardins maravilhosos, ao lado das ruinas das cidades, dentro das quaes lutas heroicas se deram e a sciencia surgiu primeiro do que em nenhum outro ponto da Eurasia, confluem hoje as vistas ambiciosas e os planos de dominação das grandes potencias da Europa.



A Gran-Bretanha, a Russia, a Allemanha, a França, a Italia e a Austria teem no actual imperio turco da Asia fortes interesses a proteger e cada uma d'estas nações procura conservar o prestigio adquirido até hoje.

São limitadas as pretensões da Austria. Estado sem homogeneidade politica, cujo raio de acção diplomatica é naturalmente encurtado pelas ambições da Allemanha e da Russia, a sua influencia accentua-se principalmente nos Balkans. Pertence-lhe, por encargo que lhe foi reservado pela Allemanha, a policia dos acontecimentos que se desenrolam na peninsula. D'este modo, como satellite do imperio germanico, favorece as suas tentativas de predominio economico na Anatolia e na Turquia europêa, deixando-a alastrar-se no caminho do golfo Persico. Evita ao mesmo tempo as ambições pan-germanicas que teem como um dos seus fins politicos a futura posse de Trieste, animando a sua allia-da a caminhar para o Oriente, e auxiliando-a nas suas pretensões a *estado mediterraneo*, para a sonhada posse de uma larga zona da Turquia asiatica banhada pelo Archipelago e pelo mar Levantino.

A Austria não tem interesses economicos e politicos para além dos portos da Asia Menor. A Mesopotamia, o Irak-Arab, a Persia e o Oriente inteiro são-lhe desnecessarios para

a politica que segue. Não é uma potencia naval de 1.^a ordem, não possui colonias, a sua marinha mercante é secundaria, as suas industrias não pretendem uma expansão mundial, de sorte que os problemas do Oriente e a luta pela supremacia nos mares da India e da China nem a encontram preparada politicamente, nem lhe pertence seguil-os no seu ponto de vista commercial.

A Italia, que o programma de governo de Crispi lançou em aventuras coloniaes na Erithrea sob a sympathia cautelosamente graduada da Gran-Bretanha, vê na Africa as suas ambições sustadas de exito. O condominio que combinara, com os inglezes na Abyssinia e na Somalilandia, para combater a expansão franceza e os planos politicos da Russia, caiu á nascença, quando á Gran-Bretanha não foi já necessario o seu auxilio para a posse do Sudan e do Alto Nilo.

Na Syria a sua influencia religiosa é incomparavelmente menor que a da França, sob cujo protectorado estão ainda, apesar dos protestos do governo e da opinião publica italiana, todas as suas escolas e associações religiosas catholicas, n'aquellas paragens. Apesar da intervenção dos seus consules e dos da Allemanha, promovendo dissensões entre os catholicos do Levante; apesar dos esforços diplomaticos da Allemanha, junto á Santa Sé, para que o protectorado catholico da França no Levante não se estenda aos subditos da Allemanha e da Italia, é certo que as congregações e as escolas religiosas italianas nos portos do Mar Levantino estão ainda hoje dependentes do protectorado francez.

E' provavel que este *Protektorat-Paroxymus*, como é qualificado pelo professor allemão Hartmann, se não sustente e que tanto a Italia como a Allemanha obtenham algumas regalias de indepedenncia religiosa. Affigura-se-nos porém, que Pio X seguirá n'este assumpto a politica de Leão XIII e que o protectorado francez no Levante cairá gradualmente em desuso, mas não por determinação do Papa.

A influencia economica da Italia é insignificante na Anatolia e quasi nulla na interior da Asia Menor e no Irak-Arab. Foi em outros tempos a nação predominante em toda essa vastissima região. Os seus mercadores e homens de negocio percorriam-na frequentemente, e durante muito tempo foi dos italianos o monopolio commercial em quasi toda a Turquia asiatica. Hoje, e embora as ambições politicas da Italia a obriguem a firmar com mais energia a sua acção no Mediterraneo, é certo que no Levante os seus interesses economicos são muito limitados e não

tem que ser chamada nas graves questões que se hão de dirimir um dia nas terras banhadas pelo mar das Indias.

Não acontece o mesmo á França. Este paiz é ainda hoje o que maiores interesses economicos possui na Turquia. Pertence-lhe 60 % da divida do imperio, isto é, 1764 milhões de francos; o Banco Ottomano é francez perto d'um terço das linhas ferreas turcas está em poder das companhias francezas. Mais de 23 milhões estão empregados em Smyrna e o commercio quasi inteiro d'este porto é feito pelas casas francezas. Dos 3000 religiosos que se encontram no Oriente do imperio turco, 2500 são subditos da França. Esta tem n'essas regiões 5000 escolas, frequentadas por 90:000 discipulos. São muitos os hospitaes francezes, e que soccorrem perto de 100:000 doentes e pobres. A cidade de Beyruth é quasi uma cidade franceza.

O caminho de ferro da Syria, que liga Damas Aleppo e outros pontos principaes, está nas mãos dos capitalistas da republica. E' por isso que a exclamação *Alla Francia*, que exprime, na boca dos indigenas, a suprema admiração, por um povo que, desde longos annos, plantou a sua influencia moral no Levante, é tambem o estimulo que obriga a França a sustentar a sua politica economica e a sua autoridade moral em todo o Oriente Levantino, onde uma e outra se fixaram de ha muito tempo e constituem hoje a grande razão da politica franceza.

Mas não são unicamente os interesses que a França possui na Turquia Asiatica e principalmente no litoral da Asia Menor, na Syria e na Anatolia que a trazem vigilante. Como nação colonial é já possuidora de um imperio na Indo-China, de vastos territorios em todas as zonas do velho continente, senhora de pontos estrategicos muito importantes em todos os mares; consciente da influencia do seu desenvolvimento colonial e economico, para o qual trabalha com energia, os interesses francezes no *Nearer East* prendem-se com os que a França tem no Extremo Oriente, na Africa e na Oceania.

E' certo que a sua expansão industrial encontra no Extremo-Asiatico fortes competidores, que ella não póde vencer. As industrias inglezas, allemãs e americanas ganham a pouco e pouco quasi todos os mercados do Pacifico; mas a França com perto de 30 milhões de subditos na Indo-China e as suas ambições na China meridional, que ella procura transformar em um protectorado economico, ganha estimulos que justificam a sua intervenção na politica internacional sobre assumptos relativos ao golfo Persico e ao valle de Eufrates e o do Tigre.

Não póde a França esperar, como a Allemanha pretende, uma supremacia naval e economica nos mares do Oriente; porém, a sua alliança com a Russia, os seus interesses politicos contrarios aos da Allemanha e da Gran-Bretanha e principalmente a sua supremacia moral no Levante e a importancia dos seus capitaes na Turquia asiatica obrigam-na a occupar um dos primeiros logares na concorrência que a diplomacia está creando na Mesopotamia e no Irak-Arab, entre as grandes potencias europêas.

Comprehendem-se e são muito legitimos os planos da Gran-Bretanha. Preparando-se desde longa data, póde hoje ousadamente ficar onde está, não permittindo que nenhuma outra nação a desloque nem a exceda em força e predominio, desde o golfo Persico até o Mediterraneo. Guarda com segurança as chaves do caminho do mar Vermelho, mas precisa tambem conservar uma igual hegemonia no golfo Persico. Só d'este modo ficará intacta a sua supremacia naval nos mares da Asia, será seu o mar das Indias e o commercio que descer pelo Chatel-Arab encontrar-a-ha sempre vigilante e sempre forte em toda a estrada que vae ter á India.

Dissemos já quaes são as ambições allemãs, qual é o seu sonho imperialista de dominar o mundo inteiro com a sua sciencia e com a sua força economica e naval. Pretende deslocar a Gran-Bretanha e ha de um dia tental-o, quando se julgar sufficientemente forte e quando completamente organizada no mar. Ambiciona o predominio em toda a Anatolia, na Syria, na Mesopotamia até á foz do Chatel-Arab; quer uma sahida para o golfo Persico, e espera, para a realização do seu plano gigantesco, que a versatilidade da sua politica, pelos jogos malabares por que se caracteriza, possa um dia, por combinações diplomaticas oportunas, vencer a sua grande e poderosa rival. Para que esse ideal venha no futuro a ser exactamente cumprido, para que o *Drang nach Osten* não seja uma eterna miragem, emquanto a sua marinha mercante abre em todos os mares uma terrivel concorrência á expansão industrial e á marinha commercial britannicas, o imperio, sem descuidar do seu formidavel exercito, prepara systematicamente a sua marinha de guerra. *Who rules the waves rules the world*, dizem os inglezes. Conhece a moderna Allemanha este grande axioma da politica internacional, e o seu imperador inspira-se tambem nas palavras do publicista americano Mahan, para poder affirmar que «*Unsere Zukunft ist auf dem Wasser!*»

Para realisar com segurança tão vasta rêde politica, é indispensavel á Russia uma con-

ducta sombria, reservada, sempre persistente. E' esta effectivamente a feição da sua diplomacia. No Extremo-Oriente tem, d'este modo, obtido triumphos successivos. No sul, conseguiu dilatar os seus limites, fazendo entrar nos seus dominios a Bokhara e varios fragmentos do territorio persa. Na Caucasia conserva um numeroso exercito sempre vigilante, e nos desfiladeiros d'esta região as suas sentinellas espreitam a Armenia e o Kurdistan.

Na Persia, a Russia e a Gran-Bretanha partilham, sob a fôrma de um condominio economico, todas as forças vivas do paiz. Rêdes telegraphicas, circulação fiduciaria, estradas, bancos e navegação pertencem aos inglezes. A Russia possui as melhores concessões dos caminhos de ferro, as melhores tarifas e vantagens commerciaes. Não lhe convem por isso que a influencia britannica se propague pelo reino inteiro e muito menos deve querer que um novo concorrente, tão temivel como a Inglaterra e mais ambicioso ainda, venha modificar em seu prejuizo a rêde de estratégia commercial que a pouco e pouco a Russia vae estabelecendo em toda a Persia e na Alta Mesopotamia.



Esclarece-se d'este modo, pela rapida exposição dos interesses das differentes potencias no *Nearer East*, que acabámos de fazer, a larga importancia que na politica mundial tem a região do Irak-Arab e a Mesopotamia. E' n'esta zona que se encontra o centro geographico do velho continente. A sua situação, entre a Europa e a Asia, significa o caminho o mais curto entre o Extremo-Oriente e o Extremo Occidente. Foram estas as condições que, nos tempos antigos, permittiram a varios povos fazer nascer e brilhar civilizações das mais notaveis no Universo. E' pelo valle do Irak-Arab a passagem natural, o transito futuro, da expansão da civilização europêa até os ultimos limites do Extremo-Asiatico. A nação que dominar n'esse valle, aquella que mais fortes raizes economicas e politicas crear em toda essa estrada será tambem a potencia que de um ao outro extremo do velho continente, do Atlantico ao Pacifico, poderá com mais firmeza dictar leis no mundo. A actual hegemonia da Gran-Bretanha em todo o mar das Indias e no golfo Persico, os protectorados que ella estabeleceu na Arabia, a supremacia economica e politica que a Russia tem actualmente na Persia, os interesses religiosos e financeiros que a França sustenta na Asia Menor e na Syria, circumstancias que mais e mais se hão de tornar complexas de modo a preparar um

internacionalismo na formula politica que deve reger os destinos do Chatel-Arab, tornam o problema do golfo Persico progressivamente mais perigoso, se uma só das grandes potencias que entram na luta quizer estabelecer um predominio absoluto entre o mar Egeu e o extremo oriental do Eufrates e do Tigre.

Está ainda longe de poder realizar o seu programma; mas prepara os seus elementos, estabelece a Allemanha em toda a parte, faz respeitado o seu nome em todo o mundo e sonha, vagamente ainda, como um illuminado, com esse dia glorioso em que algum dos seus descendentes possa, n'um supremo orgulho que traduza o orgulho de uma raça inteira, repetir a um imperador da Russia, com justiça, com verdade, a celebre saudação dirigida a Nicolau II, do bordo do *Hohenzollern*: *O Almirante do Oceano* sauda o Almirante do Pacifico!

O plano politico da Russia, pela propria vastidão d'este imperio, é bastante complexo e exigiria um demorado exame. Na zona que faz o objecto do nosso estudo, a Russia conflue tres *ramificações* da sua conducta diplomatica: Constantinopla e a sahida para o Mediterraneo, a hegemonia na Persia e a aquisição economica do litoral do golfo Persico, e a expansão para o mar das Indias através da Persia e do Beluchistan. Estendendo-se ao oriente até o Pacifico, banhada ao occidente pelos mares que se prolongam até o Atlantico, as suas ambições pretendem alcançar, ao sul, o Mediterraneo e o mar das Indias. A realizar o seu immenso plano politico, o imperio seria como um polvo que prendesse todo o velho continente.

A heterogeneidade das raças e os seus differentes graus de cultura, a extrema variedade das zonas dominadas pela Russia, a immensidade da área pretendida pela politica do Tzar tornam improvavel, durante muito tempo, uma forte ligação entre estas diversas partes do pretendido imperio. No entanto, a Russia, pelo *transiberiano* trata de se precaver no Extremo Oriente, pondo as mãos na Mandchuria e reservando-se para uma occasião opportuna alcançar a Corêa. Pelo *transcaspiano* ameaça o Beluchistan e o estado Afghan, que servem de zona *tampão* entre a Slavia politica e o imperio inglez da India. Pelos caminhos de ferro projectados na Persia, passando por Teheran e terminando em Bandar-Abbas, no fundo do estreito de Ormuz, e na foz de Karoun, no fundo do golfo e junto de Chatel-Arab, pretende chamar á sua influencia economica toda a costa persa e o respectivo *hinterland* do mar de Oman, até á extremidade septentrional do golfo. A linha projectada através

do Erzerum, a politica sempre agitada que inspira no Caucaso, as suggestões de revolta que promove na Armenia e as suas pretensões de chegar até á bahia de Alexandrete no mar Levantino, traduzem um meio politico de resolver o problema da passagem para o Mediterraneo contornando a Anatolia e isolando o sultão em Constantinopla.

É esse justamente o plano do imperialismo allemão, que a sua imprensa denuncia e que os seus politicos e homens de sciencia e de negocio revelam nos congressos, nas discussões, nes centros commerciaes. E até o proprio Guilherme II, no seu *Drang nach Osten*, traduz essa ambição quasi illimitada para um dominio mundial, ultima expressão da sabedoria e da politica allemãs.

Foi esse o pensamento que ditou ao imperador da Allemanha a sua conducta com o sultão da Turquia. Depois dos capitaes germanicos terem construido o caminho de ferro da Anatolia, do Haider-Pacha a Konia, era necessario, para a realização do plano imperialista, que essa linha ferrea se prolongasse até Bagdad e depois até Bassora. Era uma empresa gigantesca, para a qual tornavam-se indispensaveis sommas consideraveis, de que os bancos allemães não poderiam dispôr. Alem d'isso, a Allemanha tinha que simular que essa obra formidavel visava um objectivo de character internacional, e como os capitalistas francezes não querem perder as vantagens alcançadas na Turquia, os financeiros germanicos offereceram 40 % dos encargos e garantias d'essa linha á França, reservando para a Allemanha uma percentagem igual e cederam 20 % ás outras nações e em especial á Belgica.

Não querendo que a má vontade da Russia difficultasse a empresa, procurou a Allemanha a sua cooperação, chegando a offerer-lhe os 40 % que lhe pertenciam!

A Russia regeitou o offercimento, a pretexto de que esse caminho de ferro era contrario aos seus interesses economicos. A Gran-Bretanha, depois de algumas hesitações do sr. Balfour, acabou por se esquivar a entrar na empresa, por entender que não devia prestar-se a espalhar os seus capitaes n'uma região que os allemães já denunciaram seria no futuro um seu dominio directo, o campo da sua expansão industrial e politica!

D'esta dupla recusa, da Russia e da Inglaterra, resulta que a Allemanha, cujos financeiros e grandes capitalistas, depois das ultimas crises, se teem resguardado de aventuras perigosas, só encontram capitaes francezes a quererem acompanhal-a. A sociedade allemã da Anatolia e a companhia franceza da Syria combinaram um traçado prin-

cipal e diferentes ramaes secundarios, de sorte que a rêde Anatolia-Syria-Mesopotamia-Irak-Arab virá a pertencer, em partes eguaes, ás duas nações.

Em França, é o partido colonial quem defende a cooperação franceza, porém uma grande parte da opinião publica é contraria ao projecto dos capitaes francezes quererem auxiliar as ambições imperialistas da Allemanha.

A Russia vê com desagrado a intervenção franceza, e na propria França, onde ha quem sustente que a alliança politica não importa uma sujeição economica absoluta, muitos publicistas são de opinião que os capitaes francezes devem retrair-se, procurando assim deter o imperialismo germanico nas suas grandes pretensões de dominio mundial. No dia em que a Allemanha se sentir forte na Mesopotamia e na Anatolia, ella descerá até Trieste e o problema austro-hungaro será aberto á politica internacional.

Em opposição com o projecto da linha Konia-Bagdad-Foa, apresenta a Gran-Bretanha o da linha Alexandria-Koweit. A primeira está concedida á Allemanha, a segunda foi pelo sultão negada á Inglaterra, mas ambas estão em projecto e ambas traduzem uma necessidade da civilização na sua marcha para o Oriente.

Não está ainda definitivamente resolvida a questão da linha ferrea Konia-Bagdad-Foa. A Gran-Bretanha deixou-se ficar em Koweit e d'este porto vigiará a foz do Chatel-Arab. A Russia, sempre sombria, espera, com reserva e n'uma tranquillidade apparente, o passar dos acontecimentos. A França hesita ainda: não sabe se deve acompanhar a sua inimiga de modo a não lhe permittir que ella combata a sua actual supremacia economica e religiosa no Levante, ou se deve andar na cauda do imperio moscovita, como no Extremo-Oriente, fazendo sua a politica da Russia.

A Allemanha sabe o que quer, mas os seus bancos não se atrevem a tão gigantesca obra. O seu orgulho, porém, que não sabe occultar-se, obriga-a a não abandonar a empresa, visando com persistencia o caminho do oriente. *Drang nach Osten* é a phrase que synthetisa, na sua maxima singeleza, o programma imperialista da *Maior Germania*. É no centro geographico do Velho Continente, entre os tres oceanos, na melhor das estradas que ligam a Europa á Asia, que o imperador Guilherme pretende firmar, pela posse economica, uma futura supremacia politica!



E' absolutamente impossivel prevêr os acontecimentos politicos que ainda n'este

seculo se hão de desenrolar n'essa zona asiatica onde surgiram maravilhas da civilização. E' durante dezenas de annos que os acontecimentos se preparam, que umas forças se substituem ás outras. O sul da Europa, centro politico do mundo, foi em todos os tempos a região onde refluíram as ambições de todos os grandes povos, e é d'elle tambem que surgiram todos os perigos e todas as glorias para a humanidade culta. O problema da Mesopotamia d'elle depende em primeiro logar. Não ha ainda estabilidade politica na Peninsula Balkan; a crise austro-hungara só revela n'este momento os seus primeiros signaes; o irredentismo italiano não encontrou ainda a verdadeira formula que deseja dar á sua politica; a questão do Adriatico e a proxima luta entre os interesses allemães e italianos só vagamente se notam em Fiume e em Trieste, onde os primeiros estão preparando-se economicamente; está ainda de pé o problema de Marrocos, e o sultão da Turquia, animado pela Allemanha, não se

resolve por emquanto a passar o Bosphoro. Todos estes problemas se engrenam e todos elies fazem gravitar dentro do raio da sua acção os acontecimentos que se vão dando entre o golfo Persico e o mar Egeu. As ambições das grandes potencias traduzem, é certo, interesses não satisfeitos da civilização; procuram, desfazendo os limites politicos da Europa, contrapôr a uma *vasta America* uma *immensa Eurasia*. Porém, emquanto não se estabelece esse equilibrio anthro-po-social; emquanto a humanidade mais civilizada não edifica uma moral que approxime os povos em vez de os afastar, os conflictos internacionaes, sob motivos os mais extranhos e os mais imprevisos, se hão de abrir durante seculos, mostrando assim que não nos é facil, por mais sabios que sejam os conductores dos homens, por maior que seja a superioridade moral e intellectual dos dirigentes dos povos, vencer a animalidade inferior das multidões, que só se governam por instinctos.

SILVA TELLES.



PROLOQUIOS GLOSADOS

Eu tinha dito: Em nome do meu brio
 não te darei, panthéra, mais um pio
 e a sós engulirei despeito e mágua!

Mas qual! se o disse bem, melhor faltei!

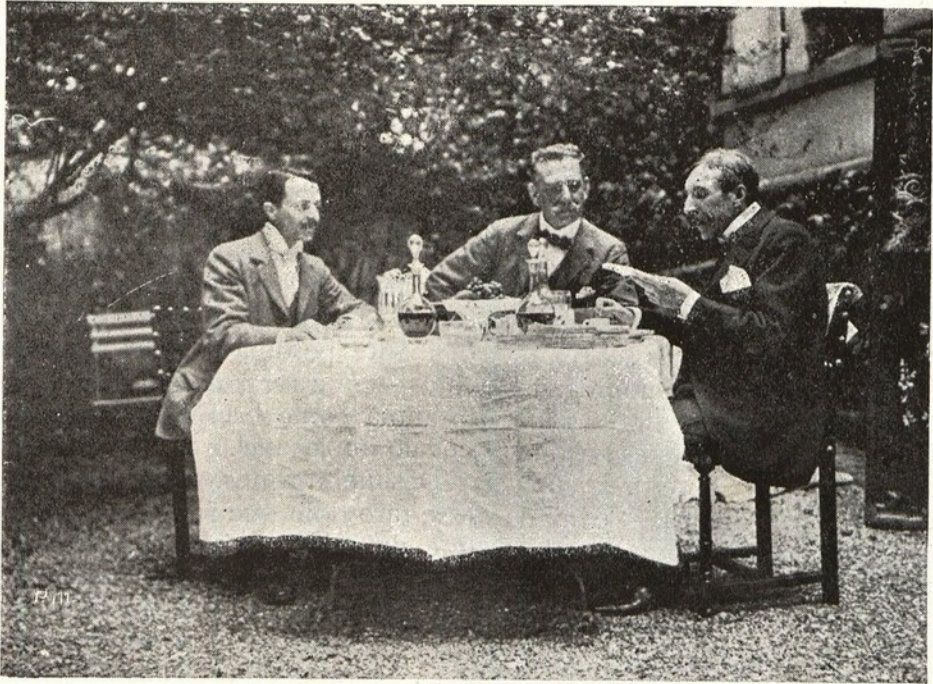
—Ninguém me diga: D'esta agua
 não beberei!—



Cliché do sr. José P. Cardoso Junior

MONUMENTO A EÇA DE QUEIROZ

ESCUPTURA DO SR. TEIXEIRA LOPES



EÇA DE QUEIROZ

A 17 de agosto de 1900, quando em Lisboa houve conhecimento da morte de Eça de Queiroz, no dia anterior, em Paris, o jornal *O Dia*, — n'uma commovente iniciativa, — ao registar a luctuosa confirmação d'essa tristissima verdade, reatava a condóida expressão do dolorosissimo sentir, exprimindo o voto de que a manifestação da dôr nacional se não limitasse ao precipitado alinhavo de quatro phrases, mais ou menos banaes, na imprensa; mas que devia ao depois pensar-se em fixar a memoria querida e inolvidavel do extraordinario humorista «por qualquer outra forma além do monumento immorredouro dos seus livros.»

Felizmente, a mais alguém occorreu esta idea, aliás d'uma elementarissima justiça, tratando-se d'essa individualidade superrima cuja acção foi para o nosso *meio*, intellectualmente um relampago, socialmente um novo corpo de doutrina; que nos deu, pelo riso, carta de alforria á consciencia, e, pela arte, azas de aguia ao espirito. Um outro talento aristocratico e subtil, como o de Eça, uma

outra grande alma indissolvelmente ligada á do glorioso extincto por uma dôce e inalteravel irmanação, intellectual e moral, logo pensou na grandiosa perpetuação, pelo marmore, da memoria d'esse extravagante emancipador e seu inalteravel amigo.

E, uma vez lançada a campo, a beneficente idea vingou, a termos que, levada no propulsor impulso dos extraordinarios meios de realisação de que o seu feliz iniciador dispunha, ella ahi está, magistral e superiormente traduzida, no bello monumento que recentemente se inaugurou no largo do Quintella. Um grande homem, piedosamente amado por um grande coração, transcendentemente fixado por um grande artista,—é a synthese, é a lição moral de tão formosa obra. Raro a inspiração d'um estatuario terá sido tão ampla e vigorosamente illuminada pela comprehensão do seu assumpto; raro terá sabido desentranhar-se em tão alto e sublimado sentimento o coração d'um amigo. Mas raro igualmente haverá tido a grata admiração dos homens mais suggestivo estimulo, do que o

Os clichés que illustram o presente artigo foram-nos amavelmente cedidos pelo Ex.^{mo} Sr. Visconde do Alcaide, distincto artista amador, que teve ensejo de convivio em Paris com o eminente escriptor, e no jardim da casa d'elle em Neuilly colheu aquelles suggestivos quadrinhos de familia e de viver intimo. A gravura de en-tête surprehende um almoço intimo em que são commensaes de Eça, o sr. Thomaz Roza, nosso ministro em Paris, e o sr. Visconde do Alcaide.

foi a acção deslumbradora d'este porta-estandarte inédito do Ideal, que veio alargar o campo da nossa visão esthetica e as responsabilidades da nossa missão moral.



A acção, enormemente revolucionaria, exercida pela obra de Eça de Queiroz na intellectualidade, nos costumes e na ethologia geral da sociedade portugueza, é uma coisa tão intensa e tão complexa, que só n'um longo transcurso de annos nos será dado medir-a em todo o seu inapreciavel valor. E todavia,—como é potente a radiação do genio! — nada de mais simples, de mais sóbrio, de mais delicado do que os meios empregados por Eça de Queiroz para conseguir o seu fim. Meia duzia de livros apenas; e estes traçados e escriptos sôb uma intransigente preocupação de impersonalidade, nunca, — e ainda bem! — attingida, e que foi, durante toda a sua vida, o exaspero e a tortura do escriptor.

Ligado a Ramalho Ortigão na confecção



EÇA DE QUEIROZ LENDO O «FIGARO»

d'*As Farpas*, enquanto a sadia organização d'este se desentranhava em rutilancias paradoxas, em athleticas arremettidas contra as manhas, os vicios e os grotescos nacionaes,

vinha o Eça e apenas traçava subtilmente, de ironia, entre dois pequenos travessões, com o realismo flagrante d'um friso etrusco, algumas linhas de annotação caricatural á sociedade beata e mesquinha que de roda d'elle sentia formigando. Despedia um agudo silvo de troça, enquanto o outro brandia o marmeleiro. Mas era o bastante para que a impressão do seu *humour* ficasse. E, em numeros successivos d'*As Farpas*, através todo aquelle apparatuso, e por vezes dogmatico, por vezes oppressivo, arcaboço de preceitos, larachas, erudição e conselhos, o que mais, a espaços, scintillava—como alguma aresta de diamante perdida nas dobras de tapeçarias caras—era a *verve* do Eça, viva, instantanea, prompta como o brilho sarcasta do seu monoculo implacavel.

Deslumbrou-nos, educou-nos pelo riso, esse raro dom que foi sempre a pedra de toque da aristocracia do cerebro; o privilegio do homem, entre toda a criação, na Terra, e, entre os homens, o timbre do genio. Para

se poder rir com superioridade e discernimento, é mistér pertencer-se a uma raça forte e autonoma, que tenha a faculdade de julgar em globo as modalidades ephemerias da vida. E assim como as grandes paysagens só se abarcam da corôa altiva dos cabeços, tambem só os raros cerebros generalizadores conseguem alar-se a essas alturas transcendentaes, longe da terra, perdidas nas nuvens, do alto das quaes o mesquinho formigueiro humano dá então a sua nota integral — nota expressa pelo riso, por isso que todo este nosso conjuncto de miserias, áquella enorme distancia attenuado, attenua tambem n'um philosophico rir a piedade.

Melhor ou peor, todos os homens são capazes de raciocinar, mas muito poucos sabem rir. Porque o supremo requinte da psychologia humana reside em descobrir o reverso ás tragedias sociaes... e n'este lá está sempre por força a comedia. A' qual se não chega senão por um illuminado trabalho de synthese, como o chimico no laboratorio, e dando, como summo resultado de indução mental, a synthese espirital das coisas.

Vejam como nos maiores acontecimentos sociaes teve parte determinante o riso, e como a perpetuação das grandes manifestações do espirito humano deriva, por via de regra, do sarcasmo. Que papel culminante não desempenharam no seu tempo homens como Democri-

to, Aristophanes, Petronio, Esopo, Voltaire, Byron, Rabelais, e, no dominio das artes plasticas, os ceramistas da Etruria, e os grandes caricaturistas nos porticos, misulas e gargulas das cathedraes, pela edade-média! A figura mais eloquente dos *Miseraveis* é *Gavroche*; a personagem que mais empolga em todo o *Fausto* é *Mephistopheles*. Voltaire, o contemporaneo de Aretino, transformou a Europa a escarnicar, a rir. E esta summa facultade do riso attinge então proporções sobrehumanas, estonteia pelo remontado vôo a que ascende e dilacera-nos pelas agonias infernaes em que se recurva, quando, como em Henri Heine e em Camillo, ella realiza a harmonia paradoxal da risada com o gemido.

Certo é que o riso tem, como nenhuma outra alavanca moral, aluido preconceitos, desfeito religiões e desmorronado imperios. E para alcançar esse dom supremo é mistér, segundo o mesmo Camillo, «ir subindo e tirando ás coisas a sua essencia lacrimavel, ir subindo e desdando os nós que atam a dôr alheia á nossa...»



Em Eça de Queiroz, a função do riso manteve-se de alto, n'uma serenidade olympica, tão cheia de altivêz como de caracter. Foi como que a formula superior do desdem, a derivação philosophica da bondade. E d'este modo superior e altivo de demolir, a impressão ficou. Depois, a fórmula perturbada, desarticulada e nova dos seus romances, os grandes principios moralisadores que presidiam á sua ideação, pozéram dominadoramente a individualidade de Eça de Queiroz em fóco. Simultaneamente alvo do culto fanatico de uns, da sanha feroz dos outros, a sua obra impoz-se e accordou para o Sentimento e para a Verdade um povo narcotizado, tres seculos havia, pelo artificioso ramerrão das arcadias, congregações e academias.

Acepillou-se o estylo, despiu-se a frandulagem rhetorica, cujos ultimos farrapos ainda os romanticos agitavam com a mais comica solemnidade, arejou-se a prosa, viram-se, olharam-se, descreveram-se as pessôas e as coisas conforme ellas são; e assim o Eça conseguiu—não obstante as hypocritas indignações que accendeu o *Primo Bazilio*, apesar da tempestade de tonsuradas invectivas que lhe valeu *A Reliquia*—conseguiu desempoeirar uma litteratura do ranço de mosteiros e archivos, laval-a dos dulcerosos

euphemismos da desmoralisação galante dos seculos anteriores, e, como um clarim soando o alarme no seu estylo firme e estridente, chamar a novos arraiaes todos os que escre-



OS FILHOS DE EÇA DE QUEIROZ

vem, deletrear-lhes o novo ideal em Arte, mostrar, em summa, a espiritos que por tradição não se atreviam a mais do que vestir e despír manequins, como é que se anatomisa uma alma.

Eça de Queiroz foi verdadeiramente, no afinamento do estylo, no cosmopolitismo da linguagem, o continuador de Garrett. Não aprofundou e estudou como este os veios da tradição nacional; mas tendo uma phantasia muito superior e mais solidamente disciplinado o espirito, creou typos que são syntheses, desfiou caracteres e definiu paixões da mais larga envergadura humana. A sua acuidade de visão assombra, o seu poder de descripção é completo. E, dado por aquelle traço rigoroso e incisivo, não ha assumpto que tenha lacunas, não ha alma que refolhe em sombras. Tudo espiritualmente se define, se recorta e resplandece, quando reflectido no aço d'aquelle requinte e imaginoso estylo, o qual, mórmente o da sua ultima *maneira*, ficará para nós, em relação ao seculo XIX,

tão classico, como das edades anteriores o ficaram sendo Rodrigues Lobo, Bernardes, Frei Luiz.

A consagração d'este grande portuguez, perante a posteridade e perante o mundo, não se fez felizmente esperar. Abriu-se agora, com respeito a elle, um parenthesis de emthusiastica admiração e de grato affecto, n'essa imperturbavel linha de desdem, n'esse lençol de olvido em que Portugal costuma amortalhar os homens que o engrandecem. Os exemplos ahi abundam...

Eça de Queiroz não constituia, para a maioria do publico, uma figura popular. E comtudo ninguem, por mais indifferente, cruzava com elle na rua, que não fôsse tocado, a um tempo, de extranheza e adoração, por aquella atormentada e subtilissima figura. — A sua têz macerada e austera, o seu nariz de cêra, a doentia projecção dos males desguarnecidos, o perfil apprehensor e adunco, os olhos de cinza; a palpebra morosa, os longos dedos irrequietos, casavam-se n'uma perfeita harmonia com a ansa de fadiga em que se lhe dobrava o dôrso, com o feitiço pausado e incerto do seu andar. Era um homem, — via-se, — analysta e philisopho acima de tudo, debruçado sobre os factos para chegar ás origens, ávido do sentimento intimo das coisas, e cujo mais absorvente prazer, cuja missão funcional era, de continuo, apprehender e palpar, em flagrante, de roda de si a Vida...

Mas não era, repetimos, uma figura popular, accessivel á multidão. Por isso tornava-se mistér indispensavelmente, para a vulgarização do seu nome, o carinhoso e heroico esforço do seu grande amigo. Esta admiravel obra piedosa do conde de Arnoso começou pelo theatro.

D'aquella sua paraphrase tocante do *Suave Milagre* a determinante não foi uma preocupação trivial de evidencia, mas sim o magnanimo proposito de apresentar sob esse aspecto adoravelmente candido e mystico, e quasi desconhecido, o escriptor de quem, na sociedade sua contemporanea, não havia mais do que a tradição, convencionalmente irritante, das suas liberdades, e a beliscadura humilhante dos seus sarcasmos.

Agora, essa tentativa de rehabilitação pela scena completou-se pela consagração na praça publica. Era o seu complemento logico e era um dever civico, a todos nós imposto pela memoria d'aquelle que foi intellectualmente o patrono d'uma geração.

O monumento dos seus livros ergueu-o elle si proprio, pelo seu talento colossal; mas devia-lhe est'outro a nossa gratidão e a nossa saudade.

O glorioso caminho para a reivindicção apothetica dos nossos grandes homens extinctos ahi fica aberto. Pois aproveitemos com o exemplo. Continuemos, perseveremos n'elle. Que d'esse vergonhoso trilho de injustiça e ingratição não é pequena a jornada!

ABEL BOTELHO

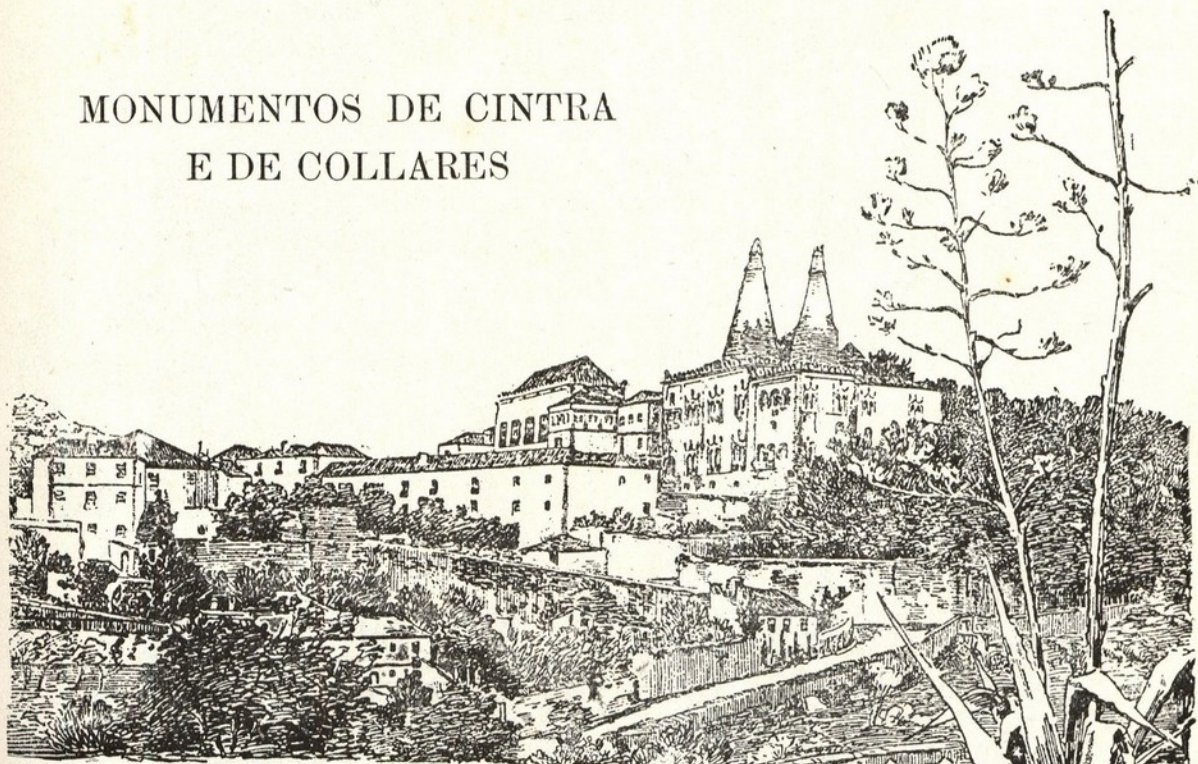


EÇA, SUA MULHER, SUA FILHA, O SR. CONDE DE CAPARICA
E O SR. DOMICIO DA GAMA, ESCRIPTOR BRASILEIRO

A Architectura da Renascença em Portugal

POR ALBRECHT HAUPT

MONUMENTOS DE CINTRA E DE COLLARES

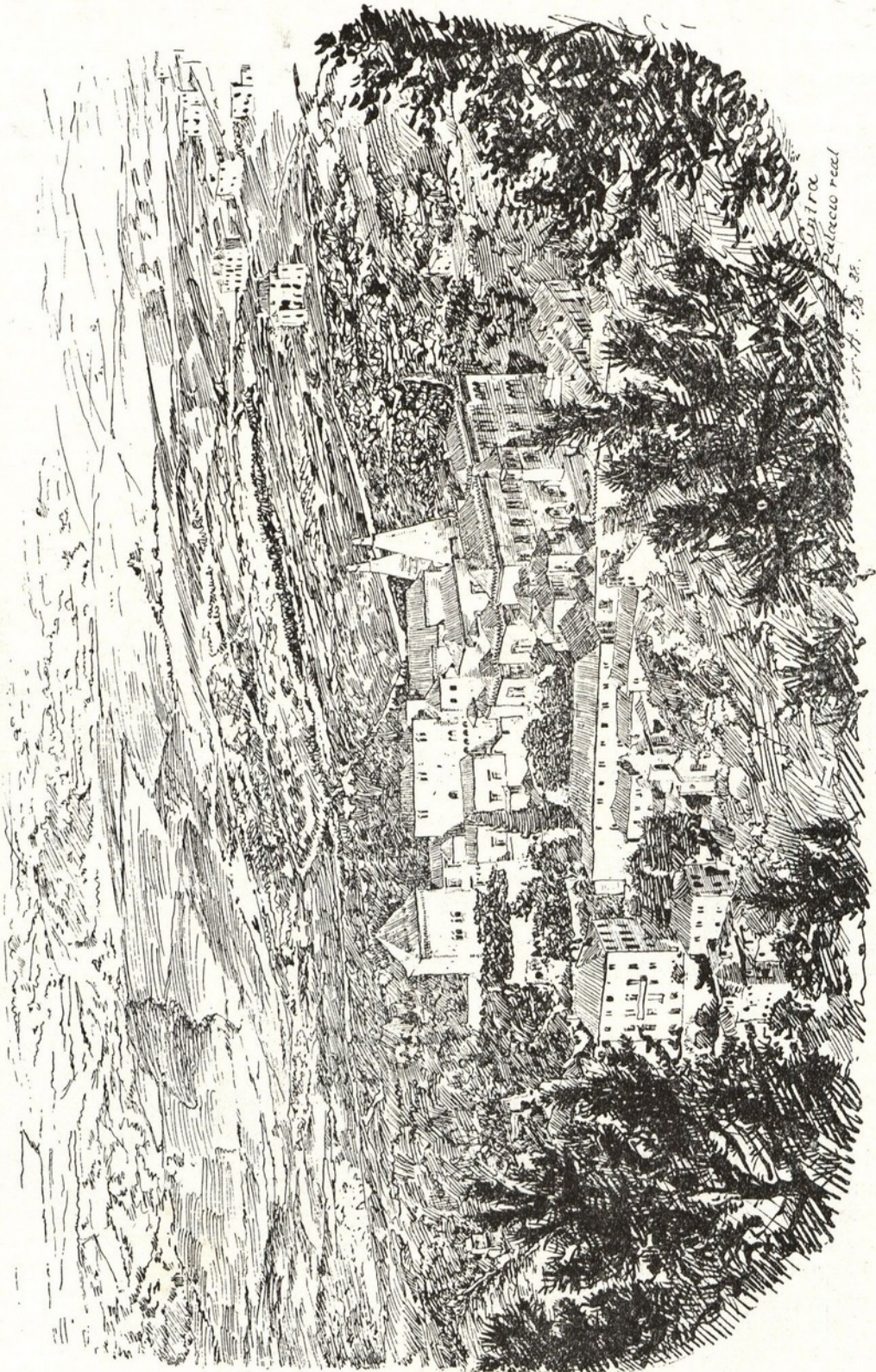


Do lado norte do curso inferior do Tejo, na direcção leste-oeste, para a costa occidental, corre-lhe paralelo um espigão alcantilado de serra; é a serra de Cintra. Em redor d'ella são formosos os campos, *um delicioso paraíso*, como lhe chamou Byron, e é natural que os mouros, os antigos dominadores do paiz, se tivessem demorado ali com predilecção especial e talvez estabelecido a sua residencia em meio d'aquella magnifica natureza. Para proteger as povoações situadas nos valles, fecharam a serra com castellos ligados por compridas muralhas corôadas de ameias, encerrando pelo fecho do circuito lugares seguros á maneira de campos entrincheirados. A sua sombra e

a meia encosta está n'um dos mais lindos sitios da Europa a villa de Cintra, com o seu palacio real, residencia de verão dos reis. Ainda hoje os portuguezes consideram esse palacio como a Alhambra portugueza; e com effeito elle tem no seu perfil, na sua construcção e na sua divisão interna o caracter mourisco. Mas com isto não se quer dizer que elle na sua actual apparencia possa per-

tencer, mesmo em parte, ao tempo dos dominadores mouros, os quaes deviam ter evacuado o paiz por metade do seculo XII. Não

mente das épocas de D. Affonso v e de D. João II, havendo demais a certeza que os trabalhos de construcção até o reinado de



Vista geral das construcções que compoem o Paço de Cintra

obstante pôde-se talvez suppôr que n'uma parte do percinto cercado e o desenho em geral sejam d'esse tempo antigo, posto que a parte principal do edificio pertença ao tempo moderno, desde D. João I, especial-

D. Manuel foram executados por artifices mouros, provavelmente os mesmos que por ordem regia trabalharam em Evora. Todo o palacio real de Cintra mostra uma maravilhosa e estranha similhaça com os edificios

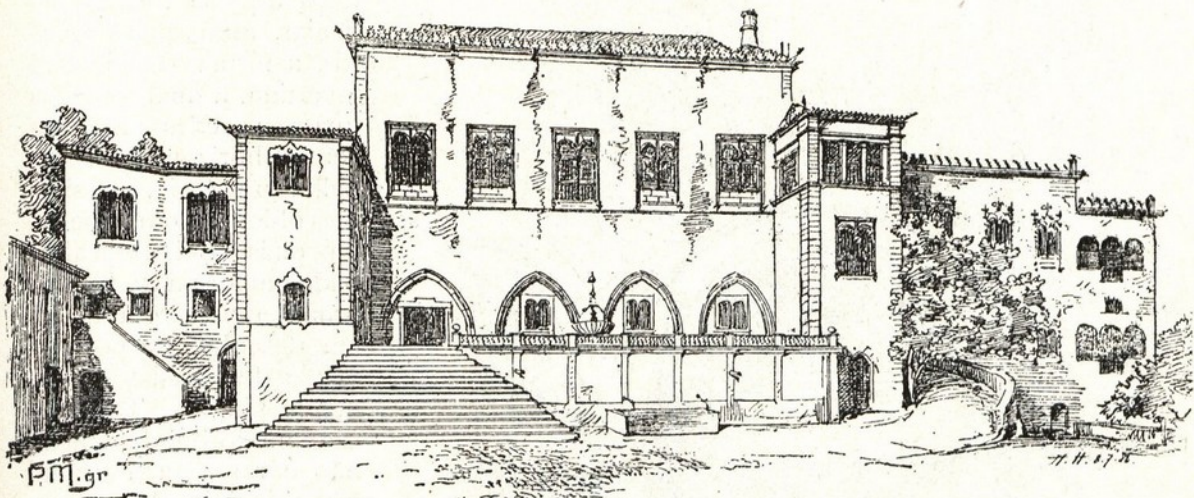
d'aquella velha cidade distante, mas nenhuma com os de Lisboa e os seus arredores.

A architectura da maior parte das construcções d'elle é, como já dissemos, de caracter mourisco na accepção que aqui chamam *mzarabe* e em Hespanha *mudejar*. Estas são as denominações dos trabalhos dos mouros sob o dominio dos christãos, d'uma assignalada importancia, especialmente em Hespanha, como da sua individualidade e do seu estylo não deixaram os mouros até ao tempo da sua expulsão; mas ao contrario desenvolveram-n'os, sob a influencia da arte christã contemporanea, n'uma segunda e maravilhosa florecencia.

A ultima arte mourisca em Portugal, dependente da christã, é menos gloriosa mas

n'esta parte do edificio são analogamente feitos em formas recurvas do gothico das ultimas épocas; todos estes trabalhos, porém, são executados em seus detalhes por maneira rude. O naturalismo d'elles faz recordar em parte Thomar, mas sem ter d'este a força nem a originalidade.

Pertencendo á mesma época pôde citar-se o gracioso desenho da gruta do banho. É uma pequena galeria que abre com tres arcos, firmados sobre duas finissimas columnas, para um pitoresco patco de fonte cujo interior é fechado por tres nichos e inteiramente recoberto de magnificos azulejos. A gruta encerra os mais curiosos repuchos e fontes illusionistas. Os arcos graciosamente entrelaçados da galeria são no seu fino trabalho



Frente do Palacio Real de Cintra

contudo bastante rica e interessante, principalmente pelo facto de que nos seculos XV e XVI ella se apossa dos motivos gothicos da mesma época, para os fundir nas proprias formas, sem perder o seu peculiar caracter.

A architectura externa do palacio de Cintra apresenta superficies lisas com cornijas de ameias e arcos em forma de ferradura com dentilhões. Os numerosos columnellos das janellas são corôados d'um singular capitel em fórmula de calix á maneira mourisca tal como em Hespanha, por exemplo, em Sevilla.

El-rei D. Manuel, que nasceu no palacio, gostava de ali residir e accrescentou o edificio com uma bonita ala, a de leste. Esta construcção de dois andares tem o rico guarnecimento das suas janellas duplas em composição gothica das ultimas épocas, na qual as molduras, os frontões rendilhados (*Wimperge*) foram substituidos por uma ramagem naturalista. Os portaes que, tanto no andar terreo como no primeiro, se abrem

em marmore um caracteristico e elegante exemplo do gothico do tempo de D. Manuel.

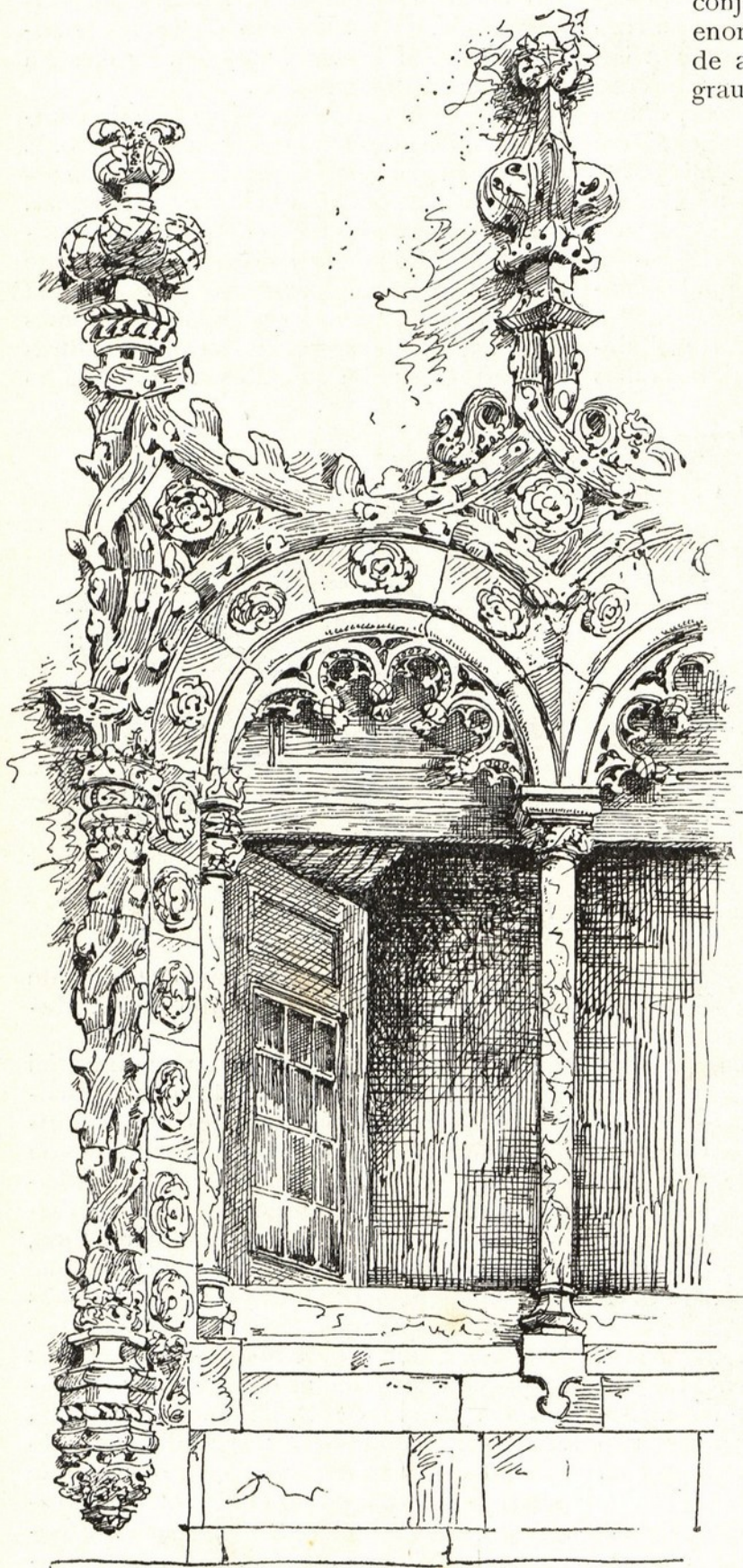
Quanto ao modo de executar as obras, foi aqui o mesmo que para todo o paiz; escolheram-se mestres permanentes para as dirigir. N'esta, e para os periodos importantes da construcção, podem nomear-se João Cordeiro 1486, architecto e mestre geral dos trabalhos do palacio, Martim Rodrigues até 1490, depois seu filho João Rodrigues, aquelle que em Santarem substituiu em 1480 Matheus Fernandes, que passava para a Batalha; por conseguinte um mestre notavel. A elle talvez se possam attribuir as construcções realizadas em tempo de D. Manuel. Em 1533, Marcos Fernandes era mestre das obras do palacio e do aqueducto sob a direcção de Sebastião Balthazar Fernandes. Esta successão de nomes pode denunciar talvez a morosidade dos trabalhos do palacio, porque indicam quasi hereditariedade no emprego de architecto do palacio; plausivel deducção do

estado das obras visto que não se encontram d'ellas, depois do tempo de D. Manuel, vestígios dignos de menção ou sequer percepti-

veis á vista. Portanto a actividade d'aquelle mestre ter-se-hia reduzido mais tarde á simples conservação do palacio. Compõe-se o conjunto d'este, d'uma quantidade enorme de construcções diversas de alturas bem diferentes em degraus de tres a quatro pavimentos sobrepostos em fôrma de escada.

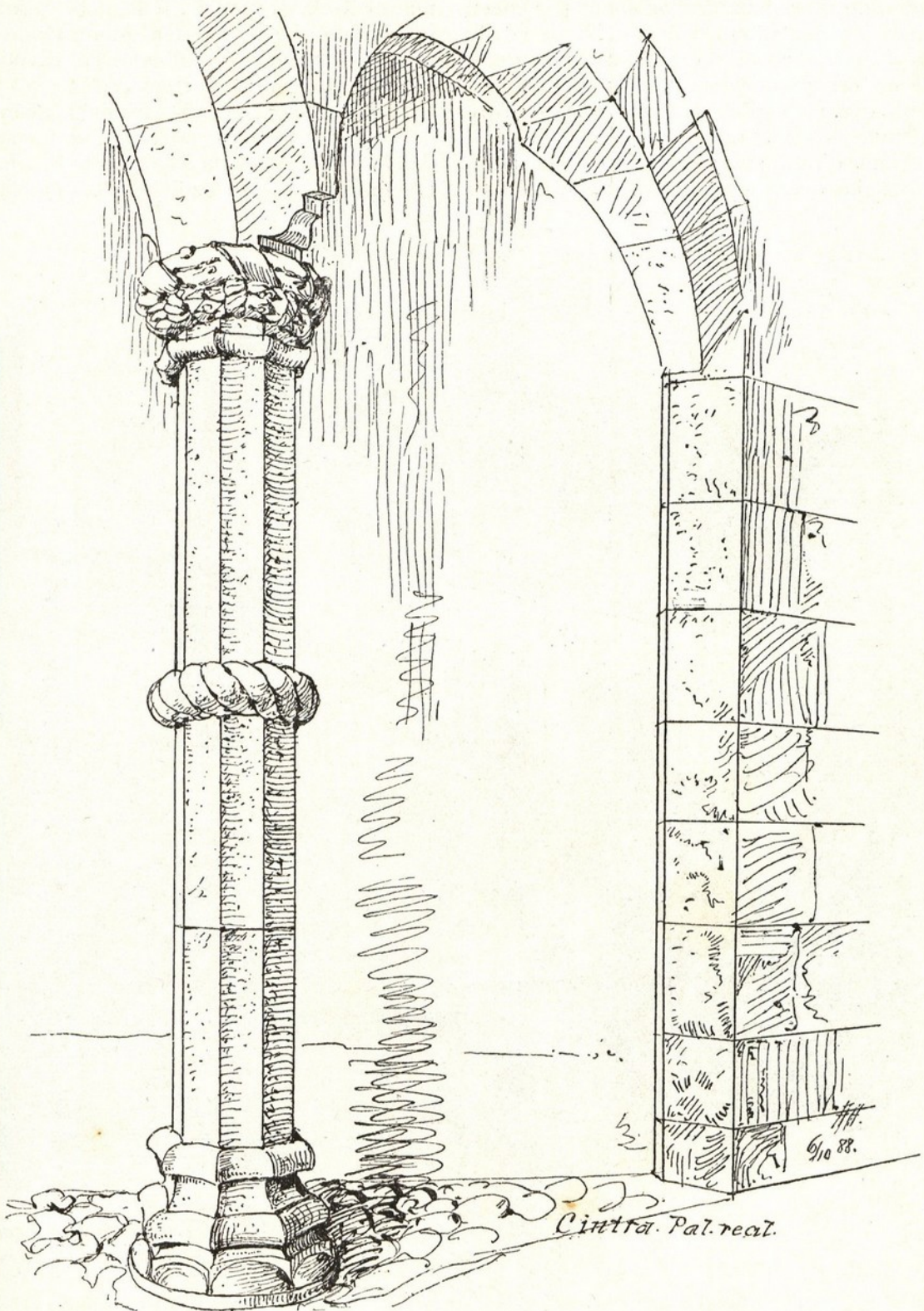
Internamente quasi todas as divisões são revestidas de azulejo no estylo mourisco com desenhos da renascença e do gothico das ultimas épocas. Os tectos de madeira são divididos em caixotões e tem aquella fôrma particular, usada pelos mouros, a fôrma de maceira invertida, a qual sobe das quatro paredes para um centro horizontal. A capella do palacio, um simples oblongo com capella-mórmais estreita, tem abobada em fôrma de tunnel, ornamentada com filetes em desenhos de polygonos e de estrellas e ricamente pintada. Tambem este modo de decoração não é raro em Portugal no principio do seculo XVI; em Coimbra, na Sé Velha, o esplendido tecto de esteira da galeria occidental mostra um desenho semelhante, prova irrefragavel de que os mouros tinham collaborado com os christãos.

O pavilhão do lado occidental em fôrma de torre, que encerra a sala dos brazões, é uma construcção especialmente notavel entre aquella grande massa pitoresca. Já no exterior esta parte é digna de nota, tendo de cada lado duas janellas duplas gothicas dos ultimos tempos, repousando no centro sobre o fino columnello de marmore bem caracteristico. Depois vem a cornija feita de tijolo com muitas e pequenas aberturas, producto



Janella da ala D. Manuel do Palacio de Cintra

evidente da arte mourisca. A construção mas da nobreza portugueza d'esse tempo é do tempo de D. Manuel. No interior en- Infelizmente a maior parte da cupula foi



Pilastra do claustro da ala de D. Manuel

cerca uma enorme sala abobadada em forma de cupula com talha dourada, contendo nos quadrados em que se divide a cupula pintados os setenta e dois braços d'ar-

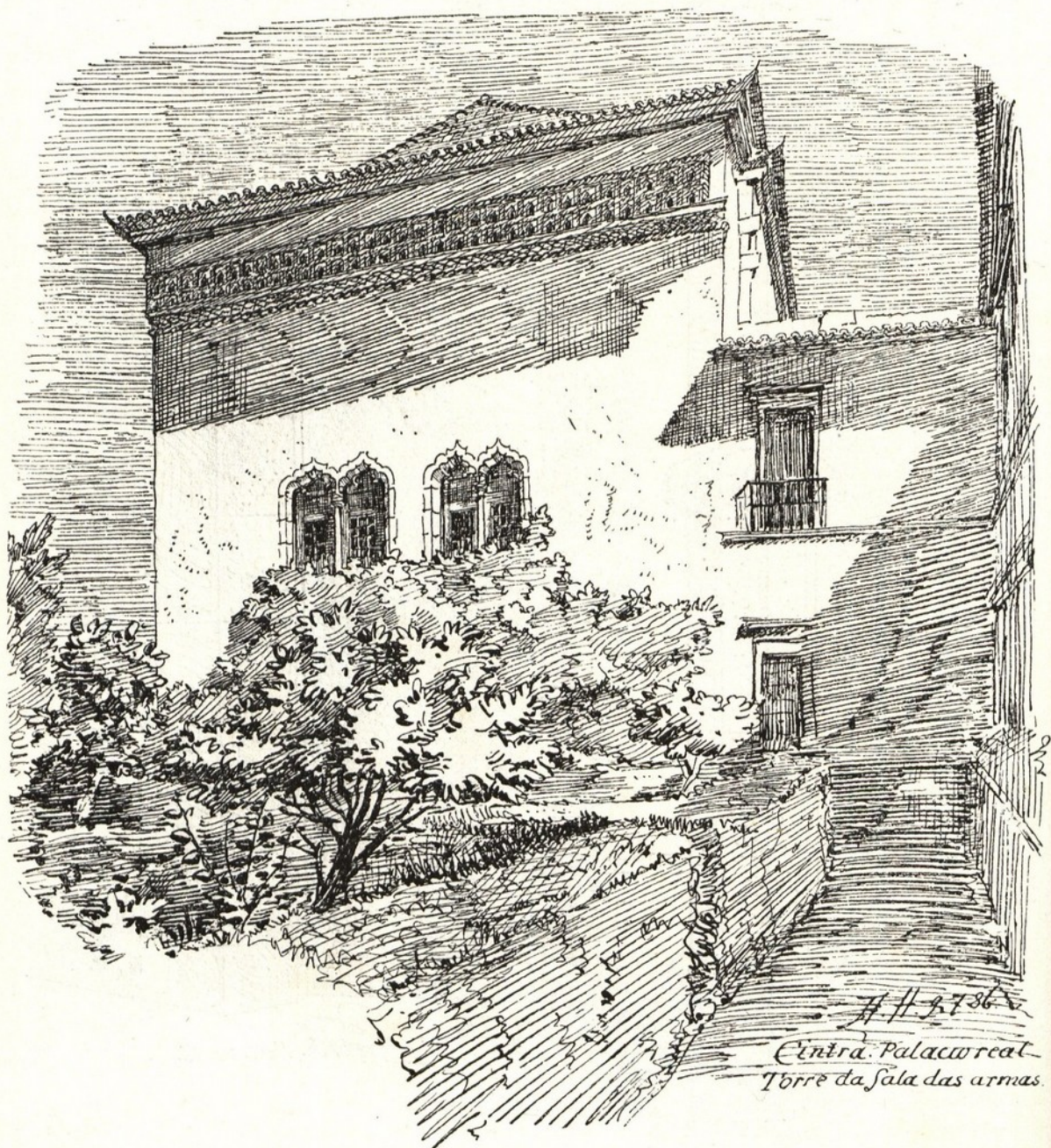
restaurada no seculo XVII, embora conservada a sua forma originaria. E' uma imensa cupula octogona, que tem tres vezes a altura da parede sobre a qual repousa

e que está revestida de azulejos. Os cantos formados pelo corte do octógono são abobadados de meias cupulas, as quaes pertencem talvez á primitiva construcção. Na parede ha um friso de paineis com brazões, os quaes sobem em precedencias de familias, de maneira que no vertice da cupula está o do rei rodeado dos infantes.

Além d'esta sala o palacio contem ainda outras das quaes a maior é a sala dos cisnes.

de maceira tem nos seus caixotões octogonaes pintado cisnes com corôas no pescoço, e mandado fazer por D. João I em carinhosa intenção por sua mulher. As molduras dos pequenos paineis, trabalhadas em excellente talha, pertencem ao seculo XVII.

São do tempo de D. Manuel, além dos dois duplos portaes em forma de ferradura dos lados menores da sala e além da chaminé, os alisares em azulejos das janellas e



Sala dos Brazões (vista exterior)

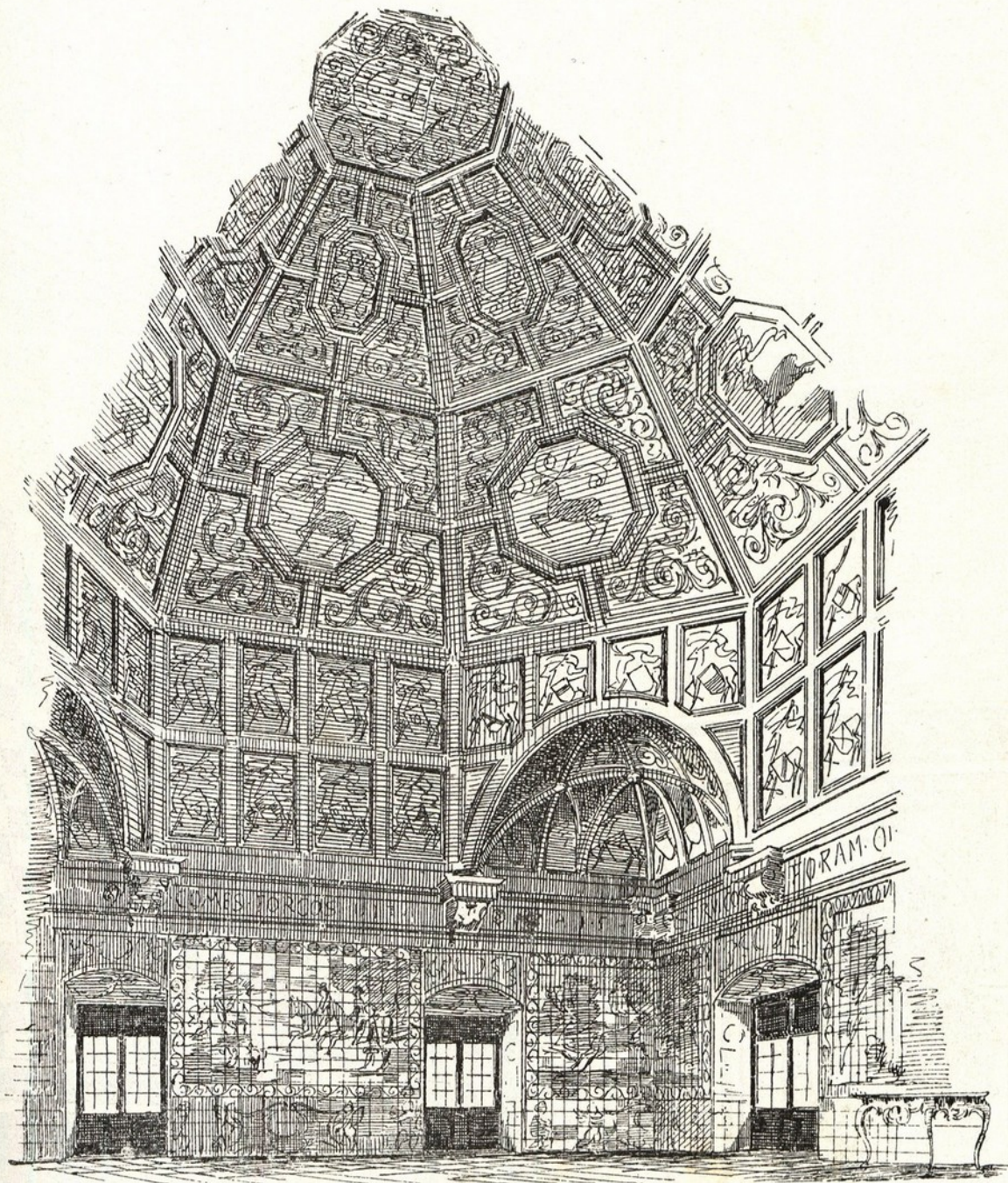
Esta encontra-se sobre o vestibulo gothico da fachada principal e tem uma longa fila de janellas que abrem para o terraço contiguo adornado de uma fonte. O tecto em forma

das portas bem como o revestimento de azulejos nas paredes. Este ultimo é um simples desenho de xadrez em diagonal, verde escuro e branco como se vê tambem nas cons-

truções da mesma época em Evora (a Sempre Noiva). As outras salas principaes teem egualmente azulejos nas paredes;—assim a sala das pégas, que tem em cada compar-

de lyrios isolados e de flores cruciformes rendilhadas.

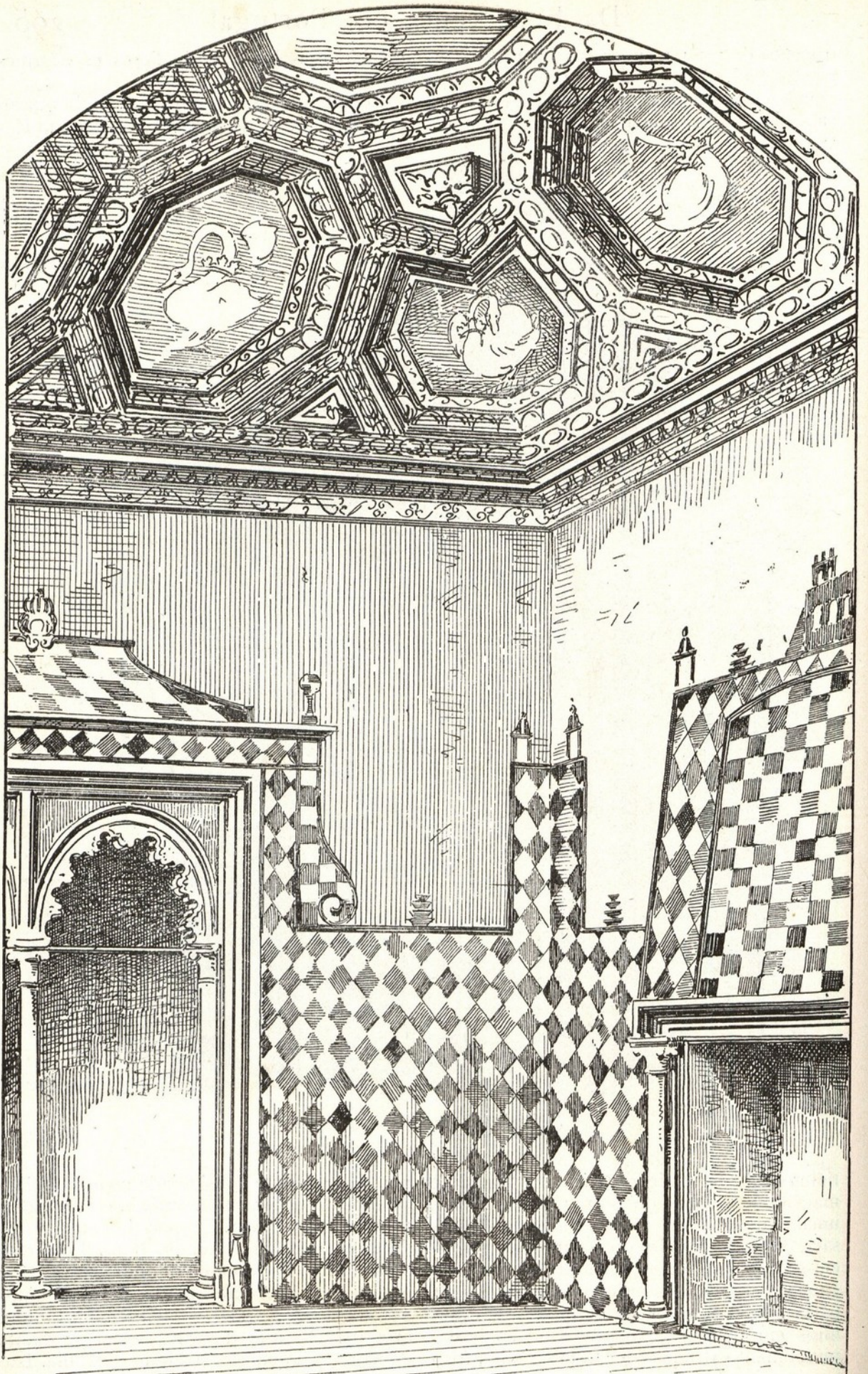
A fonte que se encontra a meio do quarto com a sua bacia de marmore branco em fór-



Sala dos Braços (vista interior)

timento do tecto de madeira em fôrma de maceira a pintura de outras tantas pégas, uma allusão ainda á vida da côrte. N'uma sala da parte trazeira do segundo andar veem-se, dignos de menção, ricos azulejos n'um gracioso gothico dos ultimos tempos. As suas portas ogivaeas são emmolduradas de desenhos em rosetas finamente modeladas e o revestimento das paredes termina n'um friso

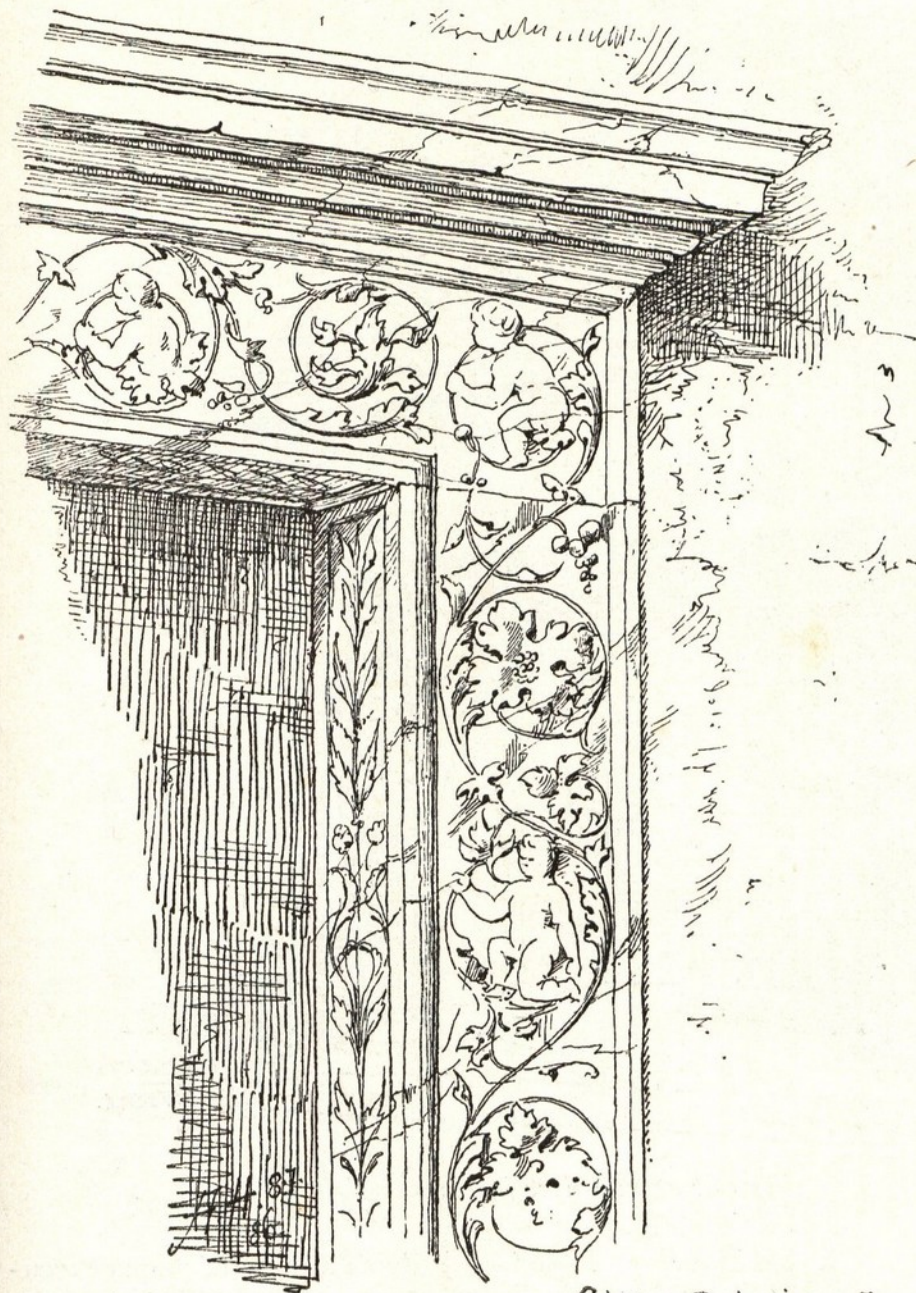
ma de estrella é considerada como o ultimo vestigio da decoração mourisca, o que é muito difficil de precisar. É especialmente interessante o botão de chumbo dourado que se acha a meio da fonte e por onde sahe a agua; é um composto enovelado de ornamentos e solidos geometricos, o qual lembra tanto a arte indiana que devemos julgar ter diante de nós um trabalho originario da India. Isto



Salla dos Cysnes

é tanto mais curioso e importante quanto a fonte do primeiro pateo do palacio, em verdade muito feia, assim como tambem o pelourinho fronteiro do qual voltaremos ainda a fallar, teem um côroamento de remate imitado de modelo estrangeiro. Aqui reconhecemos tambem as fórmas asiaticas. Quantos objectos artisticos das Indias Orientaes viéram para o poder dos portuguezes, e quantos n'este caso serviriam de modelo! A restante ornamentação é muito modesta e pobre; a

tantes trabalhos da renascença italiana em marmore branco. No grande terraço em frente da ala principal á esquerda, encontramos o pequeno portal acima mencionado, cuja ornamentação consiste apenas n'uma cornija e n'um alizar ornado em volta do vão. Esta moldura tem a fórmula da renascença das primeiras épocas italiana e d'uma maneira tão evidente que pôde ser attribuida ao labor de Sansovino, unico no paiz do qual se pôssa dizer isto com uma certa probabilidade,

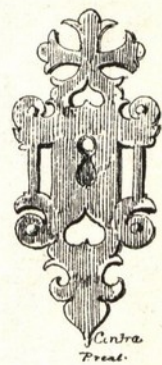


Cintra Palacio real

Portal de marmore italiano sobre o terraço do Paço Real



Cintra Paço real



Cintra Paço real

Espelhos de fechaduras e de aldrabas

figura junta dá exemplo da simplicidade do gothico das ultimas épocas, nos espelhos das fechaduras e ornatos das portas.

O palacio possui, além d'isto, dois impor-

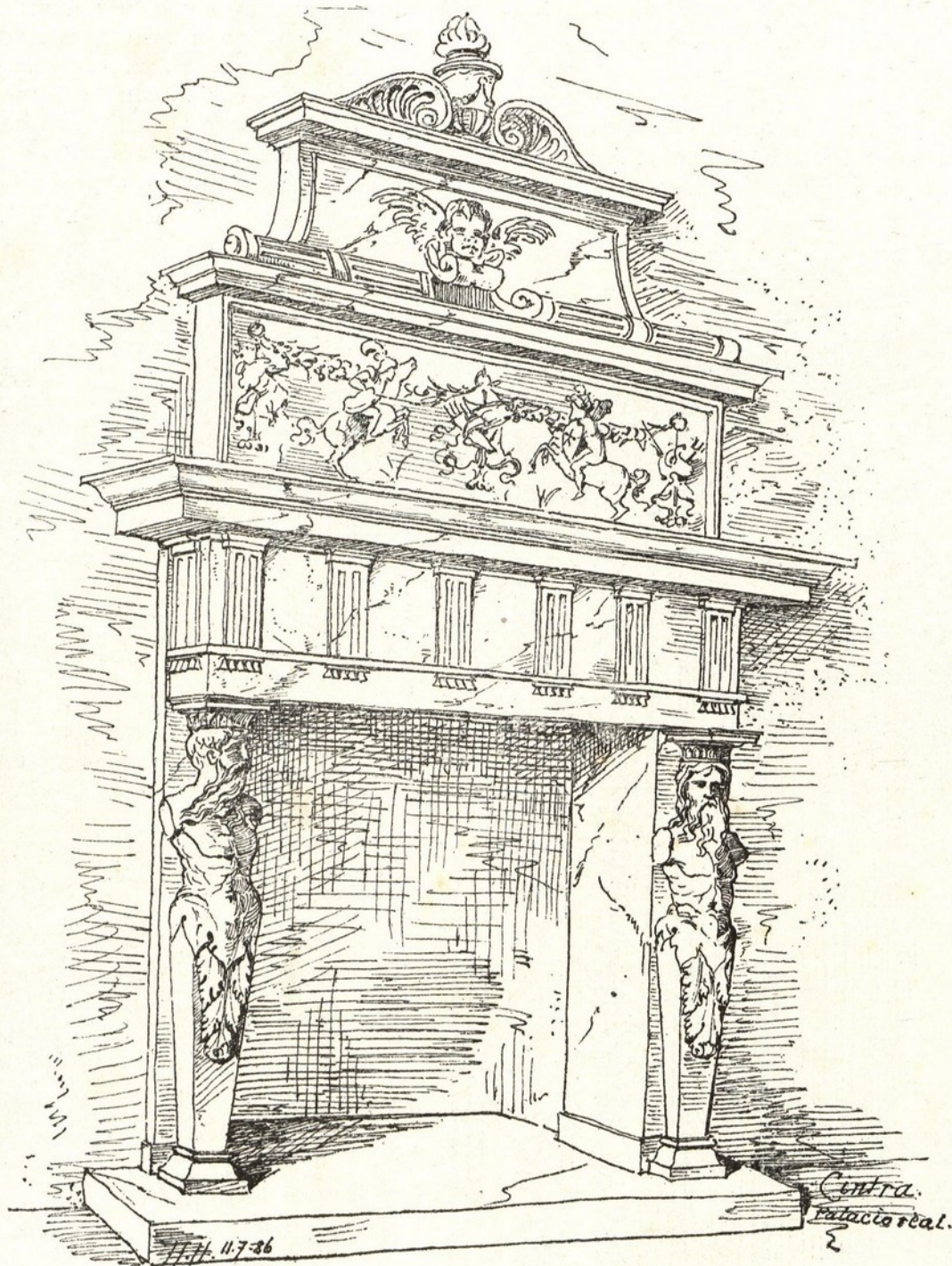
Com effeito, as fórmas mostram uma execução briosa e muito pouco cuidada, mas de valor como documento.

N'um dos salões principaes do primeiro

andar vê-se um dos mais finos trabalhos de relevo em Portugal, uma chaminé de marmore branco.

Segundo a tradição foi um presente do

principal: um friso em baixo relevo com grinaldas de fructas e tropheus pendentes, pela frente dos quaes dois cavalleiros arremetem um para o outro como se fôra n'um torneio.



Chaminé de marmore italiano

papa Leão x ao cardeal D. Henrique, e foi transportado para aqui do palacio de Almeirim quando este foi arruinado pelo tremor de terra de 1755. O intabellamento dorico da parte inferior é sustentado por dois hermas barbudos com os braços cortados, cuja execução é bellissima, sobretudo na representação da musculatura e do cabelo. Por cima do intabellamento está o corpo

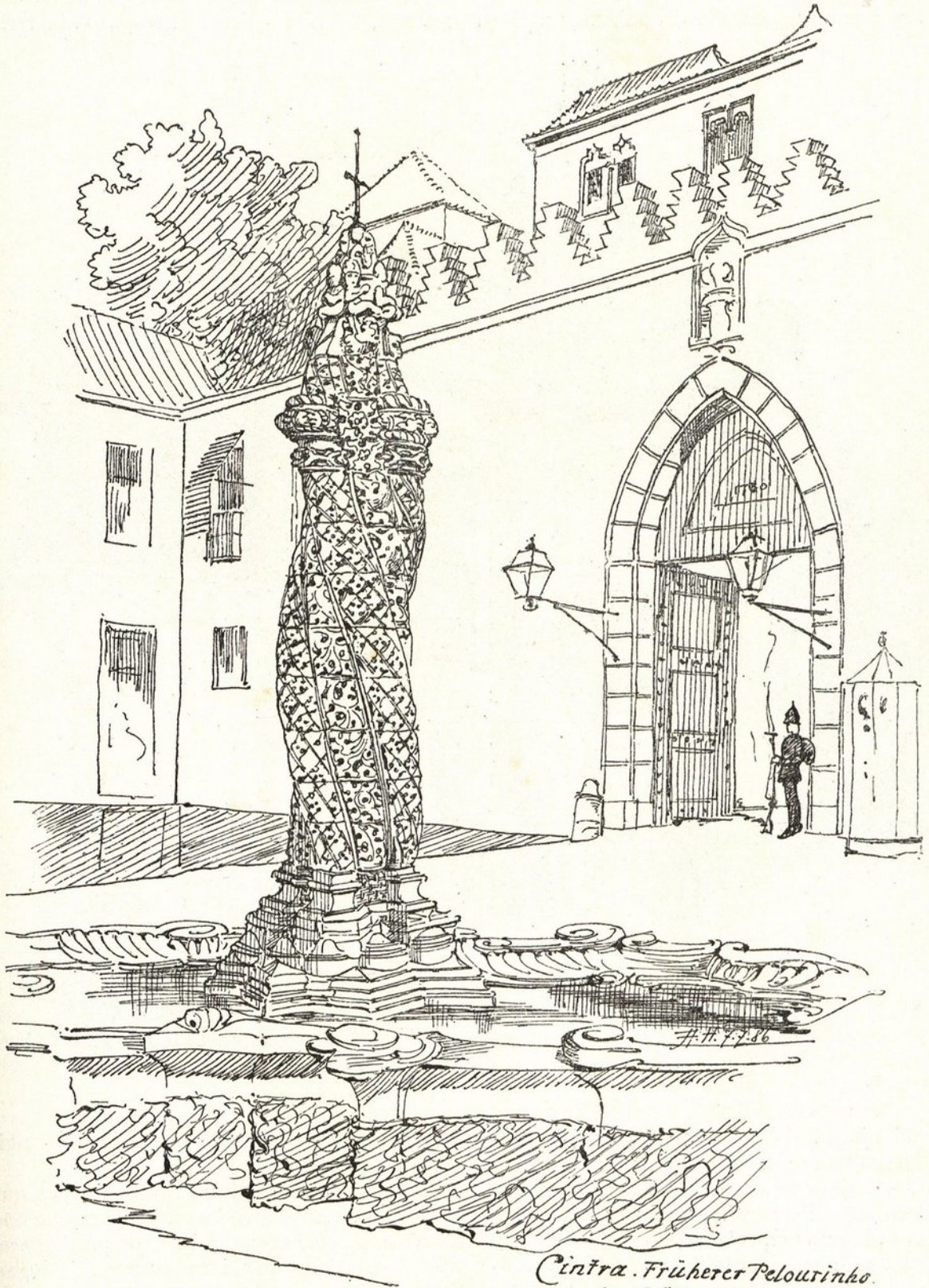
Este friso é d'uma rara perfeição na execução, d'uma extrema delicadeza e d'um finissimo tratamento de cinzel.

Ainda por cima do friso, o côroamento em fôrma de espigão recurvado, tendo ao centro uma graciosa cabeça de anjo, arremata esta excellente obra. Provavelmente é um trabalho magnifico de um artista italiano do segundo quartel do secu-

lo XVI¹. A afirmação geral de que a chaminé é de Miguel Angelo destróe-se á primeira vista.

Pela sua fôrma caracteristica não se deve esquecer de mencionar aqui uma parte, per-

tencente talvez ao tempo de D. Manuel, a cozinha, cujos dois canos de chaminés, elevando-se como duas torres do lado oriental do palacio, dão a este uma physionomia especialmente curiosa. Diz-se que provem dos



*Cintra. Früherer Pelourinho.
vor dem Schlosse*

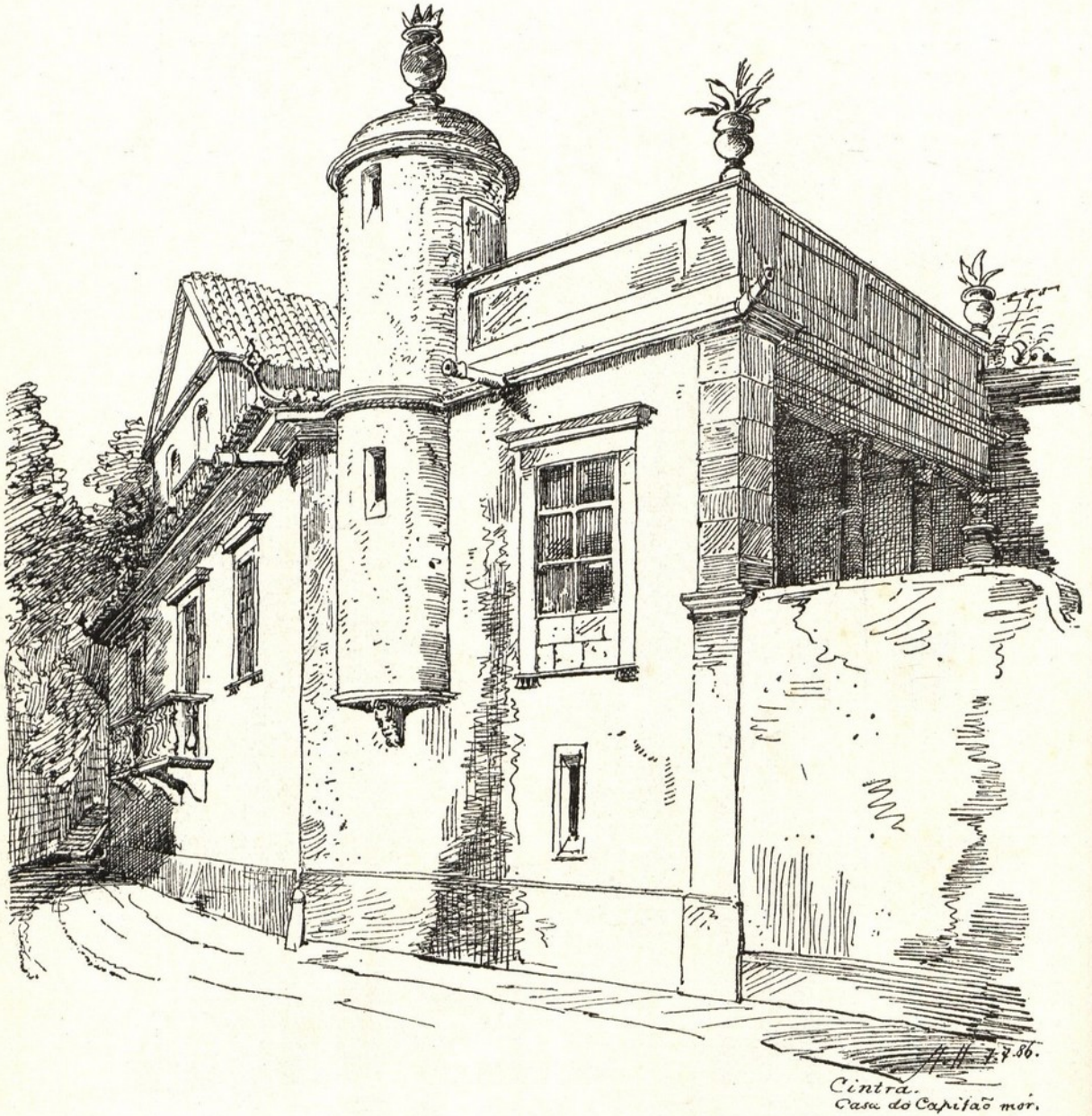
Pelourinho de Cintra

¹ Haupt mudou de opinião quanto a este trabalho afirmando agora que é da renascença flamenga.

mouros esta maneira de construir cozinhas, as quaes, em lugar de tecto, teem estas immensas chaminés acabando n'um delgado pescoço, e muitas ha do genero no paiz, principalmente as vastissimas cozinhas dos conventos (Alcobaça).

Em frente da entrada do palacio, na praça

O sócco é formado pelo entrelaçamento geometrico dos perfis e membros da base polygonal, com ramos tambem entrelaçados. O adorno superior fórma, como já disse-mos, uma imitação da parte central da bacia de marmore da fonte do palacio. Em resumo, o effeito d'este exemplo caracteris-



Casa do capitão-mór na estrada de Collares

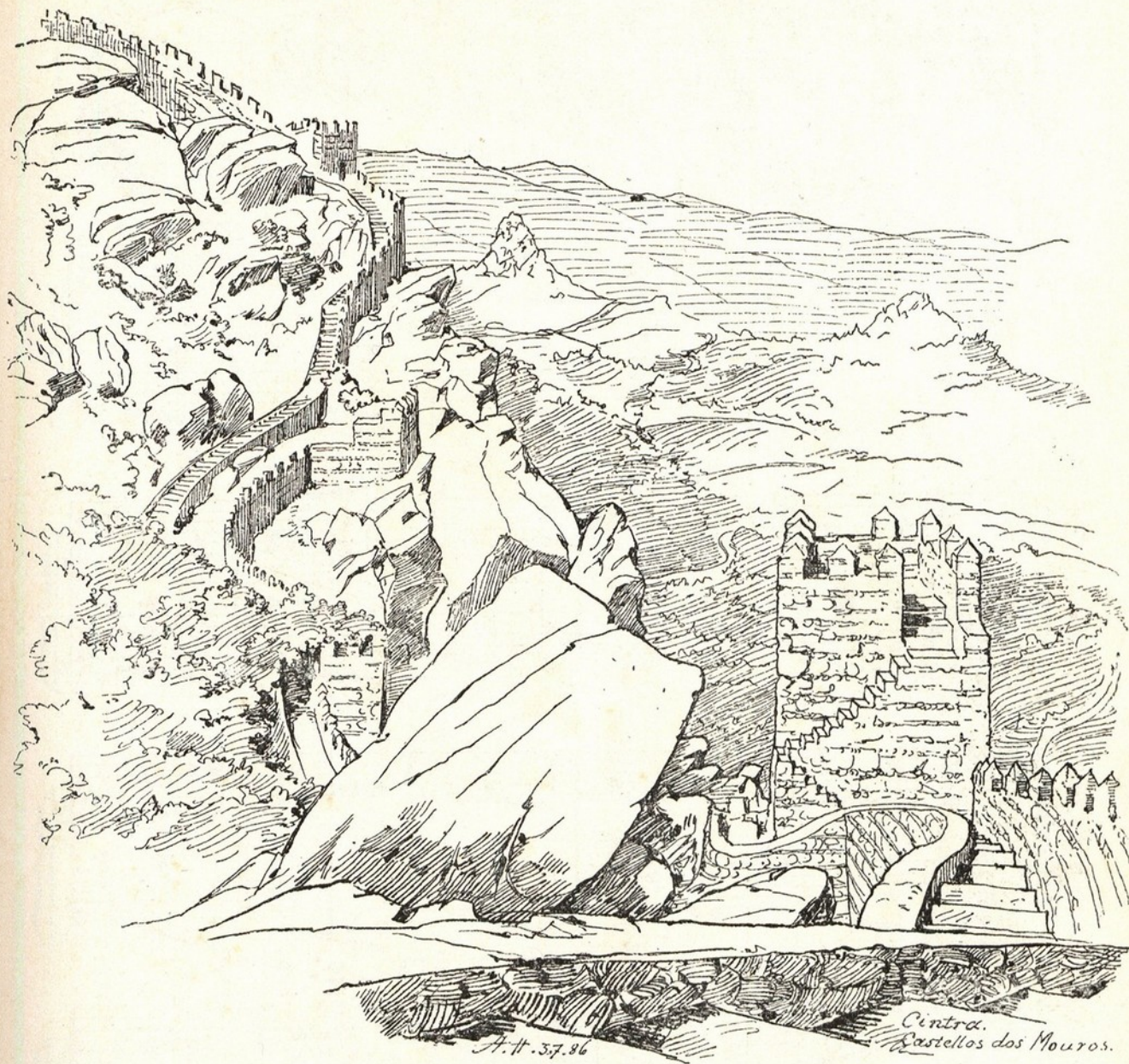
da villa, ha ainda hoje o pelourinho de Cintra, actualmente usado como fonte. Este é um dos mais ricos entre os innumeraveis que existem em Portugal. Compõe-se de tres meias columnas entrelaçadas contendo entre ellas fitas de ornamentação. O fuste, os capiteis e o arremate, como em geral cada pequena parte, são adornados com ornamentos selvagens de baixo relevo em gothico das ultimas épocas.

tico da época do estylo manuelino é original e pitoresco.

Algumas casas e quintas do seculo XVI, que existem na villa e arredores, provam que não só a casa real, mas tambem os particulares apreciavam a encantadora natureza do lugar. Um edificio, especie de casa de campo, situado n'uma volta da estrada de Collares, é em toda a sua simplicidade uma das mais graciosas construcções de fina renascesça no

reinado de D. João III ². Abre sobre um pequeno jardim fronteiro, por uma escadaria que termina n'um vestibulo, sustentado por

bre a estrada. As janellas são coroadas de abas que fazem telhado. Ao longo da estrada vê-se uma fileira de sacadas de marmore.



Fortificações mouriscas da serra de Cintra

duas columnas compositas. A pequena escadaria redonda interior da casa que conduz ao terraço superior fôrma um corpo saliente so-

Por modesto que tudo isto pareça e por simples que seja o desenho são perfeitamente bellas as fôrmas nos detalhes, como encantador é o effeito total d'esta pequena criação da florescente renascença portugueza.

² Pertence agora a Mr. Galloway.

(Continúa.)

RECUERDO
VALSA por G.S.

PIANO

First system of musical notation, piano part. It consists of a treble and bass staff in 3/4 time, with a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat). The music begins with a series of chords in the bass and a melodic line in the treble.

Second system of musical notation, piano part. It continues the piece with similar chordal textures and melodic fragments.

Third system of musical notation, piano part. The notation continues with a mix of chords and moving lines.

Fourth system of musical notation, piano part. This system includes a first ending (marked '1.') and a second ending (marked '2.'). The first ending leads back to an earlier section, while the second ending concludes the phrase.

Fifth system of musical notation, piano part. The final system on the page, showing the concluding chords and melodic lines.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower staff is in bass clef. Both staves are in a key signature of three flats (B-flat, E-flat, A-flat). The music features a series of chords and some melodic fragments in the upper staff, while the lower staff provides a harmonic accompaniment with chords and some moving lines.

The second system of musical notation continues the piece. The upper staff shows more melodic development with eighth and sixteenth notes, while the lower staff maintains a steady accompaniment of chords and some rhythmic patterns.

The third system of musical notation shows further progression. The upper staff has some rests and then resumes with melodic lines. The lower staff continues with a consistent accompaniment.

The fourth system of musical notation features more active melodic lines in the upper staff, including some sixteenth-note passages. The lower staff accompaniment remains consistent.

The fifth system of musical notation shows a continuation of the melodic and harmonic themes. The upper staff has some rests followed by melodic phrases, and the lower staff provides a solid accompaniment.

The sixth and final system of musical notation on the page. The upper staff concludes with some chords and rests, while the lower staff ends with a final chord. The piece concludes with a double bar line.

MODAS

COM a prolongação intensa do inverno atrasaram-se naturalmente os preparativos da nova estação que n'esta época do anno começa em geral a definir-se pela entrega do fabrico novo. Ainda continuam no mercado as fazendas do inverno, os veludos e as pelles, e os vestuarios obedecem na sua confecção á necessidade de conforto e de resguardo. Por isso o corte geral dos vestidos de passeio regula-se por modelos que nas romeiras, nas abas e na fórmula semelham casacos sobrepostos ás saias na sua maioria lisas ou quando muito enfeitadas de simples viezes. Sobresae, como sempre, o genero *tailleur* que se presta a ser recoberto com as longas *pelissas* ou os fortes casacos acolchoados ou *capitonnés*, usados nas *courses* em automoveis, visto que a moda por aquelle genero de transporte chegou já a empregal-os não somente em passeios de excursão, mas tambem em simples carreiras de compras e até de visitas. Os enfeites mais empregados são as applicações de passamanteria de seda e os botões de phantasia. Em visitas, a moda prefere as *toilettes* simples, de bôas fazendas de lã á moda ingleza, com do imperio, e para os quaes a abundancia de rendas nunca é exaggerada.

assetinado, onde a riqueza e o bom gosto se esmeram mais nos forros de preço e no corte aprimorado.



As saias são em geral curtas; e, se ainda a hygiene e o asseio não venceram a repugnancia a encurtar o comprimento d'ellas, libertando os movimentos, dispensando o forçado apanhar, é certo que durante esta estação se generalizou mais o uso das *toilettes* de comprimento mediano. Para os bailes da estação, as sedas flexiveis e brilhantes, bem como as rendas de preço, tem sido os materiaes empregados de preferencia, embora se tenham confeccionado nas grandes modistas *robes* elegantissimas de veludo, que mais accentuam a ousadia dos decotes, apenas moderados pelo uso das gargantilhas de perolas em applicações, como tradicionalmente usa a rainha de Inglaterra. E' n'estes *toilettes* de recepção e de baile que mais curiosa e extranha tem sido a phantasia das modistas, resuscitando os modelos de estylo, predominando o que se chama gosto grego ou modificação

Nos vestidos de passeio, como nos de casa, ainda é predominante para os corpos o feitiço de *blusa* e apenas o corte da manga, menos me, damos nas illustrações que acompanham estas paginas os typos mais geraes do vestuario, susceptiveis das modificações onde a



larga e mais aconchegada ao braço, determina a novidade. Comtudo usam-se simultaneamente de muitas fórmis. Como de costu-

phantasia de cada qual pode introduzir a nota de originalidade ou de individualidade que tanto distingue a verdadeira elegancia.



VARIEDADES

MEMENTO ENCYCLOPEDICO

Acontecimentos politicos e sociaes

SETEMBRO 16 — *Turquia* — As embaixadas da Russia e da Austria-Hungria em Constantinopla fazem serias representações á Sublime Porta a respeito dos excessos turcos em Monastir e Andrinopla. — *Inglaterra* — O sr. Arthur Balfour, primeiro ministro, dirige aos outros membros do gabinete britannico em Londres uma nota, expondo que permanece livre-cambista, mas em consequencia do proteccionismo universal julga necessario modificar o regimen fiscal inglez, de maneira que possa responder ás pautas hostis e á concessão de premios das outras nações.

17 *Inglaterra* — Os srs. Chamberlain, secretario de Estado das Colonias, Ritchie, chanceller da fazenda e lord George Hamilton, secretario de estado da India, dão as suas demissões, sendo aceites pelo sr. Balfour e pelo rei Eduardo VII. — *Russia* — Dão-se violentas rixas entre camponeses e mercadores judeus em Gomel, governo de Mohilef. A tropa restabelece a ordem. — *Bulgaria* — Annunciam de Sofia que a Russia, a Austria e a Allemanha respondem á nota bulgara aconselhando a Bulgaria a abster-se de qualquer acto e deixar proceder as grandes potencias; porque, se a Bulgaria se abalançar a lucta com a Turquia nenhuma potencia intervirá a seu favor. — *Austria* — O imperador Francisco José chega a Vienna vindo das manobras militares na Galicia.

18 *Austria* — O imperador Guilherme chega a Vienna acompanhado do chanceller do imperio conde de Bulow, e é recebido na *gare* pelo imperador Francisco José, archiduques e autoridades civis e militares. Os imperadores abraçam-se e apertam as mãos muito demoradamente, seguem para Hofburg por entre ovações entusiasticas. — No jantar de gala o imperador Francisco José brindando, diz que a visita do imperador Guilherme estreitará mais vigorosamente as relações entre os dois soberanos e as duas nações. O imperador Guilherme, respondendo, diz: — Vi com prazer

os altivos regimentos austriacos, porque os nossos dois exercitos sustentam e consolidam a alliança dos nossos Estados para conservação da paz na Europa. — *Africa Oriental Portuguesa* — A columna em operações na região de Matadane para correctivo do Corropamuto, bate no dia 14 as terras do regulo hostile nampuimuno da região de Moma e coio dos salteadores. E' morto entre outros o regulo que oppoz resistencia. Ficam alguns prisioneiros e são incendiadas as povoações. A columna prepara-se para seguir para Matadane. O tenente da armada Lemos salva em Moma tres soldados em risco de se afogar. — *America do Sul* — O Brazil e a Bolivia proseguem amigavelmente as negociações a respeito do territorio do Acre. E' certo que o litigio será regulado amigavelmente por troca de territorios, construcção d'um caminho de ferro que dê accesso á Bolivia para o Atlantico, e pagamento de uma indemnisação á Bolivia.

19 *Inglaterra* — Uma carta do sr. Chamberlain explica as suas reformas aduaneiras que devem comportar: 1.º, uma união mais estreita com as colonias, por meio de pautas preferenciaes; 2.º, o emprego de pautas de combate com as outras nações. — *Allemanha* — O congresso socialista approva por 288 votos contra 11 uma resolução, condemnando o revisionismo e a acceitação da obrigação para o socialista vice-presidente do *reichstag* de ir á côrte. Os srs. Singer e Bebel são eleitos presidentes. A junta directora apresenta uma resolução recomendando a abstenção de trabalho no 1.º de maio e as manifestações a favor do dia de 8 horas. O congresso de 1904 deve reunir-se em Bremen. — *Hespanha* — Em Barcelona continúa a grève parcial dos empregados da viação americana. A companhia pede mais pessoal para Bilbao. — *França* — No conselho de ministros o sr. Delcassé, ministro dos negocios estrangeiros, expõe a situação da Macedonia, dizendo que a Russia e a Austria manifestam firme resolução de não intervir senão para apressar a realização

das reformas reclamadas por ellas; as outras potencias apoiarão os esforços feitos para este fim pelos gabinetes de S. Petersburgo e Vienna.

20 Hespanha — Fundeia em Pollenza (ilhas Baleares, a esquadra ingleza procedente de Rosas para fazer exercicios. — **Turquia** — Assegura-se que as conferencias em Vienna entre o chanceller allemão conde de Bulow e o conde de Golochonoski, ministro dos negocios estrangeiros austro-hungaro versam unicamente sobre as questões dos Balkans, e que reina entre ambos perfeito accordo a este respeito.

22 Turquia — Depois do conselho de ministros em Constantinopla, a Porta dirige ao governo de Sofia uma nota recusando se acceitar a proposta bulgara, relativa á nomeação de uma commissão internacional encarregada de resolver a questão da Macedonia. — **França** — Abre-se em Rouen o congresso internacional da paz, assistindo cerca de cem delegados francezes e estrangeiros. São pronunciados muitos discursos, fallando além d'outras pessoas o principe de Monaco, o sr. Richter e a baroneza Suttner. O congresso elege presidente francez o sr. Emilio Arnou.

23 Hespanha — Villaverde expõe ao rei Afonso XIII as difficuldades parlamentares que lhe serão creadas pelos conservadores, com a retirada de Silvela da vida politica e a possibilidade de, terminadas as eleições, necessitar talvez d'uma autorização para dissolver as camaras. — **Marrocos** — Segundo telegrammas recebidos de Alger, as forças do pretendente acabam de soffrer uma grande derrota. As tropas do sultão compunham se de 800 soldados de infantaria e 2000 de cavallaria. — **Turquia** — Os insurrectos fazem ir pelos ares, por meio de dynamite a mesquita da aldêa de Botemon. — **Bulgaria** — Dizem de Sofia que o governo bulgaro continua os seus preparativos militares, tendo actualmente 500:000 homens promptos a serem concentrados e munições abundantes. — **França** — O dr. Camillo Pelletan, ministro da marinha, submete á assignatura do presidente Loubet uma decisão que colloca o almirante Marechal, ex-commandante em chefe da esquadra do Extremo Oriente, na inactividade. — **Russia** — Continúa em Moscow a grêve dos typographos.

24 Hespanha — Nos *meetings* republicanos que se celebram em Barcelona proferem-se violentos discursos, havendo muitos vivas á republica. O governador manda processar os oradores — **Inglaterra** — O sr. Tuff, conservador, é eleito representante de Rochester na Camara dos Communs, em substituição do visconde Cramborne por 2:594 votos, contra 1.983 do seu competidor liberal.

25 — Austria — Chegou a Darmstadt o tzar da Russia, tzarina e seus filhos. São recebidos pelo gran-duque Ernesto Luis e sua familia. O povo faz grande ovação aos soberanos russos. — **França** — Em Toulon, á sahida das officinas do Arsenal, milhares de operarios fazem uma manifestação hostil a tres contra-mestres,

que acompanham até casa no meio de assobios e cantos subversivos. Reina grande effervescencia nos animos do pessoal das officinas e em toda a cidade. — **Turquia** — O general Petroff insiste junto de Feroubey commissario imperial ottomano em Sofia, em obter do governo turco uma ordem para suspender a mobilização e deslocar as tropas imperiaes da fronteira.

26 França — Camillo Pelletan preside em Albi a um banquete de 1200 talheres dado em honra do ensino laico. O ministro profere um eloquente discurso allusivo á festa em que faz sentir que o governo não quer attentar contra a liberdade individual, mas sim impedir que a igreja a tente supprimir e para isso escudar-se-ha na lei, fazendo cumprir a vontade do povo republicano. — Em Rouen o congresso de paz termina os seus trabalhos. O proximo congresso reunir-se-ha nos Estados Unidos em 1904 — **Allemanha** — É decidida a transformação da artilharia allemã. A fabrica Krupp começa já a fabricar novos canhões. — **Hespanha** — O deputado republicano Nougés é preso em Tarragona por ordem da autoridade militar accusado d'um delicto de imprensa. — **Servia** — Segundo annuncia uma comunicação do sr. Gronitch, ministro plenipotenciario da Servia em Constantinopla, o sultão Abdul-Hamid assigna um *iradé* concernente ao reconhecimento da nacionalidade Servia na Macedonia.

27 Turquia — O governo bulgaro declara á Sublime Porta que não póde iniciar quaesquer negociações antes que o governo turco formule proposições precisas e completas, faça cessar as atrocidades commettidas pelos soldados, retire as tropas das fronteiras e proclame a amnistia. — **Inglaterra** — O agente diplomatico da Gran Bretanha declara ao governo bulgaro que a Gran-Bretanha permanecerá neutral em caso de guerra turco-grega. — **Hespanha** — O accordo dos republicanos com os socialistas para as proximas eleições é regeitado por cincoenta votos contra vinte e seis.

29 Inglaterra — O sr. James Ritchie irmão do ex-chanceller da fazenda é eleito lord mayor — **Turquia** — recebem ordem de mobilização e inco divisões de reserva de Anatolia. — **Austria** — O tzar Nicolau chega a Vienna. É esperado na gare pelo imperador Francisco José e pelos archidukes. Os soberanos seguem para o paço de Schoenbrun por entre vivas entusiasticos da numerosa multidão do povo. — **Hungria** — Em Pesth estão em grêve 2.000 carroceiros. Dão-se varios conflictos sangrentos com a policia, sendo disparados tiros de revolver, sendo alguns ferimentos mortaes. Effectuam-se cincoenta e oito prisões. — O conde Kuen-Hedervary annuncia á camara dos deputados a demissão do gabinete. — **França** — Realiza-se em Reims um congresso de socialistas anti-governamentais.

OUTUBRO 2 — **Hespanha** — O ministro do reino resolve que os operarios possam ser eleitos conselheiros municipaes.

3 Portugal — O «Diario do Governo» em

Lisboa, publica um decreto regulando a produção da canna saccharina, da aguardente, do alcool e do assucar no archipelago da Madeira, em satisfação ás reclamações da agricultura, da industria, do commercio e das corporações administrativas locais.—*Hespanha*—Villaverde declara que apresentará ás camaras um projecto de lei estabelecendo os portos francos.—*Italia*—O «Osservatore Romano» publica uma encyclica do papa Pio x, em commemoração de Leão XIII. A encyclica diz que é preciso restaurar o reino de Christo nas almas, e termina por uma declaração sobre a independencia do papa.

4 *França*—Realiza-se em Paris a grande manifestação promovida pelos grupos socialistas e livres pensadores no cemiterio de Montmartre, para commemorar o anniversario da morte de Zola. Dezenas de milhares de pessoas desfiliam respeitosaente diante do tumulo do grande escriptor.

4 *Inglatterra*—O duque de Devonshire dá a sua demissão de lord presidente do conselho. O rei Eduardo aceita-lhe a demissão, ficando assim constituido o novo gabinete britannico: ministro da fazenda o sr. Austen Chamberlain, Alfred Littleton, secretario de Estado das Colonias; Arnold Forster, guerra; Broderick, secretario de Estado da India; Eraham Murray, secretario para a Escossia; lord Stanleý ministro dos correios.—*Hespanha*—Os governos francez e hespanhol firmam um convenio afim de se construir um novo caminho de ferro de Aix a Ripoll.—*Africa do Sul*—Realiza-se em Johannesburg uma importante conferencia de mineiros, adoptando-se por unanimidade o alvitre de combater a todo o transe a introdução de asiaticos no trabalho das minas e que se convide o governo a tomar sobre si a direcção do recrutamento dos indigenas.

6 *Inglatterra*—Os jornaes londrinos crêem que a demissão do duque de Devonshire é um golpe nefasto para o gabinete, pois que na sua carta de demissão o duque de Devonshire argúe o sr. Balfour de não ter em Sheffield repudiado o proteccionismo e de pensar em destruir os principios commerciaes, aos quaes duas gerações de inglezes devem a sua prosperidade.—*França*—Os grevistas d'Armentières penetram em Lille, onde fazem parar successivamente 5 fabricas de tecelagem e uma de fiacção, que empregam 2900 operarios.

7 *Servia*—O rei Pedro abre a «sckupchtina». No seu discurso consigna as boas relações com todos os Estados e exprime a esperanza de que o sultão consiga em breve restabelecer a ordem na Macedonia.

8 *Santiago do Chile*—Todo o gabinete dá a sua demissão.—*Inglatterra*—A federação dos mineiros com uma representação de 347:000 associados, pronuncia-se por 89 votos contra 5 desfavoravel á politica fiscal de Chamberlain.

9 *Belgica*—A greve torna se geral. Em Haluim as desordens dão-se a cada passo. Grupos de operarios dirigem-se ás herdades e casas isoladas afim de obter dinheiro e viveres para si e para os seus companheiros de Tour-

coing. A policia vê-se obrigada a dar repetidas cargas, para proteger as diversas fabricas de fiacção.—*Hespanha*—Regressa a Madrid a familia real, sendo recebida pelas autoridades e por numerosa multidão que a aclama.—*Inglatterra*—O sr. Victor Cavendish, sobrinho do duque de Devonshire, é nomeado secretario financeiro da Thesouraria. O conde Percy nomeado sub-secretario parlamentar do ministerio dos negocios estrangeiros.—*Hungria*—Em Buda Pest uns 900 grevistas sitiaram os escriptorios do jornal o «Pesti Hirlapi». A policia dá uma carga de sabre sobre elles, sendo presos 350 dos arruaceiros.

10 *França*—O sr. Delcassé ministro dos negocios estrangeiros abre em Paris no ministerio do interior a conferencia internacional sanitaria dando as boas vindas aos delegados estrangeiros e expondo que o fim da actual conferencia é melhorar o regulamento sanitario.

12 *Inglatterra*—O novo marquez de Salisbury é nomeado lord do sello privado, ficando assim membro do gabinete.—*Turquia*—Em Stelzi dá-se um encarniado combate.—*Argentina*—Uma convenção composta de 280 notabilidades publicas em Buenos Ayres proclama o sr. Manuel Quintana candidato á presidencia da republica por 256 votos.

13 *França*—Realiza se em Paris o banquete franco-italiano a que assistem mais de 300 pessoas.—*Italia*—O rei Victor Emmanuel e a Rainha Helena acompanhados do almirante Morin, ministro da marinha, partem para Paris.

14 *França*—Paris acolhe o rei Victor Emmanuel e a rainha Helena com um entusiasmo que ultrapassa todas as previsões.

15 *Portugal*—Realiza-se em Lisboa na sala do risco do Arsenal da Marinha um banquete de correligionarios politicos em honra do sr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho.—*Inglatterra*—O marquez de Lansdowne, secretario d'Estado dos negocios estrangeiros, e o sr. Combes, embaixador de França assignam a convenção da arbitragem estatuindo que as contendas de ordem juridica ou relativas á interpretação dos tratados existentes que vierem a surgir entre a França e a Inglatterra, serão submettidas ao tribunal arbitral da Haya. A convenção vigorará durante 5 annos.

17 *Austria*—Chega a Vienna o rei dos belgas, que é esperado na «gare» pelo imperador, archiduques e autoridades civis e militares.—*Hespanha*—Effectua se em Bilbao um comicio carlista a que assistem 6000 pessoas. Discursa o carlista Mello, reinando sempre ordem.

19 *Hespanha*—Declaram-se em greve geral os mineiros em Bilbao.

20 *Inglatterra*—O sr. Chamberlain, no seu novo discurso declara que só a politica das pautas differenciaes, proposta pelas proprias colonias, salvará o paiz de grandes desastres. A metropole não deve renunciar a uns ligeiros sacrificios que podem levar a creação de um imperio como nunca o mundo viu semelhante.

21 *Italia*—O sr. Zanardelli escreve ao rei

Victor Emmanuel uma carta invocando o seu estado de saúde, o qual lhe não permite consagrar ás suas funcções ministeriaes a mesma quantidade de trabalho e offerece a sua demissão. Os outros ministros decidem por unanimidade pedir todos a sua demissão.—*Noruega*— Constitue-se o novo gabinete norueguez sob a presidencia do sr. Hagerux, que fica com a pasta da justiça. O gabinete compõe-se de 5 membros da direita e de 5 da esquerda.—*Chili*— Está resolvida a crise ministerial, ficando o sr. Arturo Besa presidente do conselho e ministro do interior.

22 *China*— O representante da Russia significa ao principe Tchynq que a intervenção do Japão na questão da Mandchuria, constrangirá a Russia a tomar medidas decisivas, e ameaça a China com represalias se tomar o partido do Japão.

23 *Estados Unidos* — Annunciam de Butte City que todas as minas e fabricas da «Amalgamated Copper» fecharam em Montana, deixando sem trabalho 15:000 homens — *Irlanda* — Sir Arnold Forster, novo ministro da guerra é reeleito membro do parlamento por 3912 votos contra 3671.

24 *Allemanha* — O imperador Guilherme discursando em Hunstein, na inauguração do monumento erigido a Frederico o Grande, insiste sobre a necessidade da disciplina em todas as classes da sociedade para firmar a segurança e prosperidade da patria.

26 *Portugal* — Fundeia em Lagos a nova divisão naval ingleza pertencente á esquadra do canal composta de nove navios sob o commando do almirante Wilson — *Austria* — O imperador Francisco José encarrega o sr. Estevam Tisza de formar gabinete — *Japão* — O primeiro ministro declara que as negociações com a Russia tendem á manutenção da paz e do «statu quo». — *Italia* — O embaixador da Gran-Bretanha e o encarregado de negocios de Portugal entregam ao sr. Morin, ministro dos negocios estrangeiros uma declaração submettendo á alta arbitragem do rei Victor Manuel a solução do seu litigio relativo á fronteira reciproca na região do Barotze, na Africa meridional. — *Hespanha* — O ministro da guerra lê na camara dos deputados o projecto de lei fixando os contingentes militares em 83:000 homens. Nos debates ácerca das perseguições contra os republicanos levanta-se grande barulho. O sr. Salmeron diz que não existem no paiz nem partidos nem parlamento.

27 *Hespanha* — Aggrava-se a situação em Bilbao; 40:000 grévistas percorrem as ruas, tendo-se unido a elles os mineiros. Todas as officinas, incluindo as dos altos fornos, de fabricas estrangeiras, arvoram as suas bandeiras nacionaes, e os grévistas impedem o carregamento dos navios e a circulação dos comboios entre Portugaleta e Arenas, procurando levantar os rails do caminho de ferro, o que as tropas impedem, bem como a paralyzação do trabalho na fabrica do gaz. — *Macedonia* — Diz uma nota officiosa de Londres que as potencias estão perfeitamente de accordo para

apoiar a Russia e a Austria em todas as providencias que tendam a melhorar a situação da Macedonia.

28 *França* — Chegam a Paris 200 delegados do commercio inglez, que vão pagar aos commerciantes parisienses a visita feita por estes a Londres. A junta republicana do commercio dá um banquete aos delegados do commercio inglez, ao qual assiste o sr. Combes, presidente do conselho e varios ministros. Discursando no banquete, o sr. Combes agradece aos commerciantes o apoio que dão ao governo da republica.

29 *França* — Os empregados da alimentação celebram uma numerosa reunião na Bolsa do Trabalho para pedir a suppressão das agencias de collocação. Querendo a policia dispersal-os, travam grave desordem, ficando feridos 17 agentes de policia tendo-se effectuado 50 prisões. — *Italia* — Um decreto real encarrega o sr. Giolitti de formar o novo gabinete.

30 *Budapest* — O sr. Apponyi dá a sua demissão de presidente da camara dos deputados. — *França* — O ministro da justiça escreve ao sr. Pelletan, ministro da marinha, dizendo-lhe que manda instaurar processo judicial contra o sr. Lebaudy, pertenso imperador do Sahara, como réo de crimes e delictos previstos pela lei. — *Hespanha* — Declaram-se em gréve os cortadores de Barcelona.

31 *Hespanha* — É approvedo na camara dos deputados o projecto de lei reformando o corpo consular.

NOVEMBRO 1 — *Portugal* — Realiza-se em Lisboa a eleição para vereadores effectivos e substitutos da camara municipal, que começará a vigorar em janeiro do proximo anno. — *Santiago do Chili*. — Todo o gabinete dá a sua demissão.

3 *Italia* — Está constituido o novo ministério, que fica assim composto. Presidente e ministro do reino, o sr. Giolitti; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. Tittoni; ministro da justiça, o sr. Ronchetti; ministro do thesouro, o sr. Luzzatti; ministro da fazenda, o sr. Rosano; ministro da guerra, o general Pedotti; e ministro da marinha o almirante Mirabello. — *França* — Os capuchinhos da rua da Santé em Paris, são expulsos do seu convento. Um dos padres lê o protesto e os agentes tiveram de intervir sahindo então sem resistencia. — *Brazil* — Ficam reguladas as questões essenciaes relativas ao territorio do Acre no Rio de Janeiro, e será publicado depois da sua approvação pelo Congresso.

4 *Allemanha* — O tzar chega a Wiesbaden, sendo recebido na estação pelo imperador Guilherme, e saudados por aclamações populares. — *Estados Unidos* — Começam as eleições em 11 estados para a municipalidade em New-York. Por causa das eleições ha em diferentes localidades rixas sangrentas. — O governador e todas as autoridades do Panamá são presas e todos os cruzadores columbianos da costa do Pacifico são apprehendidos.

5 *Estados Unidos* — O general Barroso, chefe da insurreição, será nomeado primeiro consul do governo provisório de Panamá. O

governo americano reconhece o novo governo estabelecido no Panamá.

6 Santiago do Chili — Os ministros do interior, dos negocios estrangeiros, fazenda e guerra, retiram as suas demissões. Termina a crise ministerial.

7 Hespanha — O conselho de ministros occupa-se especialmente das noticias recebidas de Melilla, onde estão refugiados 3:000 mouros sob a protecção da bandeira hespanhola. — O congresso dos livres pensadores accorda em enviar uma mensagem ao parlamento pedindo a separação da igreja do Estado.

7 Africa Portugueza — O capitão Madeira, chefe do Humbe, derrota o salteador Moleca, que á testa dos quanhamas e macuanas levára a audacia das incursões do sul ao norte do districto de Benguella. Moleca é morto entre outros muitos que o acompanhavam. O tenente Almeida, chefe de Caconda, afugenta com as forças de seu commando as quadrilhas dos quanhamas, batendo valentemente o soba Nigola, que os chamára e protegera.

9 Hespanha — Em Santander, no momento da proclamação dos conselheiros municipaes republicanos triumphantes, os inimigos da sociedade levantam grande tumulto e tentam queimar a residencia dos jesuitas. Em Torreón del Campo, provincia de Cuenca, é morto um homem e feridos dois outros. — **São Domingos** — Confirma-se a noticia do rompimento das relações diplomaticas com os Estados Unidos.

10 Hespanha — Os grèvistas mineiros de Rio Tinto, (minas de cobre), que sobem a 7:000, intentam apoderar-se do deposito de acido sulphurico e fazer parar a circulação dos vehiculos. — **Allemanha** — Em vista da prisão de cinco socialistas, accusados de filiação em sociedades secretas, e de uma busca a que se procedeu no domicilio do chefe dos socialistas em Mamel, a policia descobre numerosos escriptos revolucionarios e nihilistas, apprehendendo tambem uma consideravel correspondencia com subditos russos tambem filiados nas referidas sociedades. — **Estados Unidos** — O Congresso em Washington elege por 194 votos contra 166 o sr. Cannon, para seu presidente. Entre os projectos de lei submettidos ao Congresso figuram a redução dos direitos aduaneiros sobre as mercadorias transportadas a bordo de navios americanos e o da regulamentação dos trusts. — **Columbia**. — Chegam a Panamá os navios de guerra americanos *Marblehead* e *Concord*, sendo esperado o *Woming*. O Senador Henna declara ao presidente Roosevelt que defenderá o caminho do Panamá para o canal interoceanico. O grupo republicano do Senado decide retirar a presidencia da commissão do canal ao senador Morgan, em razão da sua hostilidade ao caminho de Panamá.

12 Estados Unidos — Os diferentes agrupamentos que compõem o trust do aço, decidem ratificar a resolução que tende a reduzir a producção. — **Port-Arthur** — Trezentos operarios empregados nos trabalhos do porto Tchemulpo atacam os marinheiros russos quando estes

desembarcaram, invadindo as concessões europêas. — **Italia** — O papa celebra na sala regia um consistorio publico para dar o chapéu aos cardenas Ajuti, Taliani, Katschthaler, Merly del Val e Callegari, sendo numerosa a assistencia. O papa é aclamado com gritos de: Viva o papa democrata! — **Allemanha** — Os resultados conhecidos, das eleições para a camara dos deputados prussiana consignam eleitos 46 conservadores, 40 do centro, 35 nacionaes-liberaes e 15 liberaes-democratas.

15 Allemanha — O boletim de saude do imperador Guilherme diz que a ferida proveniente da operacão cirurgica está quasi cicatrizada e que já póde fallar em voz baixa. — **Hespanha** — Alguns deputados inquirem se Silvela se havia declarado outr'ora partidario da alliança com a França. O sr. Villaverde responde negativamente e assegura que o governo actual estuda cuidadosamente a questão das allianças. O sr. Canallejas defende a alliança com a França e pede a opinião de Moret. Este declara ser necessaria a alliança com a França e Inglaterra. — **Italia** — O rei Victor Manuel e a rainha Helena, com o sr. Tittoni, ministro, e a sua comitiva, partem de Pisa em direcção a Inglaterra. — **Estados Unidos** — O presidente Marroquin dirige um appello energico ás republicas latinas americanas, exhortando-as á lucta para reconquistarem o Panamá, cuja causa deve ser commum para estas republicas.

17 Hespanha — Na camara dos deputados o republicano Blasco interpella o governo relativamente aos tormentos que se diz teem sido inflingidos aos presos que se acham no presidio de Alcalá del Valle, provincia de Cadiz, por suppostos instigadores de grèves. O governo responde que o inquerito que se abriu a tal respeito estabelece a falsidade de terem sido applicados taes tormentos.

18 Estados Unidos — É tratado um accôrdo entre o sr. Hay, secretario de Estado, e o sr. Bunau-Varilla, ministro plenipotenciario do Panamá, para a construcção do canal interoceanico. — Os Estados Unidos darão a Panamá dez milhões de dollars.

19 Hespanha — No senado Romero Robledo pede a creação d'um corpo consular especial em Marrocos, composto de pessoas conhecedoras do paiz. — **Estados Unidos** — O tratado Hay-Varilla concede aos Estados Unidos a soberania absoluta na facha de terreno que ladeia o canal interoceanico. — É assignado o tratado relativo á construcção do canal isthmico de Panamá. — **França** — O sr. Deschanel, na camara dos deputados lembra e celebra o restabelecimento das relações amigaveis com a Inglaterra e a Italia, e diz: «A alliança russa continua sendo a base da nossa politica; a França deve ter parte na resolução da questão do Oriente; não devemos iniciar o desarmamento; com relação a Marrocos não queremos nem guerra nem partilha; queremos a segurança da fronteira».

20 Inglaterra — Na conferencia realizada em Londres entre os srs. Tittoni, ministro do rei de Italia, e marquez de Lansdowne, minis-

tro inglez, os dois governos chegam a perfeito accôrde em todas as questões de politica estrangeira. — *Brazil* — E assignado no Rio de Janeiro o tractado do Acre. O Brazil conserva o territorio do Acre até ao 11.º grau de latitude, mediante a indemnização de 2 milhões esterlinos á Bolivia em pagamentos espaçados, a construcção do caminho de ferro boliviano e a cessão de 3 kilometros quadrados de terreno.

21 Hespanha — Estão em grêve os operarios das fabricas de tabacos, como protesto pela má qualidade de tabaco que lhe é fornecida para a laboração dos cigarros.

22 Hespanha — Realiza-se em Barcelona um *meeting* para protestar contra o projecto de concessão de dois milhões de pesetas ao municipio. Proferem se violentos ataques ao poder central. — *Republica Argentina* — O directorio do partido republicano designa o sr. José Uriburu como candidato á presidencia da republica, e o sr. Guilherme Udaonde como candidato a vice-presidente.

24 Hespanha — No senado Montero Rios declara-se partidario da alliança com Portugal. — Os senadores e deputados demócratas reúnem-se sob a presidencia de Montero Rios, tendo assistido a esta reunião todos os amigos de Vega d'Armijo, Canalejas e marechal Domingues. O presidente diz que passa o dia mais feliz da sua vida, consagrando-o á memoria de Sagasta, o apóstolo da liberdade. Anuncia que em breve fará a declaração official do novo partido. Termina, declarando que tem esperanza que o partido demócrata traga á Hespanha os maiores beneficios. Canalejas e outros oradores proclamam em entusiasticos discursos chefe do novo partido o sr. Montero. — *Havi* — É assignada em São Domingos a capitulação d'esta cidade.

25 Hespanha — Os carlistas teem apresentado muitos protestos contra os deputados da maioria por terem estabelecido turnos afim de assistirem ás sessões duplas, de fórma que haja sempre numero legal para abrir a sessão. — *Turquia* — A Sublime Porta acceta em principio o projecto de reformas austro-russo com a condição de que tudo que possa, na pratica, melindrar a Turquia, será eliminado. — *França* — O conselho geral do Sena approva o pedido do sr. d'Estournelles de Constant, republicano, no qual requer que se ponha em vigor a convenção de Haya e a constituição de arbitragem entre as potencias, com uma addição, dizendo que não póde haver modificações territoriaes para os povos sem consentimento dos interessados. — *Italia* — Tendo as autoridades prohibido o ensino da lingua italiana em Witen, perto de Insbruck, dão se manifestações anti-austriacas em Roma, Napoles, Bolonha, Turim e Padua, aos gritos de: «Abaixo a Austria!» Em Roma, como consequencia das manifestações dos estudantes a proposito do incidente de Insbruck, é fechada a Universidade.

26 Hespanha — O rei Affonso assigna o decreto da nomeação do almirante Mata para chefe da esquadilha que virá ao Tejo por oc-

casão da sua visita a Lisboa. — *Marrocos*. — O pretendente reconcentra forças para marchar sobre Udja.

27 Algeria — O coronel Aourousswan, comandante das tropas tunisianas, é preso por incriminação de fraudes por elle commettidas, tentando suicidar-se no acto da prisão.

28 Hespanha — Na votação do orçamento do ministerio da justiça levanta-se na camara dos deputados em Madrid grande tumulto entre os conservadores e as opposições, trocando-se violentas ameaças. O presidente põe á votação novamente o projecto que é approvado por 126 votos contra 28. — *Antilhas* — O encarregado de negocios dos Estados Unidos, em São Domingos, recusa reconhecer o governo provisório. — *Columbia* — O tratado de Hay-Bunau Varilla é ratificado pelo governo de Panamá. — *França* — Os jornaes dizem que o inquerito feito ao *dossier* da questão Dreyfus foi feito pelo general André, ao qual assistiu o proprio capitão, tendo-se então descoberto duas falsificações, commettidas pelo archivista Gribelin, de combinação com o coronel Henry. Além d'isso foram examinadas muitas peças favoraveis a Dreyfus. A base apresentada para o pedido de revisão é o facto de se terem descoberto os falsos testemunhos de Czernuski e Gribelin e por se terem alterado peças do processo.

29 França — Depois do exame aos autos que lhe é communicado pelo ministerio da guerra, o sr. Vallé, ministro da justiça, instigado por um pedido de revisão pelo ex-capitão Dreyfus, transmite estes documentos á comissão instituida pelo ministerio da justiça encarregada de se pronunciar sobre a possibilidade de se admitir o pedido de revisão.

30 Brazil — A comissão do orçamento repelle o imposto supplementar de 50 % sobre as mercadorias francezas. — *França* — Em seguida á reunião da Bolsa do Trabalho em Lyon, uns mil operarios manifestam-se contra os commerciantes, ficando ferido um cabo e morto um negociante de carvão. — *Estados Unidos* — A Allemanha reconhece a nova republica do Panamá. — *Haiti* — Chega á capital d'esta republica o governo provisório. — *França* — Alguns parlamentares inglezes seguem para Londres. Outros visitam as provincias de França. — *Hespanha* — No decorrer do debate politico na camara dos deputados os ex ministros liberaes, srs. Moret e Canalejas, em discursos apaixonados tratam de se negar mutuamente o caracter de continuadores da politica de Sagasta, cavando a mais profunda separação entre elles. O sr. Moret affirma que o novo partido não poderá resolver questões sociaes nem religiosas.

DEZEMBRO 2 — *Hespanha* — O governo está resolvido a apresentar ao parlamento um projecto autorizando-o a pôr em vigor no 1.º de janeiro em diante os orçamentos dos diversos ministros, caso não haja tempo para os discutir e bem assim para ficar autorizado a cobrar os impostos. Todas as minorias fazem grande opposição a esta proposta por considerá-la violenta e illegal. Diz-se que Maura

tão pouco se conforma com ella. — Chegam a Madrid o principe e a princeza das Asturias. — *França* — O sr. Rouvier, respondendo a algumas interpeleções na camara dos deputados, declara que a situação financeira é boa e que a baixa dos titulos é devida, não á falta de dinheiro, mas a causas politicas e que a crise parece ter terminado.

3 *Hespanha* — Depois do conselho de ministros o sr. Villaverde volta ao paço e entrega ao rei a demissão do governo.

4 *Hespanha* — O rei Affonso XIII encarrega o sr. Maura de formar o novo gabinete. O sr. Maura accêta o encargo. — *Allemanha* — O Reichstag reelegge por 250 votos, seu presidente o conde de Ballestrem. O socialista Singer obtem 68 votos para vice-presidente.

5 *Hespanha* — Constitue-se o novo gabinete, que fica assim composto: presidente do conselho, o sr. Maura; ministro dos negocios estrangeiros, o sr. San Pedro; ministro da justiça, o sr. Toca; ministro da guerra, o general Linhares; ministro da marinha, o sr. Ferrandiz; ministro da fazenda, o sr. Osma; ministro da instrucção publica, o sr. Dominguez Pascual; e ministro da agricultura o sr. Allende Salazar.

6 *França* — A' sahida d'uma reunião publica em Brest, uns 1:000 operarios percorrem a cidade, travando conflictos com a policia, nos quaes ficam feridos dois commissarios e alguns agentes. — Em Bordéos, como protesto contra as agencias de collocação muitos manifestantes percorrem varias ruas da cidade.

7 *America do Norte* — O presidente Roosevelt lê ao Congresso a sua mensagem annual, na qual menciona os progressos da paz, e a creação d'um ministerio do commercio, não para embaraçar o commercio, mas para obstar a açambarcamentos prejudiciaes á população, melhorar a marinha mercante, prohibir a entrada aos paiz aos indigentes, crear a harmonia entre o capital e o trabalho, e manter o equilibrio entre os syndicatos dos patrões e os dos operarios. A mensagem preconiza sobre tudo a creação d'uma poderosa marinha. O presidente felicita-se por que a questão de Venezuela fosse submettida ao tribunal arbitral de Haya; folgando de que n'esse tribunal estejam representadas muitas nações e que esteja triumphante o principio da arbitragem.

10 *Portugal* — Chega a Lisboa sua magestade el-rei D. Affonso XIII, sendo aguardado na gare por sua magestade el-rei D. Carlos, o principe real, todos os dignitarios da corte, grande numero de convidados, e enorme multidão que o saúda respeitosa e entusiasticamente. — *Russia* — O tzar e o conde Lansdorf teem uma conferencia e n'ella assentam as modificações que se hão de fazer nas propostas japonezas, de modo que se obste a guerra e se estabeleça o completo accôrdo entre as duas potencias. — *Portugal* — Declaram-se em grêve os operarios metallurgicos da Empreza Industrial, em Lisboa. — *Allemanha* — O sr. Bebel pronuncia em Berlim um violento discurso contra o militarismo e augmento de marinha, como causas do deficit; condemna o

despotismo nas classes dirigentes e a guerra feita aos grêvistas, e critica as relações externas. — *Tanger* — Kaid Gueblas, representante provisório do sultão Muley Abd-el-Aziz em Argel, é nomeado ministro da guerra.

11 *Japão* — É dissolvida a Dieta japoneza.

12 *Hespanha* — Em Valencia estão em grêve os operarios metallurgicos. — *Allemanha* — O parlamento federal approva a convenção commercial provisoria com a Inglaterra. — *America do Norte* — O sr. Buchanan é nomeado ministro plenipotenciario dos Estados-Unidos junto da Republica do Panamá.

14 *Portugal* — Depois de quatro dias de permanencia em Lisboa, el-rei D. Affonso XIII parte para Villa Viçosa, acompanhado de suas magestades el-rei D. Carlos I, a rainha sr.^a D. Amelia, sua alteza o principe real e comitivas, devendo d'alli seguir directamente para Hespanha. — *Allemanha* — O imperador Guilherme recebe a mesa do Reichstag e pronuncia um discurso, não se notando alteração alguma na voz.



Acontecimentos mundanos, scientificos e artisticos

SETEMBRO 17 — *Portugal* — Realiza-se no Porto a abertura solemne da exposição agricola e productos mineraes no Palacio de Crystal.

18 *Portugal* — Chega a Lisboa o principe allemão Frederico Carlos de Hohenloe Waldenburgo Schillingsfurts, e segue para o Funchal, onde, conforme uma concessão recente, pretende construir dois grandes sanatorios para tuberculosos e um grande hotel com todos os confortos que estabelecimentos d'esta ordem requerem.

23 *Brazil* — Depois de demorada estada e entusiasticas aclamações no Rio de Janeiro, o sr. Santos Dumont, o celebre aereonauta, embarca com destino a Bordéos.

27 *Portugal* — Realiza-se em Lisboa, na exposição de alfaias hortícolas, promovida pela Real Sociedade de Horticultura, com grande concorrência de visitantes, o concurso de charruas, sujeitas a apreciação de um jury especial. — *Hespanha* — Chegam a Madrid excursionistas portuguezes em viagem de recreio. — Mr. Carton realiza uma ascensão acompanhado de dois jornalistas hespanhoes. O globo eleva-se a grande altura, indo cahir na povoação de Barajas. — *Segovia* — Inaugura-se com grande entusiasmo a camara do commercio.

30 *Africa Oriental Portuguesa* — É inaugurado em Lourenço Marques o novo mercado, assistindo ao acto a commissão municipal, autoridades, functionalismo, consules das diversas nações, associação commercial, grande numero de commerciantes portuguezes e estrangeiros — Passa o primeiro anniversario da morte do grande escriptor Zola. Cerca de 500 pessoas vão em piedosa peregrinação á casa de Medan, onde o poderoso escriptor viveu, para ali inaugurar o seu busto.

OUTUBRO 1 — *Allemanha* — Effectua-se em

Berlim a inauguração do monumento a Wagner, assistindo ao acto o príncipe Eitel e numerosa concorrência. Muitas deputações de diversas cidades da Alemanha e de outros pontos da Europa, depõem magníficas corôas sobre o monumento. — *Brazil* — A câmara dos deputados no Rio de Janeiro approva um projecto para a creação d'um concurso internacional de balões dirigiveis, que deverá ter lugar no Rio de Janeiro em 1904. O premio conferido será de 200 contos.

6 França — Realiza-se a corrida pedestre de Bordéus a Paris. Os corredores são noventa, entre os quaes figuram alguns estrangeiros. — *Hespanha* — Nos jardins do palacio real em San Sebastian realiza-se um assalto de armas entre o atirador francez Compte e os duques de Orion e Gox. — *França* — O corpo de bombeiros de Paris adopta novos apparatus afim de poder alcançar os lugares mais perigosos, em caso de incendio. Entre as novas aquisições destacam-se as mascaras respiradoras, com as quaes se pôde atravessar através do fumo.

7 Alemanha — Realiza-se em Darmstadt o casamento religioso do príncipe André da Grecia com a princeza Alice de Battenberg, celebrado pelo pastor protestante Petersen e depois pelo primeiro presbytero grego Chantichief, assistindo á cerimonia todos os príncipes e princezas das familias dos noivos. — *Brazil* — O sr. João Viard, chefe das linhas de iluminação electrica de Petropolis inventa um apparatus regularizador de lampadas electricas, conseguindo graduar a luz das referidas lampadas, desde a sua maxima intensidade até a de uma lampada de quarto.

9 França — O Aereo-Club offerece em Paris um opiparo almoço ao archiduque Leopoldo Salvador de Austria, a que assiste, com sua esposa e cunhado, D. Jayme de Bourbon. Depois do almoço visitam a magnifica *hangar* do Aereo-Club, em Saint-Cloud. D. Jayme toma lugar no balão «Oriente» que tem a capacidade de 1:650 metros cubicos, e o archiduque n'um outro aerostato, intitulado «Centaurio». No momento das ascensões dos illustres personagens a multidão applaude entusiasticamente.

10 Belgica — A princeza Isabel, mulher do príncipe Alberto, dá á luz um filho.

11 França — Os srs. Combes, presidente do conselho, André, ministro da guerra, e Mougeot, ministro da agricultura, inauguram em Clermont Ferrand a estatua de Vercingetorix. — *Portugal* — Com a solemnidade costumeira, realiza-se no Porto a abertura do seminario episcopal, a que preside o bispo D. Antonio, assistindo autoridades civis, militares, e varias corporações. — *Hespanha* — O circulo militar em Cartagena offerece um banquete em honra do celebre escriptor Galdós.

21 Portugal — Em Lagos é montada na praia da Solaria, a zorra destinada a servir para o embarque e desembarque do pessoal da esquadra ingleza ali esperada.

24 França — A Academia das Bellas Artes elego para seu secretario perpetuo o director

d'aquelle estabelecimento o sr. Ronjou, em substituição do sr. Larroumet, ha pouco fallecido.

25 Portugal — El-rei D. Carlos agracia com a gran cruz da Torre Espada, o príncipe Guilherme, herdeiro de Hohenzolern, filho da sr.^a D. Antonia, infanta de Portugal e primo de sua magestade el rei.

31 Portugal — Realizam-se entusiasticas manifestações de regosijo em Portalegre, pela definitiva adjudicação da construcção da linha ferrea de Extremoz a Castello de Vide.

NOVEMBRO 1 — *Portugal* — Effectua-se no Porto a primeira ascensão do sr. Belchior da Fonseca, no balão «Lusitano», promovendo-lhe o publico uma ruidosa manifestação.

3 Portugal — Realiza-se a cerimonia da entrega ao campo entrincheirado de Lisboa, da bateria D. Maria Pia, pertencente ao sector exterior, com a assistencia de sua magestade El-rei, e grande numero de officiaes generaes. — *Inglaterra* — O rei Eduardo offerece ao club nautico de Nice a taça que será disputada por *yachts* de todas as nacionalidades no percurso de Gibraltar a Nice.

6 Hespanha — A commissão geral do orçamento approva o credito de 40:000 duros, para se proceder ás experiencias d'um balão dirigivel, segundo os planos do engenheiro hespanhol Torres Quevedo.

8 Portugal — Effectua-se com magnificencia a festa celebrada na igreja do seminario patriarchal de Santarem para a sagração do novo arcebispo de Mytilene, monsenhor Alves de Mattos. — Realiza-se em Cascaes, com a assistencia de suas magestades e altezas, a inauguração da Escola monumento D. Luiz I, destinada ao ensino primario das creanças do sexo feminino d'aquella villa.

9 Portugal — Effectua-se a cerimonia da inauguração do monumento a Eça de Queiroz, justo preito de homenagem ao immortal escriptor, vulto glorioso das nossas lettras. — *Coimbra* — Realiza-se a festa da inauguração dos trabalhos da construcção da Adega Regional.

12 França — O dirigivel Lebaudy parte de manhã ás 9 horas e 30 minutos, de Moisson em direcção a Paris, onde desce ás 11 horas e 40, proximo da Torre Eiffel, no sitio exactamente fixado para a descida.

17 França — O dr. Marmorek lê á Academia de Medicina em Paris, uma communicação sobre o soro anti-tuberculoso.

20 Inglaterra — A *Zoological Society*, de que é presidente o duque de Bedford, nomeia socio honorario sua magestade o rei de Portugal.

20 Hespanha — O sr. Brieva, professor de historia do rei D. Affonso XIII, é victima de um attentado ao passar pela rua de la Montera, pelo sr. Cosma Mancebo, antigo negociante, que lhe dispara tres tiros, ficando ligeiramente ferido.

21 Portugal — Realiza-se em Lisboa a transladação dos restos mortaes de Oliveira Martins, insigne escriptor, para o mausoleu que uma commissão de amigos e admiradores seus

se incumbiu de lhe fazer erigir. — Effectua-se no Porto a terceira ascensão do aeronauta Belchior da Fonseca, acompanhado dos seus amigos Cesar Marques dos Santos e José Antonio de Almeida, no seu balão aerostato «Lusitano», sahindo dos jardins do Palacio de Crystal, tendo seguido o rumo sul. de fórma que, decorridos 20 minutos, já se não avistam, parecendo ter corrido para o mar, e desaparecendo para sempre.

23 Portugal — Realiza-se em Lisboa a solenne inauguração do Lactario, fundado pela Associação Protectora da Primeira Infancia, com a assistencia de suas magestades el-rei D. Carlos, a rainha sr.^a D. Amelia, a rainha sr.^a D. Maria Pia e o sr. infante D. Affonso — **America do Sul** — O ministro da marinha em Buenos Ayres, recebe um despacho official de Rio Gallegos, annunciando ter ali chegado o navio argentino «Uruguay», depois de ter salvo a expedição antarctica do professor Nordenskiöld, que foi encontrado com os seus officiaes na Terra de Luis Philippe, e o resto da expedição na ilha de Seymour; todos os membros da expedição estão a bordo do «Uruguay». — A expedição Charcot continua a sua viagem de estudos scientificos.

24 França — Effectuam-se no Havre experiencias com a nova bateria de obuzes de 15 cm.— T. R. com tractor automovel, encomendada pelo governo portuguez á firma Schneider & C.^a, do Creusot, dando os melhores resultados.

25 Russia — O engenheiro russo Nicolau Savine, recentemente preso em Lisboa, sob o nome de Toulouse-Lantrec, é condemnado em 15 mezes de reclusão, por furtos industriosos.

27 Portugal — Chegam a Lisboa os srs. condes d'Eu: princeza D. Isabel, filha primogenita de D. Pedro II, que foi imperador do Brazil, e seu marido Gastão de Orleans, filho primogenito do duque de Nemours.

29 Portuga' — É inaugurado na serra da Estrella o novo posto meteorologico, mandado construir pelo fallecido estadista Elvino de Brito.

30 Portugal — Os tres «globe trotters» portuguezes, que se propõe dar a volta do mundo a pé, chegam a Merida, d'onde devem partir para Trujillo, Toledo e Merida. — E' inaugurado o pharol da Nazareth, installado no angulo SO. do antigo forte do morro da Nazareth, hoje adaptado para servir de habitação do pharoleiro.

DEZEMBRO 2 — Portugal — Realiza-se em Lisboa, na Sociedade de Geographia, a inauguração da exposição de cartographia, com a assistencia de suas magestades el rei D. Carlos e a rainha sr.^a D. Amelia.

10 Portugal — Effectua-se no theatro de D. Maria II, em Lisboa, uma recita em commemoração do 49.^o anniversario da morte do grande poeta e escriptor Almeida Garrett, fundador d'aquelle theatro.

Accidentes

SETEMBRO 21 — Hespanha — Cahe grande quantidade de neve nas montanhas da Catalunha.— **Africa** — Dá-se em Moçambique uma explosão no paiol da fortaleza de S. Sebastião, parecendo ficar inteiramente arruinada. Em consequencia da explosão ficam feridos 5 europeus e 84 pretos, e mortos 2 europeus e 4 pretos.

22 Hespanha — Dá-se em Vigo um temporal medonho, causando muitos prejuizos nos campos.— Em Santa Cruz de Tenerife sentem-se dois tremores de terra muito demorados.— Na bahia de Huelva, naufraga uma barca perecendo afogadas 7 pessoas.— **França** — Desenrola-se em Aix-les bains, um grande crime. E' encontrada morta uma atriz nova e galante chamada Eugenia Fougère. O roubo parece ter sido o movel do assassinio.

25 Servia — O sr. Marian Velkroitch deputado radical recentemente eleito, é morto em Stralatz com um tiro de revolver.— **Hespanha** — A diligencia que ia de Olot para Gerona volta-se, morrendo um passageiro francez e ficando quatro feridos com gravidade.

27 China — A peste fáz estragos em Pei-Tango. N'estes ultimos dois mezes tem havido 2.000 obitos. A media diaria é de 15 obitos.

28 Estados-Unidos — O comboio rapido da linha do «Southern Railway» cahe d'uma ponte, perto de Dauville, no Estado de Virginia. Ficam mortas 9 pessoas e feridas muitas outras.— **Silesia prussiana** — Rebenta um grande incendio na mina de Ficusus.

30 Hespanha — N'uma fabrica de cartuchos em Jetafe dá-se uma explosão de que resultou a morte d'uma mulher.

OUTUBRO 2 — Dão-se dois lamentaveis accidentes nos caminhos de ferro de Philadelphia e Chicago. No primeiro ficam feridas dezenove pessoas. No segundo morrem cinco pessoas e ficam feridas vinte e duas.

5 Noruega — O vapor norueguez «Urgevig» sossobra perto de Aalesund durante uma tempestade, afogando-se toda a tripulação composta de doze homens.— **Hollanda** — Vae a pique o lugre francez «Président Carnot» perecendo afogados treze homens.

8 Montevideo — Dá-se uma explosão no paiol da polvora da canhoneira «Rivera» ficando o commandante carbonizado. São numerosos os mortos, indo o navio a pique.

9 Allemanha — A infanta Mercedes, irmã do rei de Hespanha, dá uma queda em consequencia de collisão de automoveis, ficando ligeiramente ferida.

10 Portugal — Passa violentissimo cyclone na ilha da Horta. São enormes os prejuizos, tectos de casas destruidos, arvoredos arrancados, culturas anniquiladas e embarcações arrebataadas pelo mar, ficando muito arruinadas a estacada que defende a parte norte da cidade.

12 França — O sr. Avellar Lengruer, acompanhado de sua esposa, filha e cunhada mademoiselle Carvalho, com o seu secretario

Faria, brasileiro, e um *chauffeur*, tendo partido de Paris a Compiègne em automovel, quando chegam a Villers-Cotterets o automovel vae de encontro a um talude, quebrando se e morrendo no desastre o sr. Faria e o *chauffeur*, ficando gravemente feridas madame e mademoiselle Avellar.

18 Hespanha—Dá-se um choque de comboios em Monzon ficando mortas 8 pessoas, muitas rezes e quatorze wagones escangalhados.

21 França—Cesar Landermann, o supposto assassino de Eugénia Fougère, em Aix-les-bains, dispara um tiro de revolver na cabeça quando os agentes da segurança o prendem, morrendo sem ter feito a menor revelação.

22 Hespanha—Incendeiam-se os estaleiros dos irmãos Dassi, em Valencia. Os prejuizos são consideraveis.

25 Estados Unidos—Dez operarios quasi todos italianos morrem em Nova York, victimas d'um desabamento.

27 Russia—Em Kiew, na estação de Schmerinka dá-se uma explosão no caminho de ferro ficando feridas 57 pessoas.

31 Russia—Um abalo de terra destroe quasi completamente a cidade de Tiertchies, havendo numerosas victimas.

NOVEMBRO 1 — *Estados Unidos* — Dá-se um pavoroso incendio em Nova York, n'uma casa de muitos andares, morrendo 25 pessoas.— *Italia* — Manifesta se em Roma incendio nos aposentos do bibliothecario do Vaticano. Salvam-se todos os livros e manuscritos.

5 Hespanha — Abate na povoação de Mula o edificio onde estava estabelecido o Atheneu. No desmoronamento é arrastado tambem um grande estabelecimento que lhe ficava contiguo, havendo a lamentar tres mortes e ficando feridas gravemente desesete pessoas.

6 Hespanha—Arde a fabrica de tecidos da firma Larios. Os prejuizos são avaliados n'um milhão de pesetas.

7 Hespanha—Dá se em Malaga um temporal medonho, inundando a cidade e fazendo desabar muitas casas.

12 Estados Unidos—Está grassando no Estado de Texas a febre amarella, havendo noticia de 733 casos e 70 obitos.

15 França — O conde Kornis, rapaz de 25 annos, de origem hungara, que se achava estudando engenharia em Paris, é accommettido de um ataque de loucura, ferindo a tiros de revolver um condiscipulo, uma sua criada e o porteiro, suicidando-se em seguida.

21 Portugal — Dá-se um grave desastre na linha ferrea de Cascaes, descarrilando um dos comboios rapidos, ficando feridas e contusas muitas pessoas, e entre ellas a sr.^a duqueza de Palmella, felizmente sem gravidade.— *Pensylvania* — Manifesta-se em Lilly um incendio, preecendo 35 operarios italianos.

22 Hespanha—Abate em Gijon uma egreja em construcção, resultando ficarem duas pessoas mortas e algumas feridas.

24 California — Em S. Francisco a barca franceza «François Coppeé» naufraga proximo das ilhas de Salomon desaparecendo desesete homens da tripulação e o capitão.

26 Austria — Telegrapham de Vienna que uma caixa cheia de dynamite explodiu dentro da casa de um fabricante chamado Ganardelli em Ardning, Styria Superior, e se julga ter sido vingança de operarios despedidos.

29 Hespanha—Ha um horrivel temporal em San Sebastian. Alguns navios soffrem muitas avarias; a escuna *Echairen* sossobra, perecendo toda a tripulação; o mar apresenta um aspecto terrivel; as estradas ficam interrompidas; os rios Loyola e Uriola sahem fóra dos seus leitos; as brigadas de bombeiros salvam muita gente e muito gado.

30 França — E' violentissima a tempestade que açoita a costa do norte da França. A maior parte dos vapores sahidos dos portos francezes tiveram de arribar por não poderem seguir viagem.

DEZEMBRO 2 — *Hespanha* — Abate parte da abobada da cathedral de Toledo, na parte correspondente ao côro.

6 Italia — No porto de Guaro, perto de Veneza, na costa do Adriatico, o mar galga a praia e ameaça submergir a aldêa de Beavrei. Em Lucques, o rio Procia inunda os campos n'uma extensão de sete kilometros. Mais de mil habitantes teem as casas inundadas.

12 França — Na ponte de Alma é derrubada por uma pesada carroça uma carruagem que conduzia mademoiselle Diana Ogier d'Ivry filha do conde d'Ivry, antigo official e conhecido poeta, sendo levada com o craneo fendido para o hospital onde falleceu pouco depois.

13 Hespanha — Dá-se um grande desastre no caminho de ferro de Andaluzia, cahindo um comboio d'um terraplano em consequencia de esbroamento de terras entre Cordova e Baena, havendo quatorze pessoas mortas e muitas feridas.

NECROLOGIA

SETEMBRO 16 — O GENERAL DE DIVISÃO ANTONIO SEVERINO ALVES GALVÃO, em Lisboa, 71 annos. Era um official muito distincto.

17 — MARQUEZA DE SAMPAIO, em Lisboa, uma das senhoras mais distinctas da nossa antiga aristocracia. A sr.^a marquêza de Sampaio, exercia, ha muitos annos, o cargo de commendadeira do convento de Santos-o-Novo.

18 — DR. CARLOS EDUARDO DE SANDE SACADURA BOTTO, em Louzã, 69 annos, bacharel for-

mado em theologia, chantre da Sé Patriarchal e reitor do Seminario de Leiria.

19 — DR. PEREIRA CALDAS, em Braga, de avancada idade, decano do professorado portuguez, archeologo e escriptor. O finado era um entusiasta bibliographo. Por toda a parte, em sua casa se encontravam edições *princeps*, velhos manuscritos, exemplares raros, que pacientemente colhia nos alfarrabistas.

20 — CONSELHEIRO MANUEL THOMAZ FERREIRA

NOBRE DE CARVALHO, em Lisboa, distinguindo-se sempre tanto pela sua intelligencia e caracter primoroso como pelas facultades de trabalho, tendo conquistado uma posição brilhante pelo seu proprio esforço.

27 — DUQUE DE RICHMOND, em Londres, 85 annos, chefe de uma das casas mais antigas da aristocracia britannica. Possuia tambem os titulos de duque de Lennox, duque de Gordon e duque de Aubigny em França. Fez parte de diversos gabinetes no reinado da rainha Victoria, tendo sido, durante alguns annos, secretario de Estado para a Escocia. Foi tambem chanceller da Universidade de Aberdeen.

OUTUBRO 2 — CONTRA-ALMIRANTE LE DOC em Saigon, Industão, que commandava uma esquadra do Extremo Oriente.

— **GENERAL DE BRIGADA REFORMADO JOSÉ GONÇALVES DA FONSECA**, em Povoá de Varzim, 70 annos, condecorado com as commendas de Aviz, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa e de Christo.

7 — CONSELHEIRO JESUINO MARCONDES D'OLIVEIRA E SÁ, em Genebra, 74 annos, tendo occupado, em tempo do imperio brazileiro, os mais altos cargos publicos, tendo sido mais de 30 annos chefe do partido liberal da provincia do Paraná, e ministro das pastas das obras publicas, agricultura, commercio e industria.

10 — VISCONDE CASTELLO, em Braga, tendo sido delegado de saude e professor do lyceu.

12 — DR. VELLADO DA FONSECA, em Lamego, 27 annos, lente cathedratico da faculdade de philosophia, lugar que poucos conquistaram tão novos como elle, pois doutorou-se aos 23 annos incompletos, tendo sido despachado lente substituto no mesmo anno em que tomou capello. Pouco tempo regeu por ter sido eleito deputado e nomeado inspector das escolas normaes de Lisboa.

17 — CONSELHEIRO COSTA E ALMEIDA, no Porto, um dos membros mais em evidencia do partido progressista. Era membro da commissão executiva, de que já fôra presidente. Foi reitor interino do Lyceu Central, procurador á junta geral do districto, presidente da camara municipal e governador civil.

19 — BENTO MARIA FREIRE D'ANDRADE, vice-almirante reformado, em Lisboa, tendo feito uma carreira militar muito distincta, desempenhando varios cargos de alta cathegoria, em cujo exercicio se houve sempre com muita proficiencia e distincção.

20 — BARÃO DO JARDIM DO MAR, sr. Tristão Vaz Teixeira de Bettencourt Camara, 55 annos, no Funchal. Era proprietario e director do *Diario de Noticias* do Funchal e influente politico na Madeira.

21 — D. JOSÉ ANTONIO LOCIO, em Cascaes 78 annos. Era major reformado, tendo acompanhado como alferes porta-bandeira o regimento de infantaria 16 na revolução chamada da Maria da Fonte, entrando na batalha do Alto do Viso; em Setubal em 1 de maio de 1846, foi ferido na perna esquerda e reconhecendo-se a gravidade do ferimento, no campo lhe foi feita a amputação d'ella. Foi-lhe con-

cedida a pensão de sangue em 23 de abril de 1884.

27 — MAURICE ROLLINAT, em Ivry, arredores de Paris, autor dos livros *Paysages et Paysans*, *Apparitions*, e as *Nevroses*, além d'um grande numero de poesias soltas publicadas em varias revistas litterarias.

NOVEMBRO 1 — THEODORO MOMMSEN, em Charlotenbourg, Allemanha, 86 annos, eminente professor e historiador, dos primeiros sabios que na Europa se dedicou ao estudo das antiguidades.

3 — CONSELHEIRO ANTONIO ALBERTO DA ROCHA PARIS, em Vianna do Castello, chefe do partido progressista d'aquelle districto, tendo alli exercido repetidas vezes o cargo de governador civil, como tambem em Braga.

3 — DR. JOSÉ FILIPPE D'ANDRADE REBELLO, nas Caldas da Rainha, director do Real Hospital das Caldas.

4 — VERISSIMO GOMES, na ilha Brava, tendo morrido com 120 annos.

4 — JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES, em Lisboa, 80 annos. Foi um cultor primoroso dos estudos scientificos e das bellas lettras, deixando numerosos documentos d'essa cultura, já escrevendo com admiravel correcção, já ensinando com a maior sollicitude e discursando com erudita e brilhante linguagem.

8 — VICE-ALMIRANTE AUGUSTO IVO DE CAMPOS FERREIRA, em Lisboa, 61 annos, que durante largos annos exerceu com muita proficiencia o cargo de chefe do estado maior da maioria general da armada.

15 — DUQUE D'URSEL, em Bruxellas, presidente do senado.

16 — CONSELHEIRO ANTONIO PEREIRA CARILHO, em Paris, 68 annos. Exerceu differentes cargos publicos e era director geral da contabilidade publica, presidente do conselho de administração e da commissão executiva da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, tendo sido em successivas legislaturas deputado ás côrtes, e vigoroso jornalista, distinguindo-se na discussão de assumptos economicos e financeiros.

17 — DR. ANTONIO XAVIER CORDEIRO, em Ponta Delgada, 59 annos, distincto poeta e digno juiz da Relação dos Açores.

22 — CONSELHEIRO JOÃO CÉSARIO DE LACERDA, em Lisboa, 62 annos, antigo governador da provincia de Cabo Verde, tendo exercido no continente e nas colonias muitas outras commissões e cargos importantes.

26 — DR. ACHILLES ADRIANO PROUST, em Paris, 69 annos, medico francez, membro da Academia de Medicina. Deixa diversas obras sobre medicina, sendo das mais notaveis um bello volume intitulado *Ensaio sobre a hygiene internacional e suas applicações contra a peste, o cholera e febre amarella*.

26 — DR. ANTONIO AUGUSTO DA COSTA SIMÕES, em Mealhada, Portugal, 84 annos, lente jubilado da faculdade de medicina e ex-reitor da Universidade. Era uma figura proeminente na sciencia medica portugueza.

30 — GENERAL ANTONIO CESAR BARROSO, em Lisboa, 71 annos.

DEZEMBRO 1 — CONDESSA DE SABUGAL, em Lisboa, dama honoraria de sua magestade a rainha e uma das senhoras da velha aristocracia portugueza.

8 — HERBERT SPENCER, em Londres, 83 annos, philosopho inglez, tendo exercido as funcões de engenheiro civil e publicado grande numero de obras philosophicas que o collocaram na primeira fila dos pensadores do seu tempo. Herbert Spencer, impoz-se, pois, á admiracão do mundo intellectual.

9 — VISCONDESSA DE SOVERAL, em Lisboa, 90 annos, veneranda titular. Era descen-

dente de uma illustre familia ingleza, e des tacava-se na sociedade elegante pelas suas altas virtudes e excepçoes dotes de espirito.

9 — GENERAL JOÃO MARIA RODARTE, em Lisboa, 71 annos, tendo sido por bastantes annos governador da praça d'Elvas.

10 — VISCONDESSA DE RIO SADO, em Lisboa.

11 — VICE ALMIRANTE PEREIRA SAMPAIO, em Lisboa, 63 annos de idade.

14 — CONDESSA DE MESQUITELLA, em Lisboa. Pertencia á familia Motta e Silva, de velha nobreza minhota.

THEATROS

OUTUBRO 20 — O REI MALDITO, drama em 4 actos e 6 quadros, do sr. Marcelino de Mesquita. (Theatro do Principe Real).

NOVEMBRO 7 — MAGDA, peça de Sudermann, em 4 actos, traducção portugueza do sr. Pedro Videira. (Theatro D. Amélia).

7 — CASADOS SOLTEIROS, comedia em 3 actos, traducção livre do allemão do sr. Xavier Marques. (Theatro do Gymnasio).

14 — DOLORES, drama de Feliu e Codina, em 3 actos, variante em verso portuguez do sr. Coelho de Carvalho. (Theatro de D. Maria).

19 — A ENCRUZILHADA, comedia em 1 acto, original do sr. Silva Gayo. — TRAGEDIA ANTIGA,

comedia em 1 acto, original do sr. Cesar Porto. — AUTO PASTORIL, em 1 acto e em verso, original do sr. Pedroso Rodrigues. (Theatro D. Amélia, recita especial do concurso dramatico do jornal *O Dia*).

DEZEMBRO 4 — O BODE EXPIATORIO, comedia em 5 actos, traducção livre do allemão, pelo sr. Freitas Branco. — MALDITA PULSEIRA, comedia original n'um acto, do sr. Alvaro Caminha. (Theatro do Gymnasio).

5 — O HOMEM DAS MEIAS, opereta em 3 actos, revista-parodia do sr. Baptista Diniz, com musica do maestro sr. Symaria, á peça O HOMEM DAS MANGAS. (Theatro Rua dos Condes).

PHOTOGRAPHIA PRATICA

Dada a vulgarização sempre crescente da arte photographica entre amadores, que d'elle fazem agradavel entretenimento, daremos com a regularidade possivel n'esta secção, noticia de processos, formulas, machinas ou inventos, que possam ser praticamente utilizaveis.

Instantaneos das ceremonias publicas

A' maior parte dos amadores photographicos que se dedicam á reproducção de scenas da actualidade, de preferencia aos trabalhos de atelier, julgamos prestar um grande auxilio, transcrevendo de um interessante livro ultimamente publicado por mr. A. Reyner, com o titulo *Manuel pratique du Reporter photographe et de l'Amateur d'instantané*, os seguintes conselhos sobre a maneira de operar afim de obter instantaneos das ceremonias publicas e outros.

Este genero de trabalho pertence não só ao amator de instantaneos como ao reporter photographo, e exige qualidades especiaes de estudo e de saber escolher os melhores pontos para se obter um resultado satisfatorio.

E' entre a multidão muitas vezes compacta que o photographo tem de trabalhar, vendo-se obrigado a romper em todos os sentidos afim de procurar, senão a melhor posição, pelo menos um logar de onde possa obter uma vista de conjuncto rasoavel ou aproveitar uma nesga que lhe permita recolher um

fragmento importante da scena principal, circulando constantemente para tomar outras vistas differentes, sendo indispensavel o saber evitar os encontrões e caminhar a favor das ondas do povo afim de proteger a sua machina e evitar uma quédá da mesma, sempre deploravel.

As inaugurações dos monumentos, os cortejos, as revistas, as ceremonias publicas são occasiões em que o photographo tem de fazer trabalho de reportagem. Ha ainda algumas operações particulares, como, as *interviews* em domicilio, onde os jornalistas teem occasião de utilizar o apparelho photographico, mas na maior parte das vezes, devido á má distribuição da luz, teem de lutar, não podendo sempre contar com o resultado de um instantaneo. A photographia demorada ou de *pose* é obrigatoria, não podendo na maior parte dos casos o operador contar com a paciencia do entrevistado, muito satisfeito, em geral, de occupar a attenção publica durante alguns instantes. Deixaremos de lado esta parte especial das occupações do reporter photographo.

Em todas as occasiões o operador deve

fazer o possível para se collocar n'um sitio descoberto afim de poder abrir o obturador no momento propicio. Logo que se tenha de photographar uma scena cujos actores e espectador se encontram n'uma immobildade relativa, e estando a attenção de todos concentrada n'um ponto, a operação é relativamente facil.

Não succede o mesmo logo que se trate de photographar um cortejo. Se o operador conseguiu encontrar um lugar livre só deverá abrir o obturador quando os personagens principaes estiverem bem á vista e que a guarda avançada tenha passado e que ninguem venha collocar-se no campo da objectiva. Logo que a chapa esteja impressionada convem correr a procurar um outro ponto determinado anteriormente com o maior cuidado, afim de colher outra phase da cerimonia a não ser que o cortejo seja tão longo que se possa no mesmo lugar tirar os grupos principaes. Estas operações serão repetidas tantas vezes quantas mereça a importancia da cerimonia.

Se o photographo se encontrar perdido no meio da multidão, o que succede frequentemente ao amator que não obteve um passe de livre transito, deve no emtanto procurar qualquer meio de impressionar algumas chapas. O meio mais simples é procurar um lugar de onde possa dominar a multidão sem ter de se afastar demasiadamente. Um para-peito de uma janella, o limiar de uma porta, um banco, um monte de cascalho ou de areia offercerão uma elevação necessaria para se obter uma vista interessante; á falta d'este expediente, fica o recurso de levantar a machina e de operar ao acaso, apontando a objectiva na direcção da scena interessante. Alguns apparatus teem os *visours* dispostos

de maneira que permitem examinar a imagem mesmo quando a machina fique elevada acima da cabeça; estes apparatus são preciosos n'estas occasiões.

Para se obter provas interessantes d'estas ceremonias é conveniente fazer dois clichés: o 1.º da vista em globo reproduzindo o cortejo, os espectadores e o local, tudo, bem entendido n'uma escala reduzida; e 2.º a vista especial que mostre, n'uma escala maior, as scenas capitaes.

Para a vista do conjuncto, é de toda a vantagem occupar um lugar elevado afim de ter um plano bastante livre e obter uma imagem que dê bem a impressão de uma multidão compacta.

Como n'estas operações é difficil saber-se as condições de luz em que se estará collocado, é conveniente carregar a machina com chapas anti-halo afim de assegurar quanto possível a pureza da imagem.

A paisagem, ou o fundo que se dá ao assumpto principal, não é indifferente. A maior parte das vezes elle depende das proprias circumstancias, e é difficil senão impossivel escolhel-o de maneira a que elle contribua a dar á imagem um aspecto artistico e sobretudo fazendo o possível para attenuar o cunho de banalidade que é attribuido, com alguma razão, á photographia.

Para escolher um ponto de vista com um fundo agradável, é necessario conhecer o local onde tem de se trabalhar. Por consequencia é muito util, logo que as circumstancias o permitam, fazer previamente uma excursão de reconhecimento no trajecto que deve seguir o cortejo afim de determinar, segundo o programma da festa, os logares mais favoraveis para obter ao mesmo tempo uma imagem artistica e documental.

(Continúa).

PACIENCIAS

A Bella das Bellas

(Dois jogos completos)

Distribuem-se as cartas em 35 montes de 3 cartas cada um, excepto o ultimo que só terá 2 cartas. As tres cartas de cada monte devem ser collocadas em fórma de leque, e da maneira mais commoda, mas espaçadas de fórma a não se misturarem.

O fim d'esta paciencia é obter 8 gerarchias ascendentes compostas de cartas da mesma familia, começando em az e terminando em rei.

Tiram-se dos leques todos os *azes* caso elles estejam superiores ás duas cartas restantes e em seguida as que se possam juntar aos *azes* para formar as familias; mas como póde succeder que as de maior valor se en-

contrem sobre as de menor, é permittido desembaraçal-as, collocando-as sobre as cartas superiores todas as do mesmo naipe que em ordem descendente se unam immediatamente; portanto, sobre um *nove de ouros* collocar-se-ha um *oito*, sobre este um *sete*, depois um *seis* e assim a seguir. Como não é possível collocar os *reis* sobre qualquer outra carta para desembaraçar as que lhe ficam inferiores, deve fazer-se a diligencia para completar as series a que ellas pertencem.

Se se chegar a occasião em que não seja possível dispôr de cartas do monte, a paciencia não se considera feita.

DAMAS

Publicamos a seguir, o jogo realizado entre o sr. M. L. da Cruz, insigne jogador portuguez e o sr. J. L. P. um dos melhores jogadores da actualidade.

O primeiro jogou com as pedras pretas, e ficou vencedor.

Sahida á Brasileira

| | | | | |
|-------|-------|-------|-------|--------|
| 11-15 | 22-15 | 6-10 | 12- 8 | 15-18 |
| 24-20 | 10-28 | 31-27 | 18-25 | 30-21 |
| 8-11 | 25-22 | 5- 9 | 17-14 | 18-27 |
| 28-24 | 11-15 | 22-17 | 3-12 | 32-23 |
| 4- 8 | 26-23 | 9-13 | 27-23 | 28-32 |
| 23-19 | 8-11 | 25-22 | 10-17 | |
| 12-16 | 29-25 | 1- 5 | 19- 3 | Ganham |
| 19-12 | 9-14 | 23-19 | 11-15 | as |
| 15-18 | 27-24 | 14-18 | 21-14 | pretas |

Sahida á Portugueza

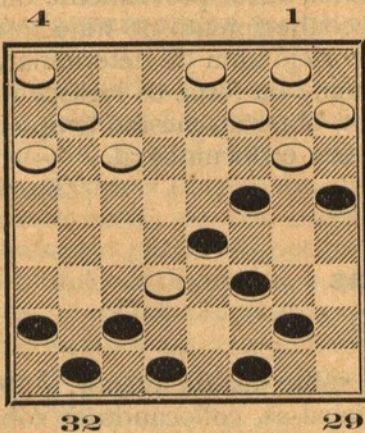
O seguinte jogo é o que se realizou, entre o nosso illustre contendor e nós, o qual ficou empatado. Como os nossos pobres ficassem logrados com este resultado, propoemos novo desafio, sustentando a nossa aposta, o que foi accite.

| | | | | |
|-------|-------|-------|-------|----------|
| 11-15 | 23-14 | 6-10 | 19-16 | 12-16 |
| 22-18 | 10-17 | 25-22 | 12-19 | 24-20 |
| 15-22 | 21-14 | 10-17 | 27-24 | 5- 9 |
| 25-18 | 6-10 | 22-13 | 20-27 | 13- 6 |
| 12-16 | 29-21 | 8-11 | 31- 8 | 2- 9 |
| 29-25 | 10-17 | 24-19 | 3-12 | 20-11 |
| 16-20 | 21-14 | 4- 8 | 28-24 | |
| 18-14 | 1- 6 | 26-22 | 7-10 | Empatado |
| 9-18 | 30-25 | 8-12 | 22-18 | |

PROBLEMA VII

Por JULIO PEREIRA DA SILVA

Branças em 1, 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 23.



Pretas em 13, 14, 18, 22, 25, 27, 28, 30, 31, 32.

Jogam as brancas e ganham.

Resolução do problema V

Branças em 2, 5, 6, 8, 11, 12, 16, 17, 20.

Pretas em 15, 19, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32.

Jogam as pretas e ganham:

| | | | |
|-------|-------|-------|---------------|
| 21-14 | 6-15 | 27- 4 | 12-16 |
| 11-18 | 23-14 | 20-27 | 4-15 |
| 14-10 | 16-23 | 32-23 | Ganh. pretas. |

Resolução do problema VI

Branças em 2, 5, 8, 12, 17, 18, 19.

Pretas em 9, 14, 16, 26, 27, 30. Dama em 3.

Jogam as pretas e ganham.

| | | | |
|-------|-------|-------|------------|
| 11-10 | 26-22 | 16-11 | 3-10 |
| 5-14 | 17-26 | 8-15 | |
| 27-23 | 30-23 | 10- 7 | Ganham |
| 18-27 | 19-26 | 2-11 | as pretas. |

Correspondencia

Resoluções recebidas. — Dos srs. Luiz Prestrello, Batalha Reis, Liggia, dr. Cortez (Vizeu), F. Correia (Parada de Gonta), Padre José Vasconcellos, Soveral, Afonso Gama, Padre Moura (Vizeu), Navarro (Luzo), E. John (Monte Estoril), Lima, Carlos Syder.

Silveira.—Obrigado pelo problema está já marcado para publicação.

Julio Pereira da Silva. — Publicamos o seu problema e esperamos que continue.

E. John.—Obrigado. São regras geraes que ha que respeitar. Seu problema é muito engenhoso; está marcado para publicação.

Publicações.—Acha-se á venda a *Guia do Jogo de Damas* livro que recommendamos aos nossos leitores.

Advertencia. — Não esquecer a numeração do taboleiro da direita para a esquerda, e que os problemas, jogos e soluções, devem ser enviadas á nossa redacção até o dia 15 de cada mez.

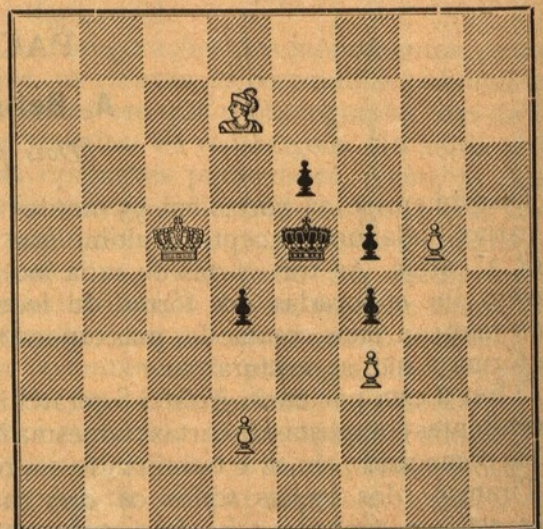
J. S.

Resolução do problema de xadrez do numero anterior

- | | |
|--------------------------|-------------------------|
| • BRANCOS | PRETOS |
| 1. C 1 T R | 1. C Ra joga. |
| 2. C 3 T Ra xeque e mate | 1. C R joga |
| 2. B 1 B R xeque e mate | 1. T toma P Ra |
| 2. C toma T xeque e mate | 1. mesma T joga |
| 2 B 7 Ra xeque e mate | 1. T toma P B R ou joga |
| 2. Ra 3 Ra xeque e mate | |

XADREZ

PRETOS (5 peças)



BRANCOS (5 peças)

Os brancos jogam e dão mate em tres lanços